

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Dedico esta obra ao verme que primeiro devorou meu corpo.

Prólogo da terceira edição

A primeira versão destas Memórias Póstumas de Brás Cubas foi publicada em partes na Revista Brasileira, em 1880. Depois, ao transformar o texto em livro, fiz algumas correções. Para esta terceira edição, revisei o material de novo e tirei umas poucas linhas. Agora, o livro está novamente disponível, e parece que conquistou algum carinho do público.

O historiador Capistrano de Abreu, ao falar do livro, perguntou: "As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance?" Outro amigo, Macedo Soares, lembrou em uma carta Viagens na minha terra, de Almeida Garrett, talvez pensando em algo similar. Em resposta, Brás Cubas dizia que sim e não ao mesmo tempo: seria romance para alguns, mas talvez não para outros. Já Brás Cubas mesmo comentou que era um livro meio desordenado, onde ele misturava humor com certa amargura.

O que faz deste livro algo especial é esse "pessimismo" de Brás Cubas. Embora pareça leve, tem algo de amargo e crítico, diferente de outras obras. Prefiro não comentar muito para não criticar o estilo de um autor que, como um morto, achou que essa era a melhor forma de contar sua história.

— Machado de Assis

Ao Leitor

Stendhal confessou que escreveu um de seus livros para cem leitores, o que pode surpreender e até desapontar. O que não seria tão surpreendente é se este livro aqui não alcançar cem leitores, nem cinquenta, nem vinte; com sorte, talvez dez. Ou cinco. É um livro um tanto confuso, onde misturei liberdade de estilo com um toque amargo. Escrevi-o como quem brinca, mas com uma tinta de tristeza. Alguns podem achar que é um romance, outros que não é nada disso. Talvez por isso ele não conquistou nem os leitores sérios nem os mais descontraindo, que são quem mais dá valor a uma obra.

Mesmo assim, espero conquistar algum carinho do público. E, para isso, o primeiro passo é evitar um prólogo longo e detalhado. Prefiro um prólogo curto, que diga o mínimo necessário. Não contarei aqui sobre o método curioso que usei para escrever essas memórias, que foram produzidas do outro lado da vida. Seria algo interessante, mas muito longo e desnecessário para o entendimento do livro. Se este livro te agradar, leitor amigo, fico satisfeito; se não, me despeço com um leve toque, e adeus.

— Brás Cubas

CAPÍTULO PRIMEIRO - MORTE DO AUTOR

Por um tempo, hesitei sobre como começar estas memórias: pelo meu nascimento ou pela minha morte? O costume é começar pelo nascimento, mas duas razões me fizeram escolher a morte: primeiro, porque eu sou um

"defunto autor" e não um "autor defunto"; segundo, porque assim o livro ficaria mais original. Moisés, por exemplo, só contou sua morte no final.

Pois bem, morri às duas da tarde de uma sexta-feira de agosto, em 1869, na minha chácara no Catumbi. Tinha sessenta e quatro anos, estava bem de vida, com cerca de trezentos contos, e fui ao cemitério com apenas onze amigos. Onze amigos! Não houve anúncios nem avisos, e ainda por cima chovia uma garoa triste e constante. Um dos amigos, no discurso de despedida, disse que até a natureza parecia chorar minha perda, com aquelas nuvens escuras como um luto no céu.

Esse amigo foi leal. Não me arrependo das apólices que deixei para ele. E assim encerrei meus dias, indo para o "país desconhecido" que Hamlet mencionou, mas sem a angústia dele, apenas como alguém que sai tarde e cansado de um espetáculo. Poucos me viram partir, incluindo minha irmã Sabina, casada com Cotrim, e uma terceira senhora, que foi a que mais sofreu, embora não fosse parente. Essa mulher, ainda que não se jogasse ao chão, parecia realmente abalada.

— "Morto! morto!" dizia ela em pensamento.

Enquanto ela se perdia em lembranças, eu fui ouvindo os sons da chuva nas folhas do jardim, os soluços das pessoas ao meu redor e o barulho de uma navalha sendo amolada do lado de fora. A música da morte foi menos triste do que parece. Em certo momento, cheguei até a achar prazerosa. Senti a vida se esvaindo aos poucos, e fui me tornando nada, como uma pedra, como lama, ou talvez menos que isso.

Morri de pneumonia, mas, se lhe disser que foi mais por uma grande ideia que tive do que pela doença, você talvez duvide, mas é verdade.

CAPÍTULO II - O REMÉDIO

Uma manhã, enquanto caminhava pelo quintal, uma ideia surgiu na minha cabeça. Começou a se mexer e a dar cambalhotas, como se me desafiasse: "Decifra-me ou te devoro".

A ideia era inventar um remédio especial, um emplastro para curar a tristeza das pessoas. Escrevi ao governo pedindo apoio, destacando como seria um benefício para todos. Claro que esperava ganhar dinheiro com isso, mas, sendo honesto, o que mais me empolgava era ver o nome "Emplastro Brás Cubas" estampado por toda parte. Eu gostava da fama e da atenção que isso traria, algo que talvez alguns chamem de vaidade. Meu projeto, então, tinha duas faces: o desejo de ajudar e a vontade de ser conhecido.

Um tio, religioso, dizia que buscar fama era errado e que deveríamos nos preocupar apenas com a glória eterna. Já outro tio, militar, achava que o desejo de glória fazia parte do que é ser humano. Deixo a escolha ao leitor sobre quem estava certo e volto ao meu remédio.

CAPÍTULO III - A FAMÍLIA

Já que mencionei meus tios, vou contar um pouco sobre a minha família.

O fundador da nossa família foi Damião Cubas, um tanoeiro (fazedor de barris) do Rio de Janeiro, no século XVIII. Se ele tivesse ficado só nesse trabalho, teria morrido pobre, mas ele se tornou agricultor e ganhou dinheiro. O filho dele, Luís Cubas, estudou, se destacou e foi amigo do vice-rei, Conde da Cunha. Desde então, passamos a contar a história da família a partir dele.

Meu pai, bisneto de Damião, não gostava que nosso sobrenome lembrasse o ofício de tanoeiro, então inventou que nosso nome veio de um herói que roubou cubas (barris) dos mouros. Ele também tentou ligar nossa família ao famoso Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente. Quando não conseguiu, criou a história das trezentas cubas mouro.

Ainda tenho alguns parentes vivos, como minha sobrinha Venância, uma dama encantadora, e o pai dela, Cotrim. Mas vamos deixar essas histórias de lado por enquanto e voltar ao emplastro.

CAPÍTULO IV - A IDEIA FIXA

A minha ideia do emplastro virou uma obsessão. Cuidado, leitor, com ideias fixas, pois elas podem dominar a vida de uma pessoa. Veja o exemplo de Cavour e sua luta pela unificação italiana. Às vezes, uma ideia fixa pode fazer de alguém um grande líder ou levá-lo à loucura.

Minha ideia era tão fixa que não consigo compará-la com nada. A lua? As pirâmides? Não sei... E se você prefere histórias a reflexões, tenha paciência, pois lá chegaremos. Este livro é escrito devagar, com o olhar de quem já não tem pressa, uma mistura de filosofia e diversão. É um pouco mais do que um passatempo, mas sem ser um tratado sério.

Então, vamos voltar ao emplastro. Mesmo sem ter lutado em guerras históricas, penso que, se Oliver Cromwell estivesse aqui, ele poderia ter imposto aos ingleses o meu emplastro! Não ria; muitas ideias nascem à sombra de grandes momentos históricos e, às vezes, sobrevivem a eles.

CAPÍTULO V - EM QUE APARECE A ORELHA DE UMA SENHORA

Enquanto trabalhava no meu remédio, um golpe de vento me atingiu. Fiquei doente, mas ignorei os sintomas por estar tão focado na invenção. No dia seguinte, piorei e comecei a me tratar, mas de forma descuidada. Assim foi que acabei morrendo. Já contei que foi numa sexta-feira, um dia de azar. A minha invenção, de certa forma, foi o que me matou.

Talvez eu pudesse ter vivido até bem mais velho e até sair nos jornais como alguém de saúde exemplar. Mas a vida é cheia de imprevistos, como esse vento inesperado que mudou tudo.

Com essa última reflexão, lembro da mulher do primeiro capítulo, que apareceu em meus últimos dias, bela mesmo em sua idade avançada. Ela e eu tivemos um romance no passado, e numa dessas noites em que eu estava doente, a vi surgir à porta do meu quarto...

Capítulo VI - Chimène, quem poderia ter dito? Rodrigue, quem poderia ter acreditado?

Vejo Virgília aparecer na porta do quarto, pálida, emocionada, vestida de preto. Ela fica ali por um minuto, sem coragem de entrar, talvez por causa de um homem que estava comigo. Eu, deitado na cama, fiquei olhando para ela, sem dizer nada ou fazer qualquer gesto. Fazia dois anos que não nos víamos, e agora eu a via não como ela era hoje, mas como foi um dia, como éramos os dois. Como se o tempo voltasse para nossos dias de juventude. Esse momento de saudade fez com que eu esquecesse as dores, como se isso fosse mais forte que o tempo, que nos envelhece e destrói.

Acreditem, o melhor mesmo é recordar; não confiem na felicidade do presente, que sempre tem um gosto amargo. Com o tempo, as emoções se acalmam, e aí sim, podemos talvez sentir prazer de verdade, porque, entre essas duas ilusões da vida, a lembrança dói menos.

Mas a lembrança não durou muito; a realidade logo voltou e o presente afastou o passado. Talvez eu explique depois, em algum outro ponto deste livro, minha ideia das "versões" das pessoas. O que importa agora é que Virgília, esse era seu nome, entrou no quarto com calma e seriedade, condizente com sua idade e sua roupa, e veio até a minha cama. O outro homem se levantou e saiu. Era um conhecido que me visitava todos os dias para falar de política e economia – assuntos muito "importantes" para um moribundo. Assim que ele saiu, Virgília ficou em pé, e nós ficamos nos olhando em silêncio por um tempo. Quem diria? De um grande amor, uma paixão intensa, agora só restavam ali, vinte anos depois, duas pessoas cansadas da vida. Virgília tinha agora uma beleza madura, um ar mais sério e maternal. Não estava tão magra quanto da última vez que a vi, num baile de São João na Tijuca, e, apesar de ter envelhecido bem, seus cabelos escuros já tinham alguns fios brancos.

– Visitando os mortos? – perguntei. – Mortos! – respondeu ela com um sorriso irônico. E depois de apertar minhas mãos, completou: – Só estou colocando os preguiçosos para fora.

Ela já não tinha aquele carinho de antigamente, mas sua voz ainda era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava sozinho, em casa, com um enfermeiro, então podíamos conversar sem problemas. Virgília começou a me contar as novidades do mundo lá fora, com um certo tom malicioso que sempre animava as conversas. E eu, prestes a morrer, sentia prazer em ironizar a vida e em pensar que não estava deixando nada importante para trás.

– Que pensamentos são esses! – disse Virgília, meio irritada. – Olha que eu não volto mais. Morrer! Todos nós vamos morrer um dia, é só estarmos vivos.

Ela olhou para o relógio e se assustou: – Jesus! Já são três horas. Vou indo. – Já? – Sim, volto amanhã ou depois. – Não sei se é uma boa ideia – respondi. – O doente aqui é solteiro, e não há nenhuma senhora na casa... – Sua irmã? – Ela virá passar uns dias, mas só chega no sábado.

Virgília pensou um pouco, deu de ombros e disse com seriedade: – Estou velha! Ninguém repara mais em mim. Mas, para evitar falatórios, vou trazer o Nhonhô.

Nhonhô era seu filho, o único de seu casamento, que, quando tinha cinco anos, ainda sem saber, foi um pequeno cúmplice dos nossos encontros. Vieram juntos dois dias depois, e confesso que, ao vê-los no meu quarto, fiquei um pouco envergonhado e nem consegui responder ao cumprimento amigável do rapaz. Virgília percebeu e disse ao filho:

– Nhonhô, não liga para esse teimoso. Ele está se fazendo de doente para todos acharem que está morrendo.

O filho sorriu, acho que eu também sorri, e logo tudo virou brincadeira. Virgília estava tranquila e sorridente, com a aparência de uma pessoa irrepreensível. Nenhum olhar ou gesto que pudesse sugerir qualquer coisa errada; ela tinha controle sobre si mesma, uma calma que parecia rara. Quando o assunto tocou, por acaso, em um caso de amor meio escondido, vi que ela falava com desprezo da mulher em questão, que era sua amiga. O filho parecia orgulhoso ao ouvir essa fala firme da mãe, e eu pensava no que os outros diriam de nós, se estivessem observando...

Era o meu delírio começando.

CAPÍTULO VII / O DELÍRIO

Acho que ninguém descreveu seu próprio delírio antes; vou fazer isso, e talvez a ciência me agradeça. Se o leitor não se interessa por esses fenômenos mentais, pode pular o capítulo e seguir para a história. Mas, mesmo que não seja muito curioso, digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça por uns vinte ou trinta minutos.

Primeiro, me imaginei como um barbeiro chinês, gordo e ágil, fazendo a barba de um mandarim, que pagava o trabalho me beliscando e dando doces. Coisa de mandarim.

Depois disso, senti que me transformei no livro Suma Teológica de São Tomás de Aquino, encadernado em couro e com fechos de prata. Isso me deixou completamente imóvel. Lembro que, com as mãos cruzadas sobre a barriga, alguém (talvez Virgília) descruzava-as, porque assim eu parecia um defunto.

Por fim, voltei à forma humana e vi um hipopótamo chegando e me levando embora. Fiquei calado, sem saber se por medo ou confiança. Em pouco tempo, a velocidade ficou tão intensa que decidi falar com ele, dizendo que parecia uma viagem sem destino.

– Está enganado – respondeu o hipopótamo –, estamos indo para a origem dos tempos.

Comentei que devia ser muito longe, mas ele não respondeu, e quando perguntei se era parente do cavalo de Aquiles ou da jumenta de Balaão, ele só abanou as orelhas. Fechei os olhos e deixei que me levasse. Confesso que sentia uma curiosidade de saber onde era a tal "origem dos

tempos", se era misteriosa como a origem do Nilo. Com o tempo, a viagem foi ficando mais fria, e achei que estávamos chegando em uma região de gelo eterno. Quando abri os olhos, vi que estávamos numa planície branca de neve, rodeados de grandes figuras também feitas de neve. Tudo era neve; até o sol parecia de neve. Tentei falar, mas só consegui murmurar:

— Onde estamos?

— Já passamos do Éden.

— Então, vamos parar na tenda de Abraão?

— Estamos indo para trás no tempo! — respondeu o hipopótamo, rindo.

Fiquei confuso e um pouco cansado. A viagem começou a parecer absurda e incômoda. Pensei: mesmo que cheguemos ao destino, talvez os séculos fiquem bravos por revelarmos sua origem e tentem me esmagar. Enquanto refletia, continuávamos correndo, até que o animal parou e eu pude olhar ao redor. Só vi neve, até o céu, antes azul, agora era branco. Em alguns momentos, parecia haver alguma planta grande balançando ao vento. Aquele lugar era tão quieto quanto um túmulo; parecia que tudo ali estava paralisado diante do homem.

Então, apareceu uma figura imensa de mulher, com olhos brilhantes como o sol. Tudo nela era gigante e impossível de entender completamente. Sem saber o que dizer, fiquei olhando, e depois perguntei quem era e como se chamava.

— Me chamam de Natureza ou Pandora; sou sua mãe e sua inimiga.

Ao ouvir "inimiga", dei um passo para trás, assustado. Ela riu alto, e a risada parecia um vento forte que entortava as plantas ao redor.

— Não tenha medo — disse ela —, minha inimizade não mata; ela existe justamente porque você vive. Você vive, e isso já é sofrimento suficiente.

— Vivo? — perguntei, apertando as mãos para ter certeza de que estava ali.

— Sim, você está vivo. Não se preocupe, ainda vai experimentar mais umas poucas horas de sofrimento e miséria. Mesmo enlouquecido, você está vivo. E se, em algum momento, sua consciência voltar, você ainda vai querer viver.

Ao dizer isso, a visão me ergueu pelos cabelos e me levantou no ar, como se eu fosse uma pena. Então, vi de perto seu rosto enorme e sem expressão de raiva ou ódio, só uma calma assustadora e indiferente. Parecia ser jovem, mas com uma força e vitalidade que me faziam sentir fraco e velho.

— Entendeu o que eu disse? — perguntou.

– Não, e nem quero entender. Você é absurda, uma fábula. Estou sonhando ou louco. A Natureza que conheço é só mãe, não inimiga, e não faz da vida um castigo. E por que Pandora?

– Porque carrego todos os bens e males, e o maior de todos: a esperança, que consola os homens. Está com medo?

– Sim, seu olhar me hipnotiza.

– Eu não sou só a vida; sou também a morte, e você está quase devolvendo o que te emprestei.

Quando disse isso, senti que meu corpo estava se desfazendo. Olhei para ela com medo e pedi mais alguns anos de vida.

– Pobre mortal! – disse ela. – Para que quer mais um pouco de tempo? Para ver e ser visto, e depois desaparecer? Já conhece o suficiente: o dia, o entardecer, a noite, os momentos da Terra e o sono, o maior presente que lhe dei. O que mais quer?

– Só quero viver, nada mais. Quem me deu essa vontade de viver, senão você?

– Porque não preciso mais de você. Para o tempo, o minuto passado não importa, só o próximo. Cada minuto acredita que traz a eternidade, mas traz a morte, e logo passa, mas o tempo continua. O mundo é assim: um devora o outro para continuar.

Então ela me levou para o alto de uma montanha. Olhei para baixo e vi todos os séculos passando, com todas as pessoas e emoções, todas as guerras e ódios, a destruição constante. Era a história da Terra e da humanidade, tudo junto e muito intenso. Vi as dores e alegrias, a glória e a miséria, e percebi que todas as emoções agitavam a vida humana até o ponto de destruí-la. As dores às vezes davam espaço à indiferença, como um sono sem sonhos, ou ao prazer, que na verdade também era uma forma de dor.

Enquanto via esse desfile de tempos e sentimentos, soltei um grito de angústia, que Natureza ou Pandora ignorou. Sem saber por quê, comecei a rir, um riso descontrolado.

– Você tem razão, a coisa é engraçada – eu disse. – Talvez monótona, mas engraçada. Vamos, Pandora, me consuma, me absorva; a coisa é engraçada, mas termine logo.

Ela me obrigou a olhar para os séculos que continuavam passando, rápidos e agitados. Eu tentei fugir, mas uma força me prendeu. Então pensei: "Bem, os séculos vão passando; chegará o meu e também passará, e talvez o último revele o segredo da eternidade."

CAPÍTULO VIII / RAZÃO CONTRA A SANDICE

O leitor já deve ter entendido que minha Razão estava voltando e pedindo que a Loucura saísse, dizendo, como Tartufo: "A casa é minha, você é quem deve sair."

Mas a Loucura gosta de se instalar nas casas dos outros. Uma vez lá, é difícil tirá-la. Então, quase houve uma briga na porta do meu cérebro, porque a Loucura não queria sair, e a dona da casa, a Razão, não queria ceder. No final, a Loucura pediu só um cantinho.

— Não, estou cansada de ceder espaço para você — disse a Razão. — Você sempre vai querer ocupar a casa inteira.

A Loucura ainda tentou insistir, dizendo que estava quase descobrindo um mistério, mas a Razão deu uma risada, segurou-a pelos pulsos e a arrastou para fora, fechando a porta. A Loucura ainda fez caretas, mas logo desistiu e foi embora.

CAPÍTULO IX / TRANSIÇÃO

Vejam agora como, com jeito e sem esforço, eu faço a maior transição deste livro. Meu delírio começou na presença de Virgília; ela foi o grande amor da minha juventude; juventude que veio depois da infância, e infância, por sua vez, veio com o meu nascimento. E assim, naturalmente, chegamos ao dia 20 de outubro de 1805, quando nasci. Viu como não tem interrupção, nada que distraia o leitor? Dessa forma, o livro mantém as vantagens de uma narrativa organizada, mas sem a rigidez. Na verdade, já era hora de fazer isso. Organização é importante, mas é melhor sem exageros, como alguém que se veste sem se preocupar com os olhares alheios. Vamos ao dia 20 de outubro.

CAPÍTULO X / NAQUELE DIA

Naquele dia, a árvore da família Cubas deu uma nova flor: eu nasci. Fui recebido nos braços de Pascoela, uma famosa parteira do Minho, que se orgulhava de já ter trazido ao mundo uma geração inteira de nobres. Não duvido que meu pai tenha ouvido suas histórias e, talvez por isso, deu-lhe um bom pagamento. Assim que fui limpo e embrulhado, virei o centro das atenções da casa. Cada pessoa fazia um prognóstico sobre meu futuro. Meu tio João, ex-oficial de infantaria, achava que eu tinha um olhar parecido com o de Napoleão, o que meu pai detestava ouvir; meu tio Ildefonso, que era padre, acreditava que eu seria cônego.

— Ele vai ser cônego, com certeza! E não me surpreenderia se Deus o fizesse bispo... Quem sabe?

Meu pai respondia a todos que eu seria o que Deus quisesse. Ele me levantava para o alto, como se quisesse me apresentar ao mundo, e perguntava a todos se eu parecia com ele, se era inteligente e bonito.

Essas histórias ouvi contar anos depois, então não lembro de muitos detalhes daquele dia tão celebrado. Mas sei que muitos vizinhos vieram ou mandaram cumprimentos pelo meu nascimento, e que as primeiras semanas foram cheias de visitas. Cada cadeira da casa foi ocupada, muitos vieram

bem vestidos, com seus casacos e calções. Se contasse cada beijo, mimo e bênção que recebi, esse capítulo não teria fim.

Do meu batizado, não posso contar muita coisa, pois não me disseram muito. Só sei que foi uma grande festa no ano seguinte, em 1806. Fui batizado na igreja de São Domingos, numa terça-feira de março, dia claro e bonito. Meus padrinhos eram o Coronel Rodrigues de Matos e sua esposa, ambos de famílias tradicionais do Norte. Foram provavelmente os primeiros nomes que aprendi a dizer, pois sempre me pediam para recitar:

— Nhonhô, diga aos senhores o nome dos seus padrinhos.

E eu respondia com orgulho, enquanto os visitantes elogiavam minha inteligência, e meu pai ficava cheio de orgulho, olhando para mim com carinho.

Aprendi a andar cedo, com ajuda. Talvez ansiosos, me incentivavam segurando-me pelas roupas ou dando-me brinquedos que eu tentava alcançar. E eu ia, tropeçando e caindo, mas, aos poucos, fui andando.

CAPÍTULO XI / O MENINO É PAI DO HOMEM

Cresci, e nisso minha família pouco interferiu; cresci naturalmente, como crescem plantas e gatos. Só que talvez eu fosse mais esperto e inquieto que eles. Um poeta disse que o menino é o pai do homem, então vamos ver como eu era.

Desde os cinco anos, eu já era chamado de "menino-diabo". Eu era realmente danado, esperto, travesso e teimoso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava porque ela não me deu um pouco do doce que estava fazendo. Não satisfeito, joguei cinzas no tacho e ainda disse à minha mãe que a escrava tinha estragado o doce "por pirraça" – e eu só tinha seis anos. Prudêncio, um escravo da casa, era meu "cavalo". Ele se ajoelhava, eu subia nas costas dele e o "guiava" com uma vara, e ele obedecia, algumas vezes gemendo, mas sem reclamar.

Esconder chapéus das visitas, colocar papel em caudas de perucas, beliscar os braços das senhoras – tudo isso era minha diversão. Meu pai, mesmo quando me repreendia, fazia isso mais por formalidade. No fundo, ele me adorava e até me beijava depois de tudo.

Isso não significa que passei a vida inteira fazendo travessuras, mas eu era muito teimoso e gostava de observar a injustiça humana, tentando entendê-la conforme as circunstâncias. Minha mãe me ensinava algumas orações, mas sentia que, mais do que as orações, o que me movia eram meus impulsos. À noite, antes de dormir, pedia perdão a Deus, mas, durante o dia, cometia uma travessura e, no final, meu pai ria e dizia: "Ah, sapeca!"

Minha mãe era uma pessoa simples, cheia de coração, sincera e religiosa. Respeitava muito meu pai, que era sua maior referência. Eles me educaram assim: com muita liberdade e afeto, mas pouco rigor. Meu tio cônego, às vezes, chamava atenção de meu pai por me dar mais carinho do que

ensinamento, mas meu pai respondia que usava um método "superior" de educação, enganando a si mesmo.

Além disso, eu tinha a influência de outros familiares. Meu tio João, por exemplo, era um homem de língua solta, que, desde cedo, me envolvia em conversas indecentes, sem respeitar minha idade. Ele me divertia com histórias que só depois comecei a entender. Logo, eu é que o procurava para ouvir suas histórias. Muitas vezes, ele estava no fundo da casa, conversando com as escravas que lavavam roupa, e eu acompanhava, achando graça.

Por outro lado, o tio cônego era severo e religioso, mas não tinha grande inteligência. Valorizava muito as regras e formalidades da igreja, mas não compreendia a fé de forma mais profunda.

Não vou falar de minha tia materna, D. Emerenciana, que teve influência sobre mim mas viveu pouco tempo em nossa casa. Outros parentes e amigos não precisam ser mencionados, pois eram mais distantes. O importante é o ambiente geral da casa: superficialidade, amor pelas aparências e falta de disciplina. Foi desse ambiente que eu floresci.

CAPÍTULO XII / UM EPISÓDIO DE 1814

Eu não quero continuar sem contar um episódio interessante de 1814; eu tinha nove anos.

Quando nasci, Napoleão já era poderoso e admirado. Meu pai, que sempre dizia que éramos nobres, tinha uma antipatia apenas mental por ele. Isso causava discussões em casa, porque meu tio João simpatizava com Napoleão, enquanto meu tio padre era contra ele. Assim, os parentes se dividiam, o que gerava debates e brigas.

Quando soubemos no Rio de Janeiro que Napoleão havia sido derrotado pela primeira vez, todos ficaram abalados, mas ninguém tirou sarro. Mesmo quem não gostava dele preferiu ficar em silêncio; alguns até aplaudiram a notícia. A cidade festejou bastante, com iluminação, tiros de festim, procissão e gritos de celebração. Nesses dias, eu usava uma espada de brinquedo que meu padrinho me deu no dia de Santo Antônio. Para ser sincero, me importava mais com a espada do que com a queda de Napoleão.

Minha família decidiu comemorar a derrota de Napoleão com um grande jantar. Trouxeram a prataria velha que herdamos do meu avô, as toalhas importadas, vasos grandes da Índia; mataram um porco e encomendaram doces para a festa. A casa foi toda arrumada, poliram os candelabros e a louça.

Na hora do jantar, recebemos convidados importantes: o juiz da cidade, militares, comerciantes e outros homens do governo, alguns com suas famílias. Era mais uma celebração do que um jantar. Um dos convidados, o Dr. Vilaça, começou a recitar versos e encantou todos. Ele levantava-se, fazia uma pausa e continuava a recitar sem parar, com todos atentos.

Enquanto isso, eu só pensava no doce que queria comer. Em cada pausa, torcia para que fosse a última, mas o Dr. Vilaça continuava. Fiquei tão impaciente que comecei a reclamar, pedindo o doce. Meu pai mandou alguém

me servir, mas já era tarde. Minha tia me tirou da mesa, mesmo com meus protestos.

Por causa disso, fiquei irritado e quis me vingar do Dr. Vilaça. Passei a segui-lo no jardim. Vi que ele conversava com uma mulher chamada D. Eusébia e, escondido, presenciei ele beijá-la. Eu gritei para todos ouvirem, o que causou um escândalo. Meu pai ficou bravo comigo, mas no dia seguinte deu risada, achando graça da situação.

CAPÍTULO XIII / UM SALTO

Agora, vamos pular os anos da escola, onde aprendi a ler, escrever e fazer algumas travessuras, ora nos morros, ora nas praias.

Esse tempo tinha seus momentos difíceis, como castigos e longas lições, mas não era nada grave. A palmatória, usada pelo meu velho professor Ludgero, me ensinou o básico. Ele era sério, dedicado, e ficou anos nessa rotina, até que faleceu sem que quase ninguém o lamentasse, exceto um escravo velho.

Meu amigo de infância, Quincas Borba, era travesso e criativo. Ele sempre fazia brincadeiras com o professor, deixando baratas mortas em suas coisas para assustá-lo. Quincas era muito admirado por todos e, nos nossos jogos, sempre queria ser o líder, como rei ou general.

CAPÍTULO XIV / O PRIMEIRO BEIJO

Eu tinha dezessete anos e começava a parecer um homem. Eu era um jovem cheio de energia, que atraía o olhar das moças. Mas a primeira que realmente me encantou foi uma espanhola chamada Marcela, conhecida como "a linda Marcela". Ela era bonita e alegre, mas também gostava de luxo e da companhia de homens ricos.

Vi Marcela pela primeira vez durante uma festa para comemorar a independência. Ela era elegante e tinha uma beleza que eu nunca tinha visto em mulheres mais recatadas. Fiquei encantado e a segui, completamente hipnotizado. Dias depois, meu tio me levou para uma festa na casa dela. Eu fiquei fascinado, e ao final, dei-lhe um beijo inesperado. Corri logo em seguida, sem saber se ela reagiu ou não.

CAPÍTULO XV / MARCELA

Demorei um mês para conquistar o coração de Marcela. Aos poucos, fui ganhando sua confiança, usando paciência e insistência, em vez de um desejo cego. Existem duas maneiras de conquistar o coração de uma mulher: com força ou com jeito. Eu escolhi o caminho mais calmo e persistente para ganhar seu amor.

CAPÍTULO XVI / UMA REFLEXÃO IMPROPRIA

Tenho uma ideia imprópria, que também serve para melhorar o jeito de escrever. No capítulo XIV, eu disse que Marcela estava morrendo de amores por Xavier. Na verdade, ela não estava morrendo, estava vivendo. Viver e morrer são coisas diferentes; isso é algo que todos os joalheiros sabem

bem. Eles são bons joalheiros, e o que seria do amor sem seus conselhos e dívidas? Um terço ou um quinto do comércio dos corações no mundo. Essa é a ideia imprópria que quero compartilhar, e é ainda mais confusa do que imprópria, porque não fica claro o que quero dizer. O que quero dizer é que a testa mais bonita do mundo não perde sua beleza só porque usa uma coroa de pedras preciosas; ela não fica menos bonita nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era muito bonita, me amou...

Capítulo XVII - Do Trapézio e Outras Coisas

Marcela me amou por quinze meses, e me custou onze contos de réis. Meu pai, quando soube dessa quantia, ficou realmente preocupado; achou que meu caso já não era mais só uma brincadeira de jovem.

— Desta vez você vai para a Europa — ele disse. — Vai estudar numa universidade, talvez em Coimbra; quero que você se torne um homem sério e não um arruaceiro e ladrão.

Fiquei espantado, e ele continuou:

— Sim, ladrão! Como chama alguém que faz uma coisa dessas com o próprio pai?

Ele tirou do bolso as dívidas que já tinha pago por mim e jogou-as na minha cara.

— Vê, moleque? É assim que você honra o nome da família? Ou acha que eu e meus antepassados ganhamos dinheiro jogando ou vagabundeando? Desta vez você toma jeito ou não fica com nada.

Ele estava bravo, mas não tão furioso assim. Eu ouvi tudo em silêncio e não protestei. Pela primeira vez aceitei a ordem de viajar, mas, no fundo, pensava em levar Marcela comigo. Fui vê-la e contei o que estava acontecendo. Pedi que fosse comigo para a Europa. Marcela olhou para o alto e, depois de um tempo, disse que ficaria, que não podia ir.

— Por que não? — perguntei.

— Não posso — disse ela, com ar triste. — Não posso respirar o ar de lá enquanto lembrar do meu pobre pai, morto por Napoleão...

— Qual pai? O jardineiro ou o advogado? — retruquei.

Marcela fez uma cara feia, cantarolou baixinho e reclamou do calor, pedindo à empregada um copo de aluá (uma bebida). A bebida veio numa bandeja de prata que fazia parte dos meus onze contos. Marcela me ofereceu educadamente, mas, irritado, dei um tapa no copo, que caiu e molhou seu vestido. A empregada gritou, e eu mandei que saísse.

Quando ficamos sozinhos, despejei todo o meu desespero em Marcela; disse que ela era um monstro, que nunca tinha me amado de verdade e que me deixara perder tudo sem nem ter sido sincera. Fiz acusações, gesticulei sem controle. Marcela apenas me observou, indiferente. Eu queria humilhá-la, mas no final fui eu que caí de joelhos aos seus pés, pedindo que não

me deixasse. Ela olhou para mim por alguns instantes e, com ar entediado, apenas disse:

– Não me aborreça.

Ela se levantou, ajeitou o vestido molhado e foi para o quarto.

– Não! – gritei. – Você não vai entrar...

Mas era tarde; ela entrou e trancou a porta.

Sai de lá transtornado, passando duas horas vagando pelos bairros mais afastados, mastigando minha angústia. Lembrei dos momentos que passei com Marcela, ora querendo acreditar que tudo ainda estava bem, ora tentando me livrar de tudo aquilo. Resolvi embarcar logo e, secretamente, torci para que Marcela se arrependesse e ficasse com saudades. Ela havia me amado um dia; devia sentir alguma coisa, pelo menos uma lembrança...

Nesse momento, o ciúme me dominou; eu queria levá-la comigo a qualquer custo.

Finalmente, tive uma ideia. Ah, trapézio dos meus pecados! Lembrei que talvez pudesse convencê-la por meio de um presente. Sem pensar nas consequências, fiz um último empréstimo e comprei a joia mais bonita que encontrei: três diamantes grandes em um pente de marfim. Corri até a casa de Marcela.

Ela estava deitada numa rede, com um ar cansado, uma das pernas pendendo, o cabelo solto e o olhar perdido.

– Vem comigo – disse eu. – Temos dinheiro agora; você terá tudo o que quiser. Olha, toma.

Mostrei o pente de diamantes. Marcela fez um leve movimento, levantou o corpo e olhou para o pente por alguns segundos; depois desviou o olhar. Então, peguei seus cabelos e improvisei um penteado com o pente de diamantes, ajeitando as mechas com cuidado.

– Pronto! – disse.

– Louco! – ela respondeu.

Em seguida, me puxou para perto e me deu um beijo apaixonado. Depois tirou o pente, o admirou, e olhou para mim balançando a cabeça, com um ar de reprovação:

– Ora você! – disse ela.

– Vai comigo? – perguntei.

Ela pensou um pouco. Não gostei da maneira como olhava para mim e para a parede, mas fiquei feliz quando respondeu decidida:

– Vou. Quando você embarca?

— Daqui a dois ou três dias.

— Vou.

Agradei de joelhos. Senti que havia recuperado a Marcela dos primeiros dias, e disse isso a ela. Marcela sorriu e foi guardar a joia enquanto eu descia a escada.

Capítulo XVIII - Visão no Corredor

No fim da escada, no corredor escuro, parei um pouco para respirar e organizar meus pensamentos. Eu estava feliz, mas ao mesmo tempo sentia que aqueles diamantes "compravam" um pouco da minha felicidade. Mesmo assim, eu confiava na minha boa Marcela; talvez tivesse alguns defeitos, mas ela me amava...

— Um anjo! — murmurei olhando para o teto.

Foi quando, em tom de brincadeira cruel, imaginei o olhar de Marcela me encarando de forma desconfiada, lembrando-me de uma história das Mil e Uma Noites, de um homem que corria atrás de um amor ilusório. Naquele instante, parecia que o corredor de Marcela era a alameda dessa história, e eu era o homem perseguido pelos correeiros (guardas).

Lá fora, vi três homens me esperando; eram meu pai, meu tio e um terceiro. Eles me pegaram pelos braços, me colocaram numa carruagem e me levaram para o intendente de polícia, de onde fui levado para um navio com destino a Lisboa. Não adiantou resistir.

Três dias depois, deixei o porto abatido e mudo. Eu nem chorava; tinha apenas uma ideia fixa... Malditas ideias fixas! A de naquele momento era pular no oceano e repetir o nome de Marcela.

Capítulo XIX - No Navio

Éramos onze passageiros: um homem doido com a esposa, dois jovens viajantes, quatro comerciantes e dois empregados. Meu pai recomendou que todos cuidassem de mim, especialmente o capitão, que já tinha muito com o que se preocupar. Além de tudo, ele estava com sua esposa muito doente a bordo.

Não sei se o capitão percebeu algo sobre meu desejo de morrer, ou se meu pai o alertou, mas ele não tirava os olhos de mim. Sempre me chamava para estar ao lado dele. Quando não podia, deixava-me com a esposa, que passava o tempo em uma cama portátil, tossindo muito, mas sempre prometendo me mostrar Lisboa. Ela estava tão magra e fraca que parecia que morreria a qualquer momento. O capitão fingia não acreditar que ela estava perto do fim, talvez para se enganar. Eu, no entanto, só pensava em Marcela e não ligava para a saúde daquela mulher.

Uma noite, depois de uma semana, vi uma chance de tirar a própria vida. Subi silenciosamente ao convés, mas encontrei o capitão, olhando o horizonte.

— Alguma tempestade? — perguntei.

— Não — ele respondeu, assustado. — Só estou admirando a noite, veja como está linda!

Aquelas palavras não combinavam com ele, um homem rude e direto. Ele me surpreendeu mais ainda ao pegar minha mão e apontar para a lua, sugerindo que eu escrevesse um poema sobre a noite. Disse-lhe que não era poeta. Ele então tirou um papel amassado do bolso e leu um poema sobre a vida no mar. Os versos eram dele.

Após me recitar mais poemas, ele foi chamado pela esposa. Fiquei sozinho, e os versos dele afastaram meus pensamentos sombrios. Em vez de morrer, preferi dormir, o que é uma forma temporária de se afastar da vida.

No dia seguinte, acordamos em meio a uma tempestade que assustou a todos, menos o homem doido, que achava que a filha o chamava de volta para casa. Era triste e assustador vê-lo pulando e cantando no meio do tumulto, com olhos saltados e o cabelo desgrenhado. Sua esposa, desesperada, rezava sem conseguir mais cuidar dele. Por fim, a tempestade passou. Eu, que pensava em morrer, fiquei apavorado quando a morte pareceu realmente se aproximar.

O capitão me perguntou se fiquei com medo, elogiando a beleza do mar em meio à tempestade. Depois, recitou mais poemas, incluindo cinco sonetos, e falou de sua paixão pela poesia, explicando que sua avó queria que ele fosse padre, mas ele sempre preferiu o mar e a poesia. No fim, parecia tão imerso em seus sentimentos que nem percebeu quando ri de alguns gestos dramáticos seus.

Os dias iam passando, o mar, os poemas, e, junto com eles, a vida da esposa do capitão, que estava cada vez mais fraca. O capitão me disse que ela não duraria mais uma semana. Fui visitá-la e vi que mal tinha forças, mas ainda falava de passear em Lisboa e depois me acompanhar a Coimbra. Fiquei abalado. Pouco depois, ela piorou, e, três dias depois, morreu. Fiquei longe do momento, pois não suportava ver.

O capitão estava triste, mas disfarçava, olhando para o horizonte com uma expressão distante. Quando o corpo foi lançado ao mar, a tristeza tomou conta de todos. O capitão me agradeceu pelo apoio e, para distraí-lo, perguntei sobre seus poemas. Ele ficou um pouco mais animado e leu alguns versos sobre sua esposa falecida, dizendo que era sua melhor obra.

Capítulo XX - Me Formo em Coimbra

Quando o capitão me desejou um grande futuro, uma nova ambição começou a crescer em mim. Talvez eu me tornasse naturalista, escritor, político ou até bispo. A ideia de ter uma posição importante, um nome reconhecido, tomou conta de mim. Esqueci Marcela, meus dias de extravagância, e decidi buscar a glória e o sucesso.

Assim, desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra, onde estudei sem grande esforço. Mesmo assim, me formei bacharel. Era uma grande festa,

que me encheu de orgulho e um pouco de arrependimento. Em Coimbra, eu tinha a fama de festeiro, aventureiro e um pouco atrevido. Quando recebi o diploma, senti uma mistura de liberdade e responsabilidade. E, embora triste ao deixar Coimbra, já tinha vontade de explorar o mundo.

Capítulo XXI - O Almocreve

Enquanto viajava montado num burro, o animal empacou e, ao tentar fazer com que ele andasse, fui arremessado ao chão, ficando preso pelo pé no estribo. O burro se assustou e começou a correr. Por sorte, um almocreve (um homem que viaja com cargas) pegou a rédea e conseguiu controlar o burro, salvando-me de um grande perigo.

Agradecido, decidi dar ao homem três das cinco moedas de ouro que eu tinha. Mas, enquanto pegava o dinheiro, comecei a achar que era muito. Talvez duas moedas fossem suficientes. Ou quem sabe uma só? Afinal, ele era um homem simples, que provavelmente nunca tinha visto uma moeda de ouro. Decidi por uma moeda e a entreguei ao almocreve, que pareceu feliz.

Quando já estava longe, olhei para trás e o vi fazendo reverências. Senti que talvez o tivesse recompensado bem demais. Afinal, ele só tinha feito o que qualquer um faria naquela situação.

CAPÍTULO XXII / VOLTA AO RIO

Que interrupção chata! Estava refletindo quando fui interrompido. Agora não conto o que pensei ou fiz de Lisboa até outras partes da Europa, naquela Europa que parecia se renovar. Não direi que presenciei o início do romantismo, nem que escrevi poesia na Itália. Teria que escrever um diário de viagem, e não são essas as memórias que quero registrar aqui; aqui, conto só o essencial da vida.

Depois de anos viajando, atendi aos pedidos do meu pai, que escreveu na última carta: "Vem, ou acharás tua mãe morta!" Essa palavra me abalou. Eu amava minha mãe e lembrava bem da última bênção dela quando nos despedimos no navio. "Meu pobre filho, nunca mais te verei," soluçava ela, me abraçando. Essas palavras agora pareciam proféticas.

Eu estava em Veneza, sonhando e relembrando o passado. Estava tão imerso que, certa vez, perguntei a um homem local se o "doge" sairia naquele dia, como se ainda fosse o tempo da República. Quando ele me perguntou "Que doge, senhor?", percebi meu erro, mas disfarcei dizendo que era só uma charada. Ele fingiu entender, e completou que gostava muito dessas charadas.

Mas deixei tudo isso – Veneza, as pontes, os poemas de Byron, e voltei para o Rio de Janeiro, voando.

Não vamos nos alongar. Às vezes, perco-me a escrever, mas capítulos longos são para leitores pacientes, e nosso público gosta de leitura leve. Então, vamos encurtar este capítulo.

CAPÍTULO XXIII / TRISTE, MAS CURTO

Voltei. Ao ver minha cidade natal, senti algo novo. Não era apenas o amor pela pátria, mas pela infância – as ruas, a torre, o chafariz, as lembranças de criança. Senti uma renovação, como se meu espírito voltasse para beber da pureza da infância.

Ao chegar, vi que minha família estava abatida. Meu pai me abraçou, dizendo que minha mãe não tinha muito tempo. Ela sofria, e não era mais só o reumatismo, mas um câncer no estômago, que a fazia padecer sem piedade. Minha irmã Sabina, já casada com Cotrim, estava exausta, cuidando dela. Até meu tio João estava triste.

Minha mãe sorriu ao me ver, mas já era mais caveira que rosto; a beleza se fora. Depois de tantos anos longe, quase não a reconheci. Ajoelhei ao lado dela, sem dizer uma palavra, para não assustá-la, mas ela sabia que o fim estava próximo. No dia seguinte, confirmamos.

A agonia foi longa, fria e cruel. Foi a primeira vez que vi alguém morrer. Até então, eu conhecia a morte só pela história dos grandes, como César e Sócrates. Mas ver a morte de alguém amado, sofrendo, foi uma experiência única e dolorosa. Não chorei, fiquei mudo, tentando entender como alguém tão bom podia morrer de forma tão cruel.

Capítulo triste; vamos passar a outro mais alegre.

CAPÍTULO XXIV / CURTO, MAS ALEGRE

Fiquei muito abalado. Apesar disso, eu era, naquela época, cheio de vaidade e futilidade. Nunca tinha pensado profundamente sobre a vida ou a morte. Em vez disso, refletia as ideias vazias de um cabeleireiro de Módena, que sabia se divertir e rir, mas nada mais.

Na verdade, na faculdade, só aprendi as fórmulas e decorei algumas frases para conversas. Eu sabia bem disfarçar; é o que a vida nos ensina. Mas depois da morte, que alívio! Que liberdade em dizer a verdade, em se livrar das máscaras, porque a opinião dos outros já não importa. Na morte, não temos vizinhos, nem amigos, nem inimigos; o olhar crítico da sociedade já não nos afeta.

CAPÍTULO XXV/ NA TIJUCA

Ui! Já ia escorregar para a linguagem exagerada. Sejamos simples, como era simples minha vida na Tijuca depois da morte da minha mãe.

No sétimo dia, após a missa, peguei uma espingarda, uns livros, roupas, charutos, e fui para uma casa antiga da família na Tijuca. Meu pai tentou me convencer a ficar, minha irmã Sabina queria que eu fosse morar com ela, e até meu cunhado Cotrim, um homem muito sério e trabalhador, quase me obrigou. Mas eu queria ficar só.

Naquele tempo, comecei a sentir uma melancolia profunda, algo que Shakespeare chamou de “prazer do tédio”. Sentado sob um tamarineiro, com um livro nas mãos, sentia essa tristeza prazerosa, uma coisa estranha.

Às vezes, eu caçava, dormia, lia muito, e outras vezes não fazia nada, deixando minha mente vagar. As horas passavam, o sol caía, a noite cobria tudo, e ninguém me visitava. Recomendei que me deixassem em paz. Mas, depois de uma semana, já estava cansado da solidão e pronto para voltar à vida.

Estava me preparando para ir embora quando Prudêncio, o empregado, me disse que alguém que eu conhecia tinha se mudado para uma casa perto. Era D. Eusébia e sua filha. Ela havia cuidado do corpo de minha mãe antes do enterro. Achei que seria justo visitá-la e desci para isso.

CAPÍTULO XXVI / O AUTOR HESITA

De repente, ouvi uma voz: — Olá, meu filho, isso não é vida! Era meu pai, que chegou com duas propostas. Sentei-me no baú e o recebi sem muita emoção. Ele ficou em pé, me olhando por um tempo; depois, estendeu a mão para mim de forma emocionada:

— Meu filho, aceite a vontade de Deus.

— Já aceitei, foi minha resposta, e beijei sua mão.

Eu não tinha almoçado, então almoçamos juntos. Nenhum de nós falou sobre o motivo triste da minha reclusão. Só mencionamos isso uma vez quando meu pai falou sobre a Regência e mencionou uma carta de condolências que um dos Regentes havia lhe enviado. Ele trouxe a carta, que estava amassada, talvez porque a tivesse mostrado a outras pessoas. Ele leu a carta duas vezes.

— Eu já agradeci esse gesto, disse meu pai, e acho que você deve ir também...

— Eu?

— Sim, você; ele é um homem importante, e hoje está atuando como imperador. Além disso, eu trago uma ideia, um plano, ou melhor, dois planos: um cargo de deputado e um casamento.

Meu pai disse isso devagar, tentando me fazer entender melhor. A proposta não combinava com o que eu estava sentindo, e por isso eu não a compreendi bem. Meu pai insistiu e repetiu; elogiou tanto o cargo quanto a noiva.

— Você aceita?

— Não entendo de política, eu disse após um momento; quanto à noiva... prefiro viver como um urso.

— Mas os ursos se casam, ele respondeu.

— Então traga-me uma ursa. Olha, a Ursa-Maior...

Meu pai riu, mas depois ficou sério novamente. Ele dizia que eu precisava de uma carreira política por muitas razões, citando exemplos de pessoas

que conhecíamos. Sobre a noiva, bastava eu vê-la; se eu a visse, deveria pedir a mão dela ao pai, imediatamente. Ele tentou me convencer de várias maneiras, mas eu não respondia, só brincava com um palito ou fazia bolinhas de pão, sorrindo ou pensando. Eu estava confuso. Uma parte de mim achava que uma esposa bonita e uma posição política eram coisas boas; outra parte dizia que não; a morte da minha mãe me lembrava como as coisas, as relações e a família são frágeis...

— Não saio daqui sem uma resposta clara, disse meu pai. Clá-ra! repetiu, batendo as sílabas com o dedo.

Ele tomou o último gole de café, se ajeitou e começou a falar de vários assuntos, como o Senado, a Câmara, a Regência, a restauração, uma compra de um carro, nossa casa... Eu só me encostava na mesa, rabiscando descontroladamente em um pedaço de papel com um lápis; escrevia uma palavra, uma frase, um verso, repetindo sem ordem, assim:

arma virumque cano
A
Arma virumque cano
arma virumque cano
arma virumque
arma virumque cano
virumque

Fazia isso sem pensar, mas havia certa lógica. Por exemplo, o "virumque" me fez lembrar o nome do poeta, por causa da primeira sílaba. Estava escrevendo "virumque" — e me veio à mente "Virgílio", então continuei:

Vir
Virgílio
Virgílio
Virgílio
Virgílio

Meu pai, um pouco irritado com minha indiferença, se levantou, veio até mim e olhou para o papel...

— Virgílio! exclamou. Você é Brás Cubas; sua noiva se chama Virgília.

CAPÍTULO XXVII / VIRGÍLIA?

Virgília? Era a mesma mulher que eu conhecia? Sim, era ela, que em 1869 estaria ao meu lado nos meus últimos dias e que, antes, teve um grande impacto nas minhas emoções. Naquela época, ela tinha apenas quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais ousada da nossa geração, e com certeza, a mais determinada. Não diria que ela era a mais bonita entre as moças da época, mas também não diria que tinha alguma imperfeição; ela era bonita, fresca, como um presente da natureza, cheia de um encanto especial. Essa era Virgília: clara, alegre, ingênua, cheia de energia; tinha um pouco de preguiça e talvez um pouco de devoção, ou quem sabe medo; eu acho que era medo.

Aqui está, em poucas palavras, o retrato de quem influenciaria minha vida mais tarde. Isso foi quando ela tinha dezesseis anos. Você, que me lê, se ainda estiver viva quando estas páginas forem publicadas – você, minha amada Virgília, percebe a diferença entre como escrevi antes e agora? Acredite que eu era tão sincero então quanto sou agora; a morte não me tornou amargo ou injusto.

– Mas, você pode perguntar, como consegue lembrar a verdade daquele tempo e expressá-la tantos anos depois?

Ah! Que curiosa! Mas é isso que nos torna humanos: a capacidade de reviver o passado e entender nossas emoções e relações. Não acredite quando Pascal diz que o homem é um caniço pensante. Não; o homem é uma errata pensante. Cada fase da vida é uma nova edição que corrige a anterior, e será corrigida até a edição final, que o destino oferece aos vermes.

CAPÍTULO XXVIII / CONTANTO QUE...

– Virgília? interrompi.

– Sim, é o nome da noiva. Um anjo, meu filho, um anjo sem asas. Imagine uma moça assim, ágil como o mercúrio, e com uns olhos... filha do Dutra...

– Que Dutra?

– O Conselheiro Dutra, você não conhece? Ele tem influência política. Vamos lá, aceita?

Demorei para responder; olhei para a ponta do meu sapato por alguns segundos; então disse que estava disposto a considerar os dois planos, o casamento e o cargo, contanto que...

– Contanto o quê?

– Contanto que não fique obrigado a aceitar os dois; acho que posso ser um homem casado ou um homem público separadamente...

– Todo homem público deve ser casado, interrompeu meu pai, com firmeza. Mas faça como quiser; estou por tudo, e estou certo de que você irá brilhar! Além disso, a noiva e o Parlamento são a mesma coisa... não... você entenderá depois... Vá; aceito esperar, contanto que...

– Contanto o quê?... interrompi imitando sua voz.

– Ah! Sabido! Contanto que não fique aí sem fazer nada, escondido e triste; não gastei dinheiro, tempo e esforço para não te ver brilhar como deve, e como todos nós queremos; precisamos continuar o nosso nome, torná-lo ainda mais respeitado. Olhe, estou com sessenta anos, mas se precisasse começar uma nova vida, eu começaria sem hesitar. Tenha medo da obscuridade, fuja do que é baixo. Lembre-se de que as pessoas valem de diferentes maneiras, e a mais segura delas é pela opinião dos outros. Não desperdice as vantagens da sua posição e suas oportunidades...

E ele continuou falando, gesticulando como fazia quando eu era criança para eu andar mais rápido, e o medo foi se apagando, dando espaço a outras emoções, o amor pelo reconhecimento, a pressão de Brás Cubas.

CAPÍTULO XXIX / A VISITA

Meu pai venceu; decidi aceitar o cargo e o casamento, Virgília e a Câmara dos Deputados. – As duas Virgílias, ele disse com carinho político. Aceitei; meu pai me deu dois abraços fortes. Era seu próprio sangue que ele finalmente reconhecia.

– Você desce comigo?

– Desço amanhã. Primeiro, vou visitar D. Eusébia...

Meu pai fez uma cara estranha, mas não disse nada; se despediu e desceu. Naquela tarde, fui visitar D. Eusébia. A encontrei reclamando com um jardineiro, mas parou tudo para falar comigo, com tanto entusiasmo que me deixou mais à vontade. Acho que ela até me abraçou. Fez-me sentar ao seu lado na varanda, cheia de alegria:

– Olha, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! E bonito! Não se lembra de mim...

Disse que sim, que era impossível esquecer uma amiga tão próxima da nossa família. D. Eusébia começou a falar sobre minha mãe com muita saudade, o que me tocou, mesmo me deixando triste. Ela percebeu meu olhar e mudou de assunto; queria que eu contasse sobre a viagem, os estudos e os namoros... Sim, os namoros também; ela brincou dizendo que era uma velha engraçada. Lembrei-me de um episódio de 1814: ela, Vilaça, a moita, o beijo e meu grito. Enquanto lembrava, ouvi uma porta ranger, um farfalhar de saias e esta palavra:

– Mamãe... mamãe...

CAPÍTULO XXX / A FLOR DA MOITA

Uma jovem morena parou na porta por alguns instantes ao ver pessoas desconhecidas. Houve um silêncio curto e desconfortável. D. Eusébia quebrou o silêncio com firmeza:

– Vem cá, Eugênia, cumprimenta o Dr. Brás Cubas, filho do Sr. Cubas; ele veio da Europa.

E se virou para mim:

– Minha filha Eugênia.

Eugênia, a flor da moita, mal respondeu ao cumprimento que fiz; olhou para mim com admiração e timidez, e foi devagar até a cadeira da mãe. A mãe arrumou uma das tranças de cabelo dela, que estava desfeita. – Ah! travessa! dizia. Não imagina, doutor, o que é isso... E beijou-a com

tanta ternura que me tocou um pouco; me lembrou minha mãe e, para ser sincero, me deu vontade de ser pai.

— Travessa? Eu disse. Mas ela já não está mais na idade de ser criança, pelo que parece.

— Quantos anos ela tem?

— Dezesete.

— Menos um.

— Dezesseis. Então! é uma moça.

Eugênia não conseguiu esconder a alegria com o que eu disse, mas logo se recompôs e ficou como antes, ereta, fria e silenciosa. Na verdade, parecia mais mulher do que realmente era; poderia ser uma criança nos momentos de diversão, mas assim quieta, sem emoções, parecia uma mulher casada. Talvez isso tirasse um pouco de sua inocência. Logo nos familiarizamos; a mãe fazia muitos elogios a ela, eu escutava, e Eugênia sorria com os olhos brilhantes, como se tivesse uma pequena borboleta dentro da cabeça.

Digo "dentro", porque do lado de fora, uma borboleta preta entrou na varanda e começou a voar em volta de D. Eusébia. Ela gritou, levantou-se e disse algumas palavras de desagrado: — T'esconjuro!... Sai, diabo!... Virgem Nossa Senhora!...

— Não tenha medo, eu disse; e, usando um lenço, espantei a borboleta. D. Eusébia sentou-se de novo, ofegante e um pouco envergonhada; a filha, talvez pálida de medo, disfarçou bem a impressão. Apertei a mão delas e saí, rindo da superstição das duas, um riso filosófico, sem interesse, superior. À tarde, vi a filha de D. Eusébia passando a cavalo, seguida de um pajem; ela me cumprimentou com a ponta do chicote. Confesso que me animei achando que, um pouco à frente, ela voltaria a cabeça para olhar; mas não olhou.

CAPÍTULO XXXI / A BORBOLETA PRETA

No dia seguinte, enquanto me preparava para descer, uma borboleta entrou no meu quarto. Era tão negra quanto a outra, mas muito maior. Isso me fez lembrar do que aconteceu na noite anterior e eu ri. Pensei na filha de Dona Eusébia, no medo que ela sentiu e na maneira digna com que se comportou. A borboleta voou muito ao meu redor e pousou na minha testa. Eu a sacudi e ela foi parar no vidro da janela. Quando a sacudi de novo, ela foi para um velho retrato do meu pai. Era tão escura quanto a noite. Quando começou a mover as asas de um jeito estranho, isso me incomodou. Dei de ombros e saí do quarto, mas voltei alguns minutos depois e a encontrei no mesmo lugar. Fiquei nervoso, peguei uma toalha e a atingi, e ela caiu.

Ela não morreu de imediato; ainda se contorcia e mexia as antenas. Senti pena, então peguei-a na mão e a coloquei no parapeito da janela. Era tarde e logo a borboleta morreu. Fiquei um pouco chateado.

— Por que ela não era azul? — pensei. Essa reflexão me fez sentir melhor e me reconciliou comigo mesmo. Fiquei olhando o corpo dela com certa simpatia. Imaginei que ela tinha saído do mato feliz e tranquila. O dia estava lindo. Ela voou por ali, negra e modesta, admirando o céu azul, que é sempre azul para todas as borboletas. Quando ela entrou pela minha janela, me viu e, suponho, nunca tinha visto um homem antes. Então, ela começou a voar em círculos ao meu redor e percebeu que eu me movia e que tinha olhos, braços e pernas. Então pensou: "Este deve ser o criador das borboletas." A ideia a deixou assustada, mas o medo a fez querer me agradar e ela me beijou na testa. Depois, quando a espantei, ela pousou no vidro e viu o retrato do meu pai, talvez pensando que era o pai do inventor das borboletas, e voou em sua direção.

Mas um golpe de toalha terminou a aventura. Não adiantou o céu azul, nem as flores, nem as folhas verdes contra uma toalha de linho. Olha como é bom ser superior às borboletas! Se ela fosse azul ou laranja, ainda poderia estar viva. Pensei em como isso me confortou. Juntei o polegar e o dedo e a borboleta caiu no jardim. Era hora, pois as formigas já vinham. No entanto, acho que para ela teria sido melhor ter nascido azul.

CAPÍTULO XXXII / COXA DE NASCENÇA

Fui acabar os preparativos para a viagem. Agora não vou me demorar mais. Desço imediatamente, mesmo que algum leitor me pergunte se o capítulo anterior foi apenas uma bobagem ou uma enganação... Ah, eu não esperava Dona Eusébia. Estava pronto quando ela entrou em casa. Veio me convidar para adiar a descida e ir jantar lá. Cheguei a recusar, mas ela insistiu tanto que não consegui dizer não. Eu devia isso a ela, então fui.

Eugênia estava diferente naquele dia por minha causa. Acredito que foi por minha causa, se é que não andava assim antes. Sem as joias de ouro que usou no dia anterior, agora tinha apenas brincos simples, como os de uma ninfa. Usava um vestido branco simples, sem enfeites, com um botão de madrepérola no colo e outro nos punhos. Não usava pulseiras.

Era isso que se via no corpo dela, mas no espírito era diferente. Tinha ideias claras, maneiras simples, uma graça natural, e um ar de senhora. Não sei se tinha mais alguma coisa, mas a boca era igual à da mãe, o que me lembrou uma história de 1814 e me fez querer repetir isso para a filha.

— Agora vou mostrar a chácara — disse a mãe, assim que acabamos o café.

Saímos para a varanda e depois para a chácara, e foi aí que notei algo. Eugênia estava mancando um pouco. Eu até perguntei se ela havia machucado o pé. A mãe se calou, e a filha respondeu:

— Não, senhor, sou coxa de nascença.

Fiquei muito envergonhado e pensei que era um desastre. Só o fato dela ser coxa já me fez não perguntar mais nada. Lembrei que da primeira vez que a vi, no dia anterior, ela havia se aproximado devagar da cadeira da mãe, e naquele dia já estava à mesa. Talvez ela fizesse isso para

esconder o defeito, mas por que confessar agora? Olhei para ela e percebi que estava triste.

Tentei disfarçar meu desconforto e não foi difícil, pois a mãe, que era uma mulher bem-humorada, começou a conversar comigo. Vimos toda a chácara: árvores, flores, lago dos patos, e muitos outros lugares que ela me mostrou enquanto eu observava os olhos de Eugênia.

Posso dizer que o olhar de Eugênia não era triste, mas direto, saudável; vinha de olhos escuros e tranquilos. Acho que em duas ou três ocasiões ela desviou o olhar, mas só por um momento; em geral, me olhava com sinceridade, sem medo.

CAPÍTULO XXXIII / BEM-AVENTURADOS OS QUE NÃO DESCEM

O pior era que ela realmente era coxa. Tinha olhos tão claros, uma boca tão fresca e uma postura tão elegante; e era coxa! Esse contraste faz pensar que a natureza pode ser muito cruel. Por que ela era bonita, se era coxa? Por que era coxa, se era bonita? Isso me deixou pensativo ao voltar para casa à noite, sem conseguir entender. Quando não conseguimos resolver algo, o melhor é deixar pra lá; foi o que fiz. Peguei uma toalha e espantei essa borboleta preta que voava na minha cabeça. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas, à noite, sonhei e o problema voltou, e passei a noite inteira pensando nele sem conseguir resolver.

Amanheceu chovendo, então adiei a descida; mas no dia seguinte, a manhã estava linda e azul. Mesmo assim, continuei sem descer, ficando na Tijuca por três dias, depois quatro, até o fim da semana. As manhãs eram bonitas e convidativas, enquanto minha família, a noiva e o Parlamento me chamavam, mas eu não fui. Eu estava encantado ao lado de Eugênia. Isso não era paixão, mas uma satisfação física e emocional. Eu gostava dela, e ela provavelmente também se sentia bem ao meu lado.

Dona Eusébia nos vigiava, mas pouco; ela equilibrava a necessidade com a conveniência. A filha, naquela primeira explosão de sentimentos, entregava-me sua alma.

– Você desce amanhã? – perguntou ela no sábado.

– Pretendo.

– Não desça.

Não desci, e acrescentei um novo versículo ao Evangelho: “Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças.” De fato, foi no domingo que recebi o primeiro beijo de Eugênia, um beijo que nenhum outro homem tinha dado a ela, e não foi um beijo roubado, mas oferecido com sinceridade. Pobre Eugênia! Se você soubesse as ideias que passavam pela minha cabeça naquele momento! Você, tremendo de emoção, com os braços em meus ombros, olhando para mim, e eu pensando em 1814, no Vilaça, e suspeitando que você não poderia mentir sobre seu sangue, sua origem...

Dona Eusébia entrou de repente, mas não tão rápido a ponto de nos pegar perto um do outro. Fui até a janela, e Eugênia sentou-se para arrumar uma trança. Que disfarce bonito! Que habilidade delicada! E tudo parecia tão natural, como o apetite, como o sono. Melhor assim! Dona Eusébia não suspeitou de nada.

CAPÍTULO XXXIV / A UMA ALMA SENSÍVEL

Entre as cinco ou dez pessoas que me leem, pode haver uma alma sensível que ficou incomodada com o capítulo anterior, que está preocupada com o destino de Eugênia e, talvez, lá no fundo, me chame de cínico. Eu, cínico? Por Diana! Essa ofensa merecia ser lavada com sangue, se o sangue resolvesse algo. Não, alma sensível, não sou cínico, sou humano. Meu cérebro foi um palco onde aconteceram muitos tipos de histórias, desde dramas sérios até comédias ridículas, uma mistura de coisas e pessoas, onde se podia ver tudo, desde flores a mendigos.

Ali havia pensamentos de todos os tipos. Não tinha apenas a atmosfera das águias e dos beija-flores; havia também a das lesmas e dos sapos. Então, retire essa expressão, alma sensível, limpe seus óculos, que isso às vezes é culpa dos óculos, e vamos encerrar de vez com essa história.

CAPÍTULO XXXV / O CAMINHO DE DAMASCO

Oito dias depois, enquanto caminhava, ouvi uma frase, que não sei se era de amor ou de amizade. Olhei para Eugênia, que estava em frente, mas não sei se tinha ouvido. Quando me aproximei dela, os olhos dela brilharam. Pensei: "Se ela estiver feliz, não quero nada. Se estiver triste, quero que tenha uma pena."

Decidi não descer, mas o pai, depois de fazer algumas perguntas, me pediu para ir ao centro. Acabei aceitando. Fui e, enquanto isso, pensei: "Se Eugênia ficar triste, isso não me servirá de nada."

Eugênia também ficou triste. No caminho, ela não percebeu que eu não a acompanhava mais. Olhei para ela ao voltar, mas, sem o que me sustentava, não quis mais saber de nada. O amor pela vida é um tipo de energia, e quando ela se extingue, não importa o que se faça; só se pode aceitar.

Quando cheguei ao centro, não consegui ficar feliz ao ver Eugênia pela última vez. Ao contrário, tive a sensação de que ela estava me chamando. O que eu tinha dentro de mim não poderia ser resolvido. Saí da casa da mãe sem saber por quê. Compreendi que estava mudando de vida. Essa transição, que para muitos é uma coisa comum, para mim foi profunda.

CAPÍTULO XXXVI / SOBRE AS BOTAS

Meu pai, que não estava esperando a minha visita, me recebeu com muito carinho e agradecimento. — Agora é de verdade? — perguntou ele. — Posso, enfim...?

Deixei a pergunta sem resposta e fui tirar as botas apertadas. Depois de tirá-las, me senti aliviado, respirei fundo e me deitei relaxado. Meus pés, e todo o resto de mim, começaram a sentir uma sensação de bem-estar.

Percebi, então, que botas apertadas são uma das coisas que podem trazer prazer na vida: elas machucam, mas nos fazem valorizar o alívio de tirá-las. Então pensei: a dor de usar botas apertadas nos dá o prazer de descalçá-las. Se estiver infeliz, sofra um pouco e depois se alivie; é uma felicidade barata, feita para quem aprecia coisas simples. Enquanto pensava nisso, olhei para a paisagem da Tijuca e vi a lembrança de uma moça especial desaparecer no horizonte do passado, e senti que meu coração também estava prestes a se livrar das "botas" que o apertavam. Em poucos dias, experimentei aquela sensação de alívio rápido e intenso que vem depois de uma dor ou um problema.

Com isso, pensei que a vida é uma invenção genial, que faz a fome existir só para termos o prazer de comer, e os calos existem só para que possamos sentir alívio ao parar de andar. Em resumo, toda a sabedoria humana não vale um bom par de botas largas.

Ah, Eugênia, você nunca tirou suas botas. Foi pela vida mancando de dor e tristeza, sozinha e trabalhadora, até que chegou ao fim. Não sei se sua existência foi muito importante para o mundo. Quem sabe? Talvez, se você tivesse deixado de existir, nem faria falta na grande "peça de teatro" da humanidade.

CAPÍTULO XXXVII / FINALMENTE!

Finalmente! Lá estava Virgília. Antes de irmos à casa do Conselheiro Dutra, perguntei ao meu pai se já havia algum plano de casamento.

— Nenhum acordo. Um tempo atrás, conversando com ele sobre você, falei do meu desejo de vê-lo como deputado, e ele prometeu ajudar. Quanto à "noiva", é só uma brincadeira; estou falando de uma garota que é uma joia, uma flor... é a filha dele. Achei que, se você casasse com ela, se tornaria deputado mais rápido.

— E é só isso?

— Só isso.

Fomos à casa do Dutra. Ele era um homem agradável, alegre e patriota, preocupado com os problemas do país, mas com esperança de resolvê-los. Concordou com minha candidatura, mas sugeriu esperar alguns meses. Ele então me apresentou sua esposa, uma senhora simpática, e a filha, que era tudo o que meu pai disse. Olhei para ela com certo interesse, e nosso primeiro olhar já parecia de marido e mulher. Em um mês, já éramos muito próximos.

CAPÍTULO XXXVIII / A QUARTA EDIÇÃO

— Venha jantar amanhã — me convidou Dutra uma noite.

Aceitei o convite. No dia seguinte, pedi que a carruagem me esperasse na praça, e saí para andar um pouco. Lembram da minha teoria sobre as "edições humanas"? Naquela época, eu estava na minha quarta versão: revisada, melhorada, mas ainda com alguns defeitos. Apesar dos erros, o estilo era elegante e a aparência era atraente.

Passeando pela Rua dos Ourives, olhei o relógio e o vidro caiu na calçada. Entrei na primeira loja para consertá-lo; era um lugar pequeno, empoeirado e escuro. No fundo, atrás do balcão, havia uma mulher com o rosto marcado e amarelado. Ela parecia ter sido bonita, mas a doença e o tempo acabaram com sua beleza. Tinha marcas de varíola no rosto, mas os olhos ainda eram a melhor parte e, de alguma forma, chamavam atenção. Quando comecei a falar, percebi que aquela mulher era Marcela.

No início, não a reconheci. Mas ela me reconheceu logo. Os olhos dela brilharam e, por um momento, pareceu querer se esconder. Mas logo se acalmou e sorriu.

– Deseja comprar algo? – perguntou ela, estendendo a mão.

Não respondi nada, mas Marcela entendeu meu silêncio. Ela me ofereceu uma cadeira e começou a falar de sua vida: das lágrimas que derramou por mim, das lembranças, das dificuldades e das marcas da varíola. Contou que tinha vendido quase tudo e agora vivia da loja que um antigo amor havia deixado para ela, mas que estava com poucos clientes. Depois, pediu para que eu contasse sobre a minha vida. Eu resumi rapidamente; não havia muito o que contar.

– Você se casou? – perguntou ela.

– Ainda não – respondi friamente.

Ela olhou para fora, pensativa. Enquanto isso, eu revivia as lembranças e me perguntava por que havia feito tanto por ela no passado. Será que sua beleza valia todos os sacrifícios que fiz? Seus olhos me mostraram que, desde sempre, a ambição brilhou ali, mas eu, naquela época, não consegui ver isso.

– Mas por que entrou aqui? Me viu da rua? – perguntou ela, saindo de seus pensamentos.

– Não, entrei pensando que era uma relojoaria. Vou procurar outra loja; desculpe, estou com pressa.

Marcela suspirou tristemente. Eu queria ir embora o quanto antes, mas ela chamou um menino e mandou-o buscar um vidro para meu relógio na loja vizinha, apesar de eu insistir que não precisava. Enquanto esperávamos, ela disse que queria o apoio dos amigos antigos e que, se eu casasse, ela me venderia joias finas por preços baixos. Comecei a desconfiar de que ela não estava tão mal quanto parecia, mas que o que realmente a movia era a vontade de ganhar dinheiro, que era o que a motivava na vida.

CAPÍTULO XXXIX / O VIZINHO

Enquanto eu pensava nisso, um homem baixo entrou na loja com uma menina de uns quatro anos.

– Como passou desde hoje de manhã? – perguntou ele a Marcela.

— Assim, assim. Vem cá, Maricota.

Ele ergueu a menina e a colocou atrás do balcão. — Pergunta à D. Marcela como passou a noite — disse ele para a filha.

— Ela fala muito da senhora em casa, mas quando chega aqui fica toda tímida — disse o homem, brincando.

Contou mais algumas histórias sobre a menina, e depois saiu com ela, mas não sem antes lançar um olhar suspeito para mim. Perguntei a Marcela quem ele era.

— É um relojoeiro aqui perto. Ele e a esposa são boas pessoas, e a filha é uma gracinha. Gostam muito de mim... são boas pessoas.

Enquanto falava, dava para ver que Marcela estava feliz.

CAPÍTULO XL / NA CARRUAGEM

Nisso, o menino voltou com o relógio consertado, agora com vidro novo. Já era hora; eu estava incomodado de estar ali. Dei uma moeda de prata ao garoto, disse a Marcela que voltaria outra vez, e saí rápido. Vou confessar: meu coração batia um pouco mais forte; mas era como um sino de fim de história. Meu espírito estava cheio de sentimentos misturados. Curioso é que aquele dia tinha começado alegre para mim. Meu pai, no café da manhã, até repetiu o discurso que eu daria na Câmara dos Deputados. Rimos bastante, o sol brilhava como nos dias mais bonitos. Imaginei Virgília rindo também quando eu contasse a ela as nossas brincadeiras do café.

Mas, de repente, meu relógio cai e quebra o vidro. Entrei na loja mais próxima, e lá surgiu o passado, me machucando e me acariciando ao mesmo tempo, me encarando com um rosto cheio de saudade e marcas...

Deixei o passado ali. Entrei rápido na carruagem que me esperava e pedi ao cocheiro que andasse logo pelas ruas. Ele estimulou os cavalos, a carruagem começou a sacolejar, as molas rangiam, as rodas cortavam a lama da chuva recente, mas eu sentia que estava parado. Às vezes, existe um certo vento morno, que não é forte, mas parece prender tudo. Era assim que eu me sentia. Aquele vento parecia me segurar entre o passado e o presente, e eu só queria avançar para o futuro. Mas a carruagem parecia não sair do lugar.

— João, eu gritei para o cocheiro. Esta carruagem está andando ou não?

— Ué, senhor! Já estamos parados na porta do senhor conselheiro.

CAPÍTULO XLI / A ALUCINAÇÃO

Era verdade. Entrei rápido e encontrei Virgília ansiosa, de mau humor, com o rosto fechado. Sua mãe, que era surda, estava na sala com ela. Depois de me cumprimentar, Virgília me disse, seca:

— Esperávamos que viesse mais cedo.

Eu me defendi como pude, falei que o cavalo empacou, que um amigo me atrasou. De repente, minha voz sumiu. Era Virgília mesmo? Olhei bem para ela, e a sensação foi tão desconfortável que dei um passo para trás. Olhei de novo. Ela parecia ter a pele marcada, amarelada, sem aquele brilho do dia anterior. Seus olhos, antes vivos, estavam murchos; os lábios, tristes. Olhei melhor, peguei sua mão, a chamei para perto. Não havia engano; eram marcas da doença. Acho que fiz um gesto de rejeição.

Virgília se afastou e foi sentar no sofá. Eu fiquei olhando para os meus próprios pés, pensando se devia sair ou ficar. Decidi ir até ela. Céus! Era de novo a mesma Virgília, jovem e bonita. Olhei e não vi sinal da doença.

— Nunca me viu antes? perguntou ela, vendo que eu a olhava fixamente.

— Nunca tão bonita.

Sentei, e Virgília, em silêncio, começou a estalar as unhas. Ficamos assim, e ela não respondia, nem olhava para mim. Só uma vez me olhou de lado, com um meio sorriso e as sobrancelhas franzidas, com uma expressão meio engraçada, meio triste.

Havia um pouco de exagero naquele desprezo; era uma pose. No fundo, ela sofria. Talvez de mágoa ou ciúme. Porque quando a dor é escondida, ela dói mais.

CAPÍTULO XLII / QUE ESCAPOU A ARISTÓTELES

Outra coisa que também parece complicada é isto: imagine uma bola sendo empurrada. Ela rola, encontra outra bola, empurra essa segunda bola, que começa a rolar também. Suponha que a primeira bola se chame Marcela; a segunda, Brás Cubas; e a terceira, Virgília. Marcela foi empurrada por alguma coisa no passado, encontrou Brás Cubas (eu), que foi empurrado até Virgília, sem que ela tivesse qualquer relação com Marcela. E assim, por pura transmissão de movimento, os extremos acabam se tocando, e podemos até chamar isso de "solidariedade do aborrecimento humano". Como é que Aristóteles não pensou nisso?

CAPÍTULO XLIII / MARQUESA, PORQUE EU SEREI MARQUÊS

Virgília era um verdadeiro diabinho, um "diabinho angelical", se é que isso existe. E então...

Apareceu Lobo Neves. Ele não era mais bonito, elegante, nem mais interessante do que eu, mas, em poucas semanas, levou Virgília e ainda ganhou a candidatura política. Não houve briga ou pressão da família. Dutra, um conhecido, me avisou que eu devia esperar outro momento, pois a candidatura de Lobo Neves tinha apoio importante. Cedi; ali começou minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, com um sorriso, quando ele seria ministro.

— Se dependesse de mim, já. Dos outros, daqui a um ano.

Virgília respondeu:

— Promete que um dia vai me fazer baronesa?

— Marquesa, porque serei marquês.

Desde então, fiquei para trás. Virgília escolheu a águia e deixou o pavão (eu) com meu espanto, minha mágoa, e três ou quatro beijos que dei a ela. Talvez cinco beijos, mas não faria diferença. Os lábios de um homem não são como as patas de Átila, que deixam o chão sem vida por onde passam; é exatamente o contrário.

CAPÍTULO XLIV / UM CUBAS!

Meu pai ficou chocado com o fim dessa história, e acho até que não morreu por outra coisa. Ele tinha tantos planos e sonhos para mim, que não suportou ver tudo desmoronar. No começo, ele nem acreditou.

— Um Cubas! Um ramo da grande família Cubas! — repetia ele com tanta certeza, que eu até esqueci Virgília por um instante, só para observar a cena: uma imaginação tão firme que parecia verdade.

— Um Cubas! — repetiu ele na manhã seguinte, no café.

O café não foi alegre; eu estava caindo de sono. Passei parte da noite em claro. De amor? Não. Não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que voltaria a amar aquela mais tarde, não estava agora preso a ela por nada além de uma fantasia passageira e um pouco de orgulho. Era só isso que explicava minha insônia: um orgulho ferido, como uma ponta de alfinete, que passou com charutos, leituras e socos na parede, até o amanhecer.

Mas eu era jovem, com meu próprio remédio. Meu pai, porém, não suportou. Talvez não tenha morrido só por causa desse desfecho, mas que ele aumentou as dores dele, é certo. Morreu quatro meses depois, cabisbaixo, triste, com um peso que parecia remorso. Teve meia hora de alegria, quando um dos ministros o visitou. Vi o sorriso grato de outros tempos e um brilho nos olhos, como se fosse o último lampejo de sua alma. Mas logo a tristeza voltou, a tristeza de partir sem me ver em uma posição de destaque.

— Um Cubas!

Ele morreu dias depois, em uma manhã de maio, entre os dois filhos, Sabina e eu, e mais o tio Ildefonso e meu cunhado. Morreu sem poder ser salvo pela medicina, nem por nosso amor, nem pelos muitos cuidados. Ele tinha de morrer, e morreu.

— Um Cubas!

CAPÍTULO XLV / NOTAS

Soluços, lágrimas, casa toda escura, um homem para vestir o morto, outro para medir o caixão, caixão, velas, convites, as pessoas que chegavam devagar e cumprimentavam a família, alguns tristes, todos sérios e

calados, padre e sacristão, rezas, água benta, o fechar do caixão com pregos e martelo, seis pessoas que o carregam, descem as escadas, apesar dos gritos, soluços e novas lágrimas da família, vão até o carro funerário, colocam o caixão, prendem as correias, o carro começa a rodar, um carro atrás do outro...

Tudo isso, que parece só uma lista, eram notas que eu havia feito para um capítulo triste e comum, que decidi não escrever.

Capítulo XLVI - A Herança

Agora imagine a cena: estamos oito dias após a morte de meu pai. Minha irmã está sentada no sofá, Cotrim está de pé mais adiante, encostado em um móvel e com os braços cruzados, mordendo o bigode. Eu ando de um lado para o outro, olhando para o chão. Todos vestimos roupas de luto e o silêncio é total.

- Afinal, essa casa não vale mais que trinta contos - diz Cotrim. - Talvez trinta e cinco, sendo otimista.

- Vale cinquenta - rebato. - Sabina sabe que custou cinquenta e oito.

- Podia até ter custado sessenta, mas isso não significa que valha tudo isso agora. As casas caíram muito de valor nos últimos anos. Se essa vale cinquenta, quantos não valeria a que você quer comprar no Campo?

- Não fale disso. É uma casa velha.

- Velha? - exclama Sabina, levantando as mãos para o teto.

- Por acaso parece nova para você?

- Ora, irmão, vamos resolver tudo na amizade, com calma - diz Sabina, se levantando do sofá. - Cotrim não quer os outros escravos, só o cocheiro de papai e o Paulo.

- O cocheiro não - respondo. - Vou ficar com a carruagem e não vou comprar outro cocheiro.

- Bem, então fico com o Paulo e o Prudêncio.

- Prudêncio está livre.

- Livre? - reage ela, surpresa.

- Sim, há dois anos.

- Mas ele não comentou isso com ninguém... Tudo bem. E a prataria? Acho que ele não libertou a prataria, né?

A prataria era antiga, do tempo de D. José I, a parte mais importante da herança, tanto pelo valor quanto pela antiguidade. Meu pai dizia que o Conde da Cunha a presenteou a nosso bisavô, Luís Cubas.

— Quanto à prataria, — Cotrim continua — eu cederia, mas Sabina quer ficar com ela, e é compreensível. Sabina é casada, precisa de uma prataria digna. Você é solteiro, não recebe visitas...

— Mas posso casar — retruco.

— Para quê? — interrompe Sabina.

Essa pergunta me fez esquecer, por um instante, toda a discussão. Sorri, peguei na mão dela e dei um tapinha leve, o que Cotrim entendeu como um sinal de que eu concordava e me agradeceu.

— Não cedi nada, nem cedo.

Cotrim, já irritado, disse que eu parecia querer tudo: a carruagem, o cocheiro, a prataria. E sugeriu que eu nos levasse à justiça se queria tudo. Ofereci uma solução: dividir a prataria. Ele riu e perguntou quem ficaria com o bule e quem com o açucareiro, sugerindo que resolveríamos isso no tribunal.

No jantar, o clima era pesado. Meu tio cônego apareceu no fim e tentou nos reconciliar, dizendo que meu pai havia deixado um “pão grande” para todos, mas Cotrim retrucou:

— Sim, mas a questão não é o pão, é a manteiga. Eu não aceito pão seco.

Finalmente fizemos a partilha, mas já estávamos brigados. E foi triste brigar com Sabina, com quem eu tinha uma amizade profunda. Compartilhamos juntos tantas alegrias e tristezas... Mas agora, estávamos brigados. Assim como a beleza de Marcela desapareceu com o tempo, nossa amizade também desfez-se.

Capítulo XLVII - O Recluso

Marcela, Sabina, Virgília... todos esses nomes e pessoas eram apenas formas de expressar minha afeição. Venha, amigo leitor, entre nessa casa e deite-se na rede onde passei os melhores anos depois do inventário de meu pai até 1842. Se sentir algum perfume, saiba que é apenas um vestígio das antigas companheiras, mas não guardei retratos ou cartas — apenas iniciais restaram.

Passei esses anos quase recluso, saindo de vez em quando para um baile, teatro, ou conversa. Mas a maior parte do tempo era só comigo mesmo, entre momentos de ambição e desânimo. Escrevia artigos políticos e poemas para os jornais e cheguei a ter certa fama. Quando lembrava de Lobo Neves, já deputado, e de Virgília, futura marquesa, eu me perguntava por que eu não seria melhor deputado e marquês que ele, se eu era mais capaz...

Capítulo XLVIII - Um Primo de Virgília

— Sabe quem chegou de São Paulo ontem? — perguntou-me uma noite Luís Dutra.

Luís Dutra, primo de Virgília, também escrevia versos que eram bons, até melhores que os meus. Mas ele precisava de aprovação, gostava de ouvir elogios para ter mais ânimo.

Pobre Luís Dutra! Quando publicava algo novo, ia à minha casa em busca de uma palavra de incentivo. Mas eu mudava de assunto, falava de bailes, política, de tudo, menos dos textos dele. Ele tentava voltar o assunto para seus poemas, abria um livro, perguntava se eu tinha algum trabalho novo, mas eu desviava a conversa novamente. Ele saía triste, e minha intenção era justamente desanimá-lo, fazê-lo duvidar de si mesmo.

Capítulo XLIX - A Ponta do Nariz

Ah, nariz... já pensou no destino do nariz, leitor? O Doutor Pangloss dizia que o nariz foi feito para sustentar óculos, mas eu acredito que ele serve para nos ajudar a ver além. Sabe o faquir que olha fixamente para a ponta do próprio nariz para ver a luz interior? Ao fazer isso, ele esquece o mundo ao redor, fica em paz e se sente ligado ao universo.

Essa habilidade de focar em si mesmo é universal. Todos nós, em algum momento, precisamos olhar para o nosso próprio nariz para encontrar nossa paz e equilíbrio. Isso nos ajuda a lidar com as dificuldades, pois, se olhássemos apenas para os outros, viveríamos em constante conflito.

Concluindo, há duas forças fundamentais: o amor, que nos faz crescer em grupo, e o nariz, que nos lembra de nós mesmos.

Capítulo 50 - Virgília Casada

— Quem chegou de São Paulo foi minha prima Virgília, agora casada com o Lobo Neves, disse Luís Dutra.

— Ah!

— E só hoje fiquei sabendo de uma coisa, seu espertinho...

— O que foi?

— Que você queria casar com ela.

— Foi ideia do meu pai. Quem te contou?

— Ela mesma. Falei muito sobre você, e então ela me contou tudo.

No dia seguinte, enquanto eu estava na Rua do Ouvidor, perto da gráfica do Plancher, vi uma mulher linda ao longe. Era Virgília; só a reconheci quando ela chegou perto, de tão diferente que estava, tão bem arrumada pela natureza e pela maquiagem. Cumprimentamo-nos; ela seguiu seu caminho e entrou com o marido na carruagem que os esperava. Fiquei impressionado.

Oito dias depois, encontrei-a em um baile; trocamos algumas palavras. Mas em outro baile, um mês depois, na casa de uma senhora muito respeitável, a aproximação foi maior; conversamos e dançamos valsa juntos. Dançar valsa é uma coisa deliciosa. Não posso negar que, ao sentir aquele corpo

elegante e bonito tão próximo, tive uma sensação estranha, como se algo precioso me fosse tirado.

– Está muito calor, ela disse assim que terminamos. Vamos ao terraço?

– Não; pode pegar um resfriado. Vamos para outra sala.

Na outra sala estava o Lobo Neves, que me elogiou muito pelos meus textos políticos, dizendo que os achava ótimos. Agradei com cortesia, e nos despedimos satisfeitos um com o outro.

Cerca de três semanas depois, recebi um convite dele para uma pequena reunião. Fui; Virgília me recebeu com um sorriso e disse: – Hoje o senhor vai dançar valsa comigo. – Eu tinha fama de bom dançarino; não era surpresa que ela me escolhesse. Dançamos uma, duas vezes. Para Francesca, foi um livro; para nós, foi a valsa que nos perdeu. Acho que naquela noite apertei a mão dela com força, e ela deixou, como que esquecida... Aquele baile foi um delírio, todos pareciam perdidos em seus próprios sentimentos.

Capítulo 51 – É Minha!

– É minha! pensei comigo mesmo, assim que passei Virgília para outro cavalheiro. E confesso que, pelo resto da noite, essa ideia ficou cada vez mais forte em mim.

– É minha! repeti ao chegar à porta de casa.

Nisso, vi no chão algo redondo e dourado. Me abaixei; era uma moeda de ouro, uma meia dobra.

– É minha! disse, rindo, e guardei no bolso.

Naquela noite não pensei mais nisso. No dia seguinte, porém, lembrei do achado e senti a consciência pesar, uma voz interna perguntava por que eu achava que aquela moeda era minha, se eu só a havia encontrado. Certamente pertencia a outra pessoa, talvez até alguém que precisasse mais do que eu. Concluí que deveria devolvê-la, e a melhor maneira seria por um anúncio ou pela polícia. Mandeí uma carta ao chefe de polícia, explicando o achado e pedindo que ele fizesse o possível para devolvê-la ao dono.

Enviei a carta e almocei tranquilo, até feliz. Minha consciência, que na véspera estava apertada, sentiu-se aliviada. A devolução da moeda foi como abrir uma janela para o outro lado da moral; entrou uma brisa fresca. A minha consciência me dizia: “Você fez bem, Cubas. Esta atitude não só é certa, mas grandiosa.” Então, vi a moeda se multiplicando, simbolizando o bem que essa simples ação poderia trazer para a minha vida e para minha paz.

Capítulo 52 – O Embrulho Misterioso

Alguns dias depois, indo a Botafogo, vi um embrulho grande na praia. Não era exatamente um tropeço; eu o empurrei com o pé por curiosidade, mas

ele resistiu. Olhei ao redor; a praia estava deserta. Então, peguei o embrulho e segui meu caminho, um pouco receoso de ser uma pegadinha. Hesitei em deixá-lo na praia, mas o levei para casa.

– Vamos ver o que é, pensei ao entrar no gabinete.

A curiosidade venceu. Desatei o embrulho e encontrei... nada menos que cinco contos de réis em dinheiro, tudo arrumadinho. No jantar, fiquei um pouco desconfiado dos empregados, mas concluí que ninguém sabia de nada. Voltei para o gabinete, conferi o dinheiro e ri de minha preocupação excessiva, afinal, eu não precisava dele.

Para esquecer o achado, fui à casa do Lobo Neves, que sempre me convidava. Lá, encontrei o chefe de polícia, que mencionou a devolução da meia dobra. Virgília elogiou minha atitude, e as pessoas contaram histórias semelhantes. Fiquei impaciente e não quis pensar mais nos cinco contos; era sorte, acaso, talvez um presente da Providência.

Capítulo 53 -

Virgília já nem lembrava da meia dobra; ela estava concentrada em mim, em meus olhos, em meus pensamentos – era o que dizia, e era verdade.

Nosso amor cresceu rápido. Não sei ao certo quantos dias levou, mas lembro que uma noite ela me deu um beijo no portão da chácara, um beijo breve, mas que uniu nossos destinos. Esse beijo foi o começo de uma vida cheia de emoções, paixões e preocupações, uma vida de agitação e ciúmes, mas também de grande intensidade.

Capítulo 54 - A Pêndula

Saí dali, saboreando o beijo. Não consegui dormir; me deitei, mas fiquei acordado, ouvindo as horas passarem. Geralmente, o som da pêndula doía, como se cada toque do relógio fosse um instante a menos de vida. Imaginava um velho diabo, tirando moedas do saco da vida e passando para o da morte, uma a menos... outra a menos...

Curiosamente, se o relógio parava, eu o consertava. Naquela noite, o som não me incomodou. Em vez de sentir o tempo passando, senti que ganhava minutos. Logo, meu pensamento saiu pela janela e voou até a casa de Virgília. Lá, encontrou o pensamento dela, e se saudaram, continuando o eterno diálogo de Adão e Eva.

CAPÍTULO LV / A VELHA CONVERSA ENTRE ADÃO E EVA

BRÁS CUBAS:
...?

VIRGÍLIA:
...

BRÁS CUBAS:
...

VIRGÍLIA:

...

BRÁS CUBAS:

...!

VIRGÍLIA:

...?

BRÁS CUBAS:

...!

CAPÍTULO LVI / O MOMENTO CERTO

Mas que droga! Quem consegue explicar essa diferença? Um dia nos conhecemos, falamos em casamento, desistimos e nos afastamos friamente, sem sofrimento, pois não havia paixão de verdade; só fiquei um pouco incomodado e mais nada. Os anos passam, nos reencontramos, dançamos umas valsas e, de repente, estamos apaixonados. Virgília estava mais bonita, com certeza, mas, no fundo, éramos as mesmas pessoas, e eu não estava mais bonito nem mais elegante. O que mudou?

A única explicação era o momento certo. O primeiro encontro não foi na hora certa, pois, embora estivéssemos prontos para o amor, não estávamos prontos para amar um ao outro: uma diferença crucial. Sem o momento certo, o amor não acontece. Cheguei a essa conclusão dois anos depois, quando Virgília me reclamava de um sujeito que a estava incomodando.

— Que sujeito chato! — disse ela, irritada.

Eu estremeci, olhei para ela e vi que estava mesmo brava. Então pensei que talvez eu também já tivesse provocado aquela mesma expressão de raiva, e entendi o quanto eu tinha mudado. Eu deixei de ser inoportuno para ser oportuno.

CAPÍTULO LVII / DESTINO

Sim, nos amávamos. Agora que a sociedade toda nos impedia, era que estávamos verdadeiramente apaixonados. Sentíamos como se estivéssemos presos um ao outro, como almas gêmeas que um poeta encontrou no Purgatório.

Mas erraria comparando-nos a bois, porque éramos um tipo de animal mais esperto e menos lento. Íamos seguindo sem saber até onde, nem por que caminhos escondidos; isso me assustou um tempo, mas depois decidi deixar o destino cuidar do resto. Pobre destino! Onde estará agora, grande controlador das coisas humanas? Talvez esteja mudando de pele, de rosto, de nome. Já nem lembro onde estava... Ah, sim, nos caminhos escondidos. Disse a mim mesmo que agora seria o que Deus quisesse. Era nossa sorte amar-nos; como mais poderíamos explicar a valsa e tudo o mais?

Virgília pensava o mesmo. Um dia, depois de confessar que às vezes sentia remorso, eu disse que, se sentia isso, era porque não me amava. Ela me abraçou com força e murmurou:

— Amo você; é a vontade do Céu.

Virgília era um pouco religiosa. Não ia à missa todo domingo, é verdade, e acho até que só ia à igreja em dias de festa e quando tinha um lugar reservado. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, ao menos, com sono. Tinha medo de trovões; nessas horas, tapava os ouvidos e murmurava as orações do catecismo. Em seu quarto havia um pequeno oratório, mas ela nunca falava dele às amigas e até criticava as que eram religiosas. Eu achava que ela sentia um pouco de vergonha de acreditar e que sua religião era como uma camisa de flanela, discreta e protetora, mas era só impressão minha.

CAPÍTULO LVIII / CONFIDÊNCIA

Lobo Neves, no começo, me assustava. Pura ilusão! Ele adorava a esposa e não se envergonhava de dizer isso. Para ele, Virgília era a perfeição, cheia de qualidades, elegante, séria, um modelo. E sua confiança não parava aí. Um dia, ele me confessou que sentia falta de algo em sua vida: a fama pública. Eu o animei e disse coisas bonitas, e ele me escutou com a atenção de quem ainda não desistiu de sonhar. Percebi que ele queria muito mais, mas estava desanimado. Dias depois, me falou de suas frustrações, raivas e amarguras. Para ele, a vida política era um emaranhado de invejas, disputas, intrigas e vaidades. Claramente, ele estava melancólico, e tentei animá-lo.

— Sei do que estou falando — disse ele, triste. — Não imagina o que tenho passado. Entrei na política por gosto, família, ambição e, um pouco, por vaidade. Juntei em mim todos os motivos para estar na vida pública, menos o interesse financeiro. Mas tudo o que vejo são decepções.

Ele se calou, triste e pensativo. Depois, estendeu-me a mão e disse que talvez eu risse dele, mas pediu desculpas por desabafar. Logo entrou em seu papel de anfitrião alegre para receber alguns visitantes. Em meia hora, parecia ser o homem mais feliz do mundo, rindo e brincando com todos.

CAPÍTULO LIX / UM ENCONTRO

"Deve ser um tipo de bebida forte essa política", pensei ao sair da casa de Lobo Neves. Fui andando até que, na Rua dos Barbonos, vi um ministro que havia estudado comigo no colégio. Cumprimentamo-nos, ele seguiu no seu carro, e eu continuei caminhando.

— Por que eu não sou ministro?

Essa ideia começou a me fascinar. Não pensei mais na tristeza de Lobo Neves; só conseguia imaginar como seria se eu também fosse ministro. Aquela visão era irresistível. Entrei no Passeio Público, sentei-me num banco e fiquei pensando no assunto. Virgília ia gostar!

Logo depois, vi se aproximar um rosto que me pareceu familiar.

Imaginem um homem de uns quarenta anos, alto, magro e pálido, vestido de forma quase esfarrapada. Seu chapéu e sua roupa pareciam de um século atrás. A gravata estava desbotada, e o colarinho já velho. Era ele, Quincas Borba, meu velho colega de colégio, agora arruinado.

— Aposto que não me reconhece, Dr. Cubas? — disse ele.

— Não lembro...

— Sou o Borba, o Quincas Borba.

Recuei, espantado. Esse homem magro e malvestido era o mesmo Quincas Borba de outros tempos? Mas era ele, sem dúvida. O brilho nos olhos e o sorriso eram os mesmos de antigamente.

— Não precisa me contar nada — disse ele. — Você já adivinha. Vida cheia de dificuldades. Lembra de quando eu era o rei das festas? Pois é. Hoje sou mendigo...

Ele ergueu os ombros, parecendo conformado com a sorte. Eu ofereci ajuda, mas ele riu, dizendo que não esperava nada. Ele aceitou um dinheiro que lhe dei com um sorriso irônico e explicou que precisava comer.

Depois, de forma resignada, disse que não queria trabalhar. Eu me preparei para sair, já cansado de ver tamanha miséria.

— Espere! — chamou ele. — Preciso te explicar minha filosofia da miséria.

CAPÍTULO 60 / O ABRAÇO

Achei que o coitado estava louco e ia sair de perto, mas ele me segurou pelo pulso e olhou por um tempo para o anel de brilhante que eu usava no dedo. Senti que ele tinha uma vontade enorme de possuí-lo.

— Maravilhoso! — disse ele.

Depois começou a andar em volta de mim, me observando de cima a baixo.

— Você se cuida bem — comentou. — Jóias, roupas finas, elegantes... Compare esses sapatos com os meus; que diferença! Dá para ver que se trata bem. E as moças, como vão? Já é casado?

— Não...

— Eu também, não.

— Moro na rua...

— Não quero saber onde mora — interrompeu Quincas Borba. — Se algum dia nos encontrarmos, me dê outra nota de cinco mil-réis, mas não me chame na sua casa. É uma espécie de orgulho... Agora, adeus; vejo que está com pressa.

— Adeus!

— E obrigado. Posso agradecer de mais perto?

E então ele me abraçou com tanta força que não consegui evitar. Nos separamos, eu andando rápido, com a camisa amassada pelo abraço, irritado e triste. A simpatia que eu sentia antes por ele agora tinha sumido. Queria vê-lo com uma dignidade na pobreza. Mesmo assim, não consegui evitar a comparação entre o homem de hoje e o que ele foi no passado; isso me deixou triste, pensando em como as esperanças de antes eram tão diferentes da realidade de agora.

— Enfim, vamos jantar — disse para mim mesmo.

Coloquei a mão no bolso do colete e percebi que meu relógio tinha sumido. Última decepção! Borba o tinha roubado no abraço.

CAPÍTULO 61 / UM PROJETO

Jantei triste. Não era a falta do relógio que me incomodava, mas a imagem de quem o roubou, as lembranças da infância e aquela comparação de novo... Desde a sopa, comecei a sentir uma melancolia parecida com a que tive no capítulo XXV, e terminei logo a refeição para correr até a casa de Virgília. Ela era o meu presente; eu queria me refugiar no presente para escapar das pressões do passado. O encontro com Quincas Borba fez o passado aparecer diante de mim não como realmente foi, mas como um passado triste, arruinado e sujo.

Saí de casa, mas era cedo, e provavelmente ainda estariam à mesa. Pensei no Quincas Borba de novo e senti um impulso de voltar ao Passeio Público para ver se o encontrava. A ideia de ajudá-lo surgiu em mim como uma necessidade. Fui, mas ele não estava mais lá. Perguntei ao guarda, que me disse que “esse sujeito” aparecia de vez em quando.

— A que horas?

— Não tem horário certo.

Não era impossível encontrá-lo outra hora; prometi a mim mesmo voltar. Senti uma vontade forte de ajudar Quincas, de trazê-lo de volta ao trabalho e ao respeito próprio; isso me encheu de satisfação, de um certo orgulho em mim mesmo. Mas a noite caiu, e fui ver Virgília.

CAPÍTULO 62 / O TRAVESSEIRO

Cheguei na casa de Virgília e logo esqueci Quincas Borba. Virgília era como o travesseiro do meu espírito: macio, quente, perfumado. Era ali que minha mente descansava de todas as sensações ruins, irritantes ou até dolorosas. Para ser sincero, era esse o motivo de Virgília existir para mim; não poderia ser diferente. Cinco minutos com ela foram suficientes para apagar qualquer lembrança de Quincas Borba. Cinco minutos de uma troca de olhares e mãos dadas; cinco minutos e um beijo. E lá se foi a lembrança de Quincas Borba... Lembrança ruim, pedaço de um passado que eu já não queria. Por que deveria me importar, se eu tinha aquele travesseiro divino para fechar os olhos e esquecer?

CAPÍTULO 63 / FUJAMOS!

Mas nem sempre era possível esquecer. Três semanas depois, fui à casa de Virgília, eram quatro horas da tarde, e a encontrei abatida. Insisti para que me contasse o que era e, depois de muita insistência, ela disse:

– Acho que Damião está desconfiando de alguma coisa. Notei umas atitudes estranhas nele... Ele me trata bem, sem dúvida, mas parece que o olhar não é mais o mesmo. Não tenho dormido bem; essa noite acordei assustada, sonhei que ele ia me matar. Talvez seja só impressão, mas acho que ele desconfia...

Fiz o possível para acalmá-la, dizendo que podia ser por preocupação política. Ela concordou, mas ainda estava nervosa. Estávamos na sala, que dava para o jardim, onde trocamos nosso primeiro beijo. Uma janela aberta deixava o vento balançar as cortinas, e eu fiquei ali, olhando para elas, mas sem vê-las. Minha imaginação viajava longe, para uma casa só nossa, uma vida só nossa, um mundo só nosso, onde não haveria Lobo Neves, nem casamento, nem regras para impedir nossa vontade. Essa ideia me envolveu; com o mundo, a moral e o marido eliminados, só restava entrar naquela habitação dos anjos.

– Virgília – eu disse, – tenho uma proposta para você.

– O que é?

– Você me ama?

– Oh! – ela suspirou, me abraçando pelo pescoço.

Virgília me amava com paixão; aquele abraço dizia tudo. Ela me olhava com seus belos olhos, que tinham um brilho diferente, e eu fiquei ali, admirando seus lábios, frescos e desejáveis. A beleza de Virgília parecia maior agora, depois de casada. Tinha uma presença forte, como uma escultura antiga, bela, mas nada fria. Pelo contrário, era calorosa, e parecia resumir todo o amor. Mas o tempo corria, então eu segurei suas mãos e perguntei se ela teria coragem.

– Coragem de quê?

– De fugir. Iríamos para um lugar que fosse mais cômodo para nós, na cidade, no campo, na Europa, onde você quisesse. Um lugar onde ninguém nos perturbasse, onde pudéssemos viver só um para o outro... Sim? Vamos fugir. Mais cedo ou mais tarde ele pode desconfiar, e aí você estaria perdida... Ouviu? Perdida... morta... e ele também, porque eu o mataria, juro.

Parei de falar; Virgília empalideceu, deixou cair os braços e sentou-se. Ficou ali alguns instantes sem dizer nada; talvez estivesse em dúvida ou assustada com a ideia do risco e da morte. Fui até ela e insisti, falei das vantagens de viver juntos, sem ciúmes, medos ou preocupações.

Virgília me ouviu em silêncio e, depois, disse:

— Talvez não conseguíssemos escapar; ele viria atrás de mim e me mataria do mesmo jeito.

Eu mostrei que não, que o mundo era grande e que eu tinha como viver onde fosse, longe dele. Mas Virgília ficou em silêncio, e depois comentou, com uma expressão de quase indignação, que o marido gostava muito dela.

— Pode ser — respondi.

Fui até a janela e fiquei batucando com os dedos, remoendo meus ciúmes, com vontade de estrangular o marido se o tivesse ali. Nesse instante, Lobo Neves apareceu no jardim. Não se assuste, leitora; não vai haver sangue. Quando ele apareceu, acenei amigavelmente, enquanto Virgília saiu rápido da sala.

— Está aqui há muito tempo? — ele perguntou.

— Não.

Ele entrou sério, com o olhar distraído, seu jeito costumeiro, mas logo mudou para um ar mais alegre quando viu o filho, Nhonhô. Pegou-o nos braços e o beijou várias vezes. Eu, que não suportava o menino, me afastei. Virgília voltou à sala.

— Ah! — suspirou Lobo Neves, se jogando no sofá.

— Cansado? — perguntei.

— Muito. Foi um dia cheio.

Ao jantar, tomei mais vinho do que costumava, mas ainda assim, não o suficiente para perder a razão. Eu estava irritado com Virgília. Durante o jantar, evitei olhar para ela e falei sobre política, imprensa, ministério, e até teria falado sobre religião se soubesse algo. Lobo Neves me acompanhava calmamente, e isso também me irritava, tornando o jantar ainda mais amargo. Saí logo que nos levantamos da mesa.

— Vai voltar? — perguntou ele.

— Talvez.

E fui embora.

Capítulo LXIV / A TRANSAÇÃO

Andei pelas ruas e voltei para casa às nove horas. Sem conseguir dormir, fiquei lendo e escrevendo. Às onze, me arrependi de não ter ido ao teatro. Olhei o relógio, pensei em me vestir e sair, mas achei que já seria tarde demais; além disso, seria um sinal de fraqueza. Pensei que talvez Virgília estivesse começando a se cansar de mim. Essa ideia me deixava ora frustrado, ora calmo, decidido a esquecê-la ou a "matá-la" na minha mente. Imaginava Virgília lá no camarote, deitada, exibindo seus braços bonitos, os mesmos que eu considerava "meus", atraindo os olhares de todos.

Visualizava-a com um vestido elegante, a pele branca, o cabelo bem arrumado e os olhos brilhando mais que as próprias joias. Isso me incomodava, pois os outros a viam assim também. Depois, na minha mente, eu começava a tirá-la daquela cena, a remover as joias, a bagunçar seu cabelo com minhas mãos ansiosas. Na minha visão, ela se tornava ainda mais linda ou mais natural, sendo só minha, exclusivamente minha.

No dia seguinte, não aguentei e fui cedo à casa de Virgília. Encontrei-a com os olhos vermelhos de choro.

– O que aconteceu? perguntei.

– Você não me ama, foi a resposta. Nunca me deu a menor prova de amor. Ontem, me tratou como se me odiasse. Se ao menos eu soubesse o que fiz! Mas não sei. Não vai me dizer o que houve?

– O que houve? Acho que nada.

– Nada? Me tratou pior que a um cachorro...

Nessa hora, segurei suas mãos, beijei-as, e duas lágrimas caíram de seus olhos.

– Pronto, acabou, falei.

Eu não tinha coragem de discutir, e, aliás, discutir o quê? Não era culpa dela que o marido a amasse. Falei que ela não havia me feito nada, mas que eu tinha ciúmes do outro, e nem sempre conseguia esconder. Falei também que talvez o marido dela fosse mais falso do que parecia, e que a melhor solução era seguir com o plano que eu havia proposto no dia anterior.

– Pensei nisso, respondeu Virgília. Uma casa só nossa, escondida num jardim, em uma rua tranquila, certo? Parece uma boa ideia, mas por que fugir?

Disse isso com um tom ingênuo e um sorriso no rosto. Então, me afastei e respondi:

– Quem não me ama é você.

– Eu?

– Sim, você é egoísta! Prefere me ver sofrer todos os dias... uma egoísta!

Virgília começou a chorar, abafando os soluços com o lenço para que ninguém ouvisse, o que me desconcertou. Se alguém ouvisse, tudo estaria perdido. Inclinei-me para ela, segurei seus pulsos, e sussurrei palavras carinhosas. Falei do perigo, e o medo a acalmou.

— Não posso, ela disse alguns momentos depois. Não deixo meu filho; se eu o levar, meu marido vai nos procurar até o fim do mundo. Não posso; prefiro morrer.

— Calma; alguém pode ouvi-la.

— Que ouçam! Não me importa.

Ela ainda estava agitada; pedi que esquecesse tudo, que me perdoasse, pois eu era um louco, mas meu ciúme era por causa dela e terminaria com ela. Virgília enxugou os olhos e estendeu-me a mão. Sorrimos, e, minutos depois, voltamos a falar sobre a ideia da casa escondida.

Capítulo LXV / Visitantes Indesejados

Fomos interrompidos pelo barulho de uma carruagem chegando. Um escravo veio dizer que era a baronesa X. Virgília me olhou como quem pergunta o que fazer.

— Se você está com dor de cabeça, falei, talvez seja melhor não recebê-la.

— Ela já desceu? perguntou Virgília ao escravo.

— Já, e disse que precisa muito falar com a senhora.

— Então, que entre!

A baronesa entrou. Não sei se sabia que eu estava ali, mas parecia empolgada.

— Que bom ver o senhor! exclamou. Onde tem se escondido? Ontem, fiquei surpresa de não vê-lo no teatro. A Candiani foi incrível. Gosta dela? Pois o barão comentou ontem que uma italiana vale mais que cinco brasileiras. Que absurdo! Mas por que não foi ao teatro ontem?

— Estava com dor de cabeça.

— Dor de cabeça, nada! Aposto que é por causa de um namoro, não é, Virgília? Pois se apresse, porque já deve estar com quarenta anos... ou perto disso. Não tem quarenta anos?

— Não posso garantir, respondi; mas posso verificar minha certidão de nascimento.

— Então vá... até sábado! O barão está com saudades de você.

Saí da casa arrependido. A baronesa era uma das pessoas mais desconfiadas. Tinha uns cinquenta e cinco anos, aparentava quarenta, era simpática e elegante. Não falava muito, mas sabia ouvir e observar; seu olhar afiado parecia sondar tudo ao redor.

Outro que observava era um parente de Virgília, o Viegas, um homem de setenta anos, com várias doenças. Virgília dizia que ele parecia espiar, mas que, na verdade, só pensava em dinheiro, pois era muito avarento.

Havia ainda o primo de Virgília, o Luís Dutra, que eu bajulava para ganhar sua confiança e evitar que ele nos denunciasse. E, além desses, havia alguns empregados e vizinhos, todos atentos ao que acontecia. Nos movíamos como serpentes, com cuidado e dissimulação.

Capítulo LXVI / As Pernas

Enquanto pensava nessas pessoas, minhas pernas me levaram automaticamente até a porta do Hotel Pharoux. Sempre jantava ali, e, sem planejar, minhas pernas resolveram por mim. Abençoadas pernas! Antes, eu costumava desprezá-las, me irritava quando se cansavam, mas naquele momento percebi que me levavam para o jantar enquanto minha mente vagava com pensamentos em Virgília.

Sim, queridas pernas, deixaram que minha cabeça ficasse pensando em Virgília, enquanto decidiram por conta própria me levar ao hotel. E cumpriram essa tarefa direitinho, me levando são e salvo para o jantar.

Capítulo LXVII / A Casinha

Depois do jantar, fui para casa e encontrei uma caixa de charutos que Lobo Neves me enviou. Dentro, havia um bilhete:

"Meu B...

Desconfiam de nós; tudo está perdido; esqueça-me para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-se da infeliz
V...a"

O bilhete foi um choque, mas quando anoiteceu, corri até a casa de Virgília. Ela já estava arrependida. Na janela, me contou que a baronesa havia comentado sobre nós no teatro e que nossa situação estava sob suspeita. Disse que não sabia o que fazer.

— O melhor é fugirmos, sugeri.

— Nunca, respondeu ela, balançando a cabeça.

Virgília não conseguia separar nosso amor da sua reputação. Queria preservar as duas coisas, e a fuga não permitia isso. Senti uma pontada de frustração, mas rapidamente passou. Então, fui atrás da casa.

Alguns dias depois, achei uma perfeita na Gamboa, em um lugar discreto, pintada de fresco, com janelas e jardim. O plano era que uma conhecida de Virgília fosse morar ali. Ela não saberia de tudo, mas aceitaria o que soubesse.

Para mim, a casa significava uma nova fase do nosso amor, um espaço que parecia só nosso, onde eu poderia escapar da rotina e dos olhares indiscretos.

CAPÍTULO LXVIII / O CHICOTE

Esses eram os pensamentos que eu ia tendo enquanto caminhava pelo Valongo, logo depois de ver e arrumar a casa. Minha atenção foi interrompida por um grupo de pessoas; era um homem negro chicoteando outro na praça. O outro homem não tentava fugir, só repetia: "Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!" Mas o primeiro ignorava os pedidos e, a cada súplica, dava outra chicotada.

"Isso, diabo! Toma mais perdão, bêbado!" dizia ele.

"Meu senhor!" gemia o outro.

"Cala a boca, besta!" respondia o agressor.

Parei para olhar... Céus! Quem estava com o chicote? Era o Prudêncio, o escravo que meu pai tinha libertado alguns anos antes. Cheguei mais perto, e ele parou, pediu minha bênção. Perguntei se aquele homem era seu escravo.

"É, sim, senhor."

"Fez algo errado?"

"É muito vadio e bêbado. Hoje mesmo eu o deixei na loja enquanto fui à cidade, e ele saiu da loja para ir beber."

"Está bem, perdoe ele", disse eu.

"Pois não, senhor. O senhor manda, não pede. Entre pra casa, bêbado!" ordenou ele.

Saí do grupo, que me olhava surpreso e sussurrava, especulando. Fui embora pensando, com muitas ideias, mas lamento tê-las esquecido. Esse episódio parecia sombrio, mas, pensando melhor, vi algo curioso: Prudêncio, agora livre, descontava no outro escravo as humilhações que sofreu. Quando eu era criança, montava em Prudêncio, botava um freio na boca dele e o castigava sem dó; ele sofria calado. Agora, como homem livre, comprou um escravo e descontava nele os maus-tratos que recebeu. Vejam só as manhas desse sujeito!

CAPÍTULO LXIX / UMA PITADA DE SANDICE

Esse caso me fez lembrar de um homem louco que conheci. Chamava-se Romualdo e dizia ser o grande Tamerlão. Essa era sua única obsessão, e ele explicava de forma bem curiosa:

"Eu sou o famoso Tamerlão", dizia ele. "Antigamente fui Romualdo, mas fiquei doente e tomei tanto remédio de tártaro, tanto tártaro, que virei Tártaro, e até rei dos Tártaros. O tártaro tem esse poder."

Pobre Romualdo! Ríamos da explicação, mas o leitor pode não ver graça. Realmente, contada assim no papel, perde o impacto. Melhor é voltar à casinha da Gamboa; vamos deixar de lado os Romualdos e Prudências.

CAPÍTULO LXX / D. PLÁCIDA

Voltemos à casinha. Hoje você nem reconheceria, leitor; ficou velha, escura e podre, e o dono a derrubou para construir outra maior, mas que parece menor que a original. O mundo era pequeno para Alexandre; um canto do telhado é o infinito para as andorinhas.

Olhe a neutralidade deste planeta, que nos carrega pelo espaço como um barco de naufragos indo para a costa. Hoje dorme um casal virtuoso no mesmo espaço onde um casal pecador já dormiu. Amanhã ali pode dormir um padre, depois um assassino, depois um ferreiro, depois um poeta, e todos vão amar aquele pedaço de terra que lhes deu alguma alegria.

Virgília decorou a casinha com um gosto elegante; eu levei alguns livros, e tudo ficou sob os cuidados de D. Plácida, a dona da casa em teoria, e, de certa forma, também na prática.

D. Plácida resistiu para aceitar a casa; percebeu minha intenção e se sentia desconfortável com o papel. Mas, por fim, cedeu. Nos primeiros meses, ela mal me olhava, falando comigo de cabeça baixa, séria, às vezes triste. Eu tentava conquistá-la, tratava-a com carinho e respeito. Quando ela finalmente confiou em mim, inventei uma história triste sobre meu romance com Virgília, algo que teria ocorrido antes do casamento dela, com a oposição do pai e a dureza do marido. D. Plácida acreditou em tudo, talvez por precisar de uma justificativa moral.

Depois de seis meses, quem nos visse juntos diria que D. Plácida era minha sogra.

Não fui ingrato; deixei para ela cinco contos de réis, um dinheiro que achei em Botafogo, para ajudá-la na velhice. D. Plácida me agradeceu com lágrimas e nunca deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem que tinha no quarto. E assim foi que o desgosto dela desapareceu.

CAPÍTULO LXXI / A FALHA DO LIVRO

Começo a me arrepender deste livro. Não que seja cansativo para mim; eu não tenho o que fazer, e escrever alguns capítulos é uma distração. Mas o livro é chato, parece um morto, pesado e sombrio. E o maior problema deste livro, leitor, é você. Você tem pressa em envelhecer, mas o livro anda devagar; você gosta de uma história direta, com estilo claro e contínuo, mas este livro e meu estilo são como bêbados, desviam para cá e para lá, andam e param, murmuram, riem alto, desafiam o céu, escorregam e caem...

E caem! – Folhas tristes do meu cipreste, vocês cairão como qualquer outra folha bela; e, se eu tivesse olhos, derramaria uma lágrima de saudade. A morte tem essa vantagem, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Vocês cairão.

CAPÍTULO LXXII / O APAIXONADO POR LIVROS

Talvez eu apague o capítulo anterior; entre outros motivos, tem uma frase no final que soa como uma bobagem, e eu não quero dar margem à crítica.

Imaginem: daqui a setenta anos, um sujeito magro, pálido, grisalho, que só ama livros, se debruça sobre essa página, tentando encontrar o sentido escondido. Ele lê, relê, desmonta as palavras, examina-as por dentro e por fora, contra a luz, limpa-as, esfrega no joelho, lava-as, e nada; não encontra o erro.

Esse homem é um apaixonado por livros. Ele nem conhece o autor; Brás Cubas não está nos dicionários biográficos dele. Achou o volume por acaso, em uma livraria de livros velhos. Comprou por algumas moedas e logo descobriu que era um exemplar único... Único! Vocês, que também amam livros, sabem o valor dessa palavra, e imaginam as alegrias desse apaixonado. Ele trocaria qualquer riqueza pelo exemplar, não porque sejam minhas memórias; faria o mesmo por qualquer livro, desde que fosse único.

O problema é o erro. Lá continua o homem, com uma lupa no olho, dedicado a encontrar o erro. Ele até prometeu a si mesmo escrever uma nota sobre o achado do livro e sua grandiosidade, se encontrasse algo sublime naquela frase confusa. No final, não descobre nada e fica contente só com a posse. Fecha o livro, admira-o, aproxima-o da janela e deixa o sol iluminá-lo. Um exemplar único! Nesse momento, um César ou um Cromwell passa na rua rumo ao poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, deita-se e folheia o livro devagar, com amor... Um exemplar único!

CAPÍTULO LXXIII / O "ALMOÇO"

Essa obsessão me fez perder outro capítulo. Teria sido melhor contar as coisas de forma mais simples, sem tantos rodeios! Já comparei meu estilo ao andar dos bêbados. Se a ideia parece ofensiva, direi que é como eram minhas refeições com Virgília, na casinha da Gamboa, onde às vezes fazíamos nosso almoço especial, nosso "luncheon". Vinho, frutas, doces. Comíamos, sim, mas entremeados de palavras doces, olhares ternos, brincadeiras, e toda uma série de gestos de amor. Às vezes, uma pequena briga interrompia a doçura da situação. Ela se afastava, ia para um canto do sofá ou saía para ouvir as palavras carinhosas de Dona Plácida. Cinco ou dez minutos depois, retomávamos a conversa, como retomo aqui a narração, para logo interrompê-la de novo. Note-se que não tínhamos horror a um pouco de ordem; era costume convidarmos a ordem, na pessoa de D. Plácida, para se juntar à nossa mesa, mas D. Plácida nunca aceitava.

"Você parece que não gosta mais de mim", disse Virgília a ela um dia.

"Virgem Nossa Senhora!" exclamou D. Plácida, levantando as mãos para o céu. "Não gostar de Iaiá? Mas de quem eu gostaria, então?"

E, segurando-lhe as mãos, olhou-a fixamente até que seus olhos se encheram de lágrimas de tanta sinceridade. Virgília a abraçou com carinho; eu deixei uma moeda em seu bolso.

CAPÍTULO LXXIV / A HISTÓRIA DE D. PLÁCIDA

Não se arrependa de ser generoso; com aquela moeda, ganhei uma confiança de D. Plácida e, com isso, este capítulo. Dias depois, encontrei-a sozinha em casa, começamos a conversar, e ela me contou sua história. Era filha de um sacristão da catedral e de uma mulher que vendia doces. Perdeu o pai aos dez anos e já ajudava a mãe ralando coco e fazendo outros doces, coisas que uma criança podia fazer. Aos quinze ou dezesseis, casou com um alfaiate, que morreu pouco tempo depois, deixando-lhe uma filha pequena. Viúva e jovem, ela ficou responsável pela filha de dois anos e pela mãe, que já estava cansada de trabalhar.

D. Plácida fazia doces, seu ofício, mas também costurava o dia todo para algumas lojas e ensinava algumas crianças do bairro, cobrando pouco. E assim o tempo foi passando, mas não a beleza, porque nunca foi bonita. Recebeu algumas propostas de casamento, mas resistiu.

"Se eu pudesse achar outro marido", disse-me ela, "creia que me casaria. Mas ninguém queria casar comigo."

Um dos pretendentes foi aceito, mas como ele não se mostrou melhor que os outros, D. Plácida o dispensou, e depois chorou muito. Continuou trabalhando, cuidando da mãe que, já irritada com a idade e a vida difícil, queria que ela aceitasse um dos pretendentes. A mãe dizia:

"Quer ser melhor que eu? Com quem acha que vai casar? A vida é dura, menina. Tem rapazes por aí, como o Policarpo da venda. Espera algum nobre?"

D. Plácida jurou que não esperava nenhum nobre. Mas tinha suas vontades. Queria ser casada. Sabia bem que sua mãe não fora, mas tinha sua vontade. Também não queria que a filha fosse diferente. Então, trabalhava sem parar, cozinhando e costurando. Ficou doente, emagreceu, perdeu a mãe, e enterrou-a com ajuda. Continuou trabalhando.

A filha, agora com quatorze anos, era frágil e não ajudava, apenas namorava rapazes que rondavam sua janela. D. Plácida ficou preocupada e a levava junto quando ia entregar costuras, mas as pessoas das lojas comentavam, achando que ela levava a filha para arranjar marido.

Um dia, parou de contar e continuou:

"Minha filha fugiu com um homem. Nem quero saber... Fiquei sozinha e muito triste, quase morri. Estava velha, doente e sem ninguém. Foi então que conheci a família de Iaiá, gente boa, que me deu trabalho e até uma casa. Passei mais de um ano com eles, costurando, até que Iaiá se casou. Depois, vivi como pude. Veja minhas mãos." E mostrou-me suas mãos, grossas e machucadas pelo trabalho. "Não é fácil viver assim. Deus sabe como sofri. Felizmente, Iaiá e o senhor doutor me ajudaram. Tinha medo de acabar na rua, pedindo esmola..."

Ao dizer isso, D. Plácida sentiu um calafrio, como se percebesse que confessar aquilo ao amante de uma mulher casada era impróprio. Ela riu, disse que era tolice, "cheia de frescuras", como dizia a mãe, e saiu da sala. Fiquei olhando o chão.

CAPÍTULO LXXV / COMIGO MESMO

Pode ser que alguns leitores tenham pulado o capítulo anterior, mas é necessário lê-lo para entender o que pensei depois que D. Plácida saiu. O que pensei foi:

"Então, o sacristão da Sé, ajudando à missa, viu a dama que seria mãe de D. Plácida. Gostou dela, fizeram graça, aproximaram-se e apaixonaram-se. Dessa união, nasceu D. Plácida. Se ela pudesse, ao nascer, talvez perguntasse: 'Por que me chamaram aqui?' E o sacristão e a sacristã poderiam responder: 'Chamamos você para uma vida de trabalho e sofrimento, até o fim.'"

CAPÍTULO LXXVI / O ESTRUME

Minha consciência me deu um choque: me acusou de ter forçado D. Plácida a viver uma vida de privações e, agora, de obrigá-la a um papel difícil, por causa de Virgília. Eu me aproveitei da gratidão e da necessidade dela. Vi a resistência inicial de D. Plácida, suas lágrimas e silêncios, até que a convenci. Minha consciência estava zangada comigo.

Eu argumentei que pelo menos ela agora tinha uma vida estável e que, se não fosse pelos meus amores, D. Plácida poderia ter terminado de outra forma. Concluí que, às vezes, o erro ajuda a criar algo bom, como um adubo para as flores. A consciência concordou, e fui abrir a porta para Virgília.

CAPÍTULO LXXVII / ENTREVISTA

Virgília entrou sorridente. Os tempos de medo já tinham passado. No começo, ela vinha envergonhada e tremendo, de rosto coberto e envolta em um manto. Da primeira vez, estava tão vermelha e nervosa que eu nunca a achei tão bonita.

Agora, as visitas eram pontuais e o amor era o mesmo, mas mais tranquilo, como em um casamento.

"Estou zangada com você," disse ela, sentando-se.

"Por quê?"

"Porque você não foi lá ontem. Damião perguntou várias vezes se você não ia, pelo menos, tomar chá."

De fato, eu tinha faltado ao combinado, e tudo por causa dela mesma, por ciúmes. Em uma festa, ela dançou com o mesmo rapaz várias vezes e conversou alegremente com ele. Quando percebi, ela largou o rapaz e veio a mim, mas continuou fingindo inocência, como sempre fazia.

Expliquei a ela por que não fui, mas ela apenas riu e me fez rir também. E a conversa terminou em brincadeira.

CAPÍTULO LXXVIII / A PRESIDÊNCIA

Meses depois, Lobo Neves chegou em casa dizendo que talvez fosse assumir uma presidência de província. Olhei para Virgília, que ficou pálida. Ele notou e perguntou:

"Você não gostou, Virgília?"

Ela respondeu que não gostava muito da ideia. À noite, ele insistiu que era necessário para o futuro deles e que não poderia recusar.

No dia seguinte, encontrei Virgília triste, e D. Plácida tentava consolá-la. Eu também estava abatido.

"Você tem que ir conosco," disse-me Virgília.

"Está louca? Seria absurdo."

Então, concluímos que seria impossível desfazer o plano. A presidência era certa.

Fiquei andando de um lado para o outro, pensando. Segurei a mão de Virgília e disse:

"Minha felicidade depende de você."

Ela parecia aflita. Eu saí, deixando-a sozinha, e a ouvi chorar. Quase voltei para consolá-la, mas segui em frente.

Capítulo 79: Compromisso

Eu sofria muito nas primeiras horas. Não sabia se queria ou não queria, dividido entre a compaixão que me puxava para a casa de Virgília e outro sentimento – talvez egoísmo – que me dizia: "Fique; deixe-a resolver isso sozinha, ela saberá resolver com amor." Acho que essas duas forças tinham a mesma intensidade, lutavam entre si, sem ceder. De vez em quando, sentia um pouco de remorso, parecia que eu estava aproveitando da fraqueza de uma mulher apaixonada e culpada, sem dar nada em troca. Quando estava prestes a ceder, o amor voltava e me aconselhava a ficar, e eu ficava sem saber o que fazer, desejando vê-la mas com medo de assumir a responsabilidade.

No final, encontrei um meio-termo entre o egoísmo e a compaixão: eu iria vê-la em casa, mas apenas na presença do marido, sem dizer nada, antes da minha decisão ter efeito. Assim, poderia equilibrar os dois sentimentos. Agora, enquanto escrevo, me parece que esse compromisso foi uma enganação, e que essa compaixão era apenas uma outra forma de egoísmo, como se a decisão de consolar Virgília fosse só uma forma de aliviar meu próprio sofrimento.

Capítulo 80: De Secretário

Na noite seguinte, fui à casa de Lobo Neves. Ele estava animado e Virgília, muito triste. Tenho certeza de que ela se sentiu aliviada quando nossos olhares se encontraram, cheios de curiosidade e carinho. Lobo Neves contou seus planos para a presidência, as dificuldades e

esperanças. Estava tão animado! Virgília fingia ler um livro, mas de vez em quando me olhava por cima da página, ansiosa.

De repente, Lobo Neves disse que o problema era não ter encontrado um secretário. E sugeriu que eu o acompanhasse ao Norte como secretário. Por um momento, fiquei em choque, como se tivesse visto uma cobra, e o olhei fixamente, tentando ver se ele tinha algum motivo oculto. Mas não parecia - ele estava calmo e alegre. Não tive coragem de olhar para Virgília, mas senti o olhar dela pedindo que eu aceitasse, e eu disse que sim, que iria. No fim, um presidente, uma esposa de presidente e um secretário resolveriam tudo de forma organizada.

Capítulo 81: A Reconciliação

Ao sair, comecei a me perguntar se exporia a reputação de Virgília e se não haveria outra maneira de resolver isso. Não encontrei nenhuma. No dia seguinte, já estava decidido a aceitar o cargo. Ao meio-dia, meu criado me avisou que havia uma senhora coberta por um véu na sala. Era minha irmã, Sabina.

Ela disse que não podíamos continuar brigados e que precisávamos fazer as pazes de uma vez por todas, porque a nossa família estava se desfazendo. Eu concordei, a abracei e falamos sobre tudo - marido, filha, negócios. A filha estava linda, e o marido viria me mostrar, se eu permitisse. "Ora, eu mesmo vou vê-la!", disse. E ela ficou aliviada, feliz por finalmente acabarmos com a briga.

Sabina parecia mais jovem e cheia de vida. A lembrança da nossa infância voltou, com as brincadeiras e as festas da família. De repente, apareceu minha sobrinha Sara, uma menina de cinco anos, e logo depois o Cotrim, marido de Sabina. Emocionado, o abracei. Conversamos como velhos amigos, sem tocar no passado, fazendo planos para o futuro. Falei sobre minha viagem ao Norte, mas Sabina e Cotrim insistiram que eu deveria ficar na cidade, que lá eu teria mais oportunidades. No fim, estava tudo em paz e concordamos em trocar visitas e jantares.

Capítulo 82: Questão de Botânica

A vida é doce, pensei, ao ver Sabina, o marido e a filha descendo as escadas e me acenando com carinho. Eu tinha tudo: o amor de Virgília, a confiança do marido dela, uma reconciliação com minha família. O que mais eu poderia querer?

Naquele dia, comecei a espalhar pela cidade que talvez fosse para o Norte como secretário. Disse isso em vários lugares. Alguns riam com malícia, outros me felicitavam. Uma senhora fez uma piada no teatro, dizendo que eu estava exagerando o meu amor pela "escultura", uma referência às belas formas de Virgília.

Mas a piada mais ousada veio de um tal de Garcez, um cirurgião velho e sem jeito, que insinuou que eu ia para o Norte estudar Cícero, como se isso fosse algo nobre. Ele fez uma piada boba sobre Virgílio e Virgília, e todos riram. Olhei para Sabina e sorri para acalmá-la. No fundo, eu já sabia que a história do meu romance estava mais pública do que eu

imaginava. O que antes me deixava sério e preocupado agora me fazia sorrir, quase com orgulho. Era fácil admitir um "erro bonito" como Virgília.

CAPÍTULO 83 / 13

Cotrim me tirou do meu pensamento e me levou à janela. — Você quer que eu te diga uma coisa? perguntou ele. — Não faça essa viagem; é uma ideia ruim e perigosa.

— Por que não?

— Você sabe bem por quê, respondeu ele. É muito perigosa. Aqui na cidade, esse tipo de coisa fica escondido entre tantas pessoas e interesses, mas na província é diferente. Quando se trata de políticos, é realmente uma loucura. Os jornais de oposição, assim que souberem, vão espalhar tudo e vão surgir as piadas e os apelidos...

— Mas eu não entendo...

— Entende sim. Seria muito ingrato da sua parte não reconhecer algo que todo mundo já sabe. Eu já sei disso há meses. Repito, não faça essa viagem; aguarde a saudade, que é melhor, e evite um grande escândalo e uma dor maior...

Depois disso, ele foi para dentro. Eu fiquei olhando para o lampião na esquina, um lampião antigo de óleo, triste e apagado, como um ponto de interrogação. O que eu deveria fazer? Era como na história de Hamlet: aceitar o destino ou lutar contra ele. Em outras palavras: embarcar ou não. Essa era a questão. O lampião não dizia nada. As palavras de Cotrim ecoavam em minha mente, muito diferentes das palavras de Garcez. Talvez Cotrim tivesse razão, mas eu poderia me separar de Virgília?

Sabina veio até mim e perguntou em que eu estava pensando. Respondi que em nada, que estava com sono e ia para casa. Sabina ficou quieta por um momento. — O que você precisa, eu sei; é uma noiva. Deixe que eu arranjo uma noiva para você. Saí de lá angustiado e confuso. Estava pronto para embarcar — corpo e coração — e então surge esse porteiro das conveniências, que me pede o cartão de entrada. Ignorei as conveniências e tudo o que isso envolvia.

No dia seguinte, abri um jornal e li que, por decreto de 13, tínhamos sido nomeados presidente e secretário da província, Lobo Neves e eu. Escrevi imediatamente para Virgília e, duas horas depois, fui para a Gamboa. Coitada de D. Plácida! Estava cada vez mais preocupada; perguntou se esqueceríamos a velha, se a saudade era grande e se a província ficava longe. Tentei confortá-la, mas eu mesmo precisava de conforto; a preocupação de Cotrim me afetava. Virgília chegou logo depois, alegre como uma andorinha, mas ao me ver triste, ficou séria.

— O que aconteceu?

— Estou em dúvida, disse eu; não sei se devo aceitar...

Virgília se jogou no sofá, rindo. – Por quê? perguntou ela.

– Não é conveniente, chama muito a atenção...

– Mas nós não vamos.

– Como assim?

Ela me contou que o marido ia recusar a nomeação, por um motivo que só contou a ela e pediu sigilo. Ele não podia dizer isso a mais ninguém. – É infantil, disse ele, é ridículo; mas é um motivo importante para mim. Disse a ela que o decreto tinha a data de 13, que para ele era um número de lembranças tristes. O pai morreu em um dia 13, treze dias depois de um jantar com treze pessoas. A casa onde a mãe morreu tinha o número 13. Para ele, esse número trazia azar. Ele não podia contar isso ao ministro; diria que tinha razões pessoais para não aceitar. Eu fiquei surpreso com esse sacrifício por causa de um número; mas, sendo ele ambicioso, esse sacrifício parecia sincero...

CAPÍTULO 84 / O CONFLITO

Número azarado, você se lembra que te abençoei muitas vezes? Assim como as moças ruivas de Tebas deviam abençoar a égua, que as substituiu no sacrifício de Pelópidas – uma égua bonita que morreu coberta de flores, sem que ninguém sentisse falta dela. Eu a abençoo, não só pela morte, mas porque, entre as moças, pode haver uma avó dos Cubas... Número azarado, você foi nossa salvação. O marido não me contou o motivo da recusa; disse que eram assuntos pessoais, e o olhar sério que eu vi nele mostrou bem a sua dissimulação. Ele mal conseguia esconder a tristeza profunda que sentia; falava pouco, se isolava em casa e lia. Às vezes recebia visitas e então conversava e ria muito, mas era uma alegria forçada. Ele lutava com a ambição, que um escrúpulo atrapalhava, e logo depois vinha a dúvida e talvez o arrependimento, mas um arrependimento que voltaria, se a situação se repetisse, porque sua superstição era forte. Ele duvidava da superstição, mas não a rejeitava. Essa persistência de um sentimento que incomodava a ele mesmo era algo a se notar. Mas eu preferia a inocência de D. Plácida, quando dizia que não podia ver um sapato virado.

– O que tem isso? eu perguntava.

– Faz mal, era sua resposta.

Só isso, essa única resposta, que para ela era uma verdade. Faz mal. Disseram isso a ela quando era criança, sem mais explicações, e ela acreditava na certeza do mal. Mas não acontecia o mesmo quando falávamos de apontar uma estrela com o dedo; aí ela sabia que poderia criar uma verruga.

Ou uma verruga ou algo assim, o que vale para quem não perde uma presidência de província? Aceita-se uma superstição pequena; é insuportável quando ela afeta uma parte da vida. Esse era o caso de Lobo Neves, com a dúvida e o medo de parecer ridículo. E ainda teve o problema de o ministro não acreditar nos motivos pessoais; ele achou que a recusa do Lobo Neves era por razões políticas, e não acreditou nas aparências;

tratou-o mal, passou essa desconfiança para os colegas; surgiram problemas; e, com o tempo, o presidente resignado se juntou à oposição.

CAPÍTULO 85 / O PICO DA MONTANHA

Quem escapa de um perigo ama a vida de forma mais intensa. Eu passei a amar Virgília com mais força, depois que quase a perdi, e ela também sentiu o mesmo. Assim, a presidência só fez aumentar o amor que já tínhamos; foi como um tempero que deixou nosso amor mais saboroso e precioso. Nos primeiros dias, depois daquele incidente, gostávamos de imaginar a dor da separação, se ela acontecesse, a tristeza de um e de outro, enquanto o mar, como uma toalha elástica, se expandia entre nós; e, como crianças que correm para o colo das mães, fugíamos do medo, nos apertando em abraços.

— Minha boa Virgília!

— Meu amor!

— Você é minha, não?

— Sou sua, sou sua...

E assim retomamos nossa história como a sultana Scheherazade fazia com seus contos. Esse foi, eu acho, o ponto alto do nosso amor, o cimo da montanha, onde por algum tempo conseguimos ver os vales a leste e a oeste, e acima de nós o céu tranquilo e azul. Depois desse tempo, começamos a descer, de mãos dadas ou soltas, mas a descer, a descer...

CAPÍTULO 86 / O MISTÉRIO

Descendo a serra, eu a vi um pouco diferente, não sei se triste ou outra coisa, perguntei o que estava acontecendo; ela ficou quieta, fez um gesto de tédio e cansaço. Eu insisti, e ela me disse que... Uma sensação forte e rápida percorreu meu corpo: uma experiência intensa e única que eu nunca conseguirei descrever. Segurei suas mãos, puxei-a levemente para mim e a beijei na testa, com delicadeza e seriedade. Ela estremeceu, segurou minha cabeça entre as mãos, olhou nos meus olhos e depois me acariciou de forma maternal... Isso é um mistério; deixemos que o leitor tente decifrar.

CAPÍTULO 87 / GEOLOGIA

Nesse tempo, aconteceu um desastre: a morte do Viegas. O Viegas, com seus setenta anos, cheio de asma e dores, foi um dos observadores da nossa aventura. Virgília tinha grandes esperanças de que esse velho parente, avarento como um sepulcro, ajudasse o futuro do filho com algum legado; e, se o marido tinha os mesmos pensamentos, escondia-os bem. É preciso dizer: Lobo Neves tinha uma dignidade básica, uma camada de rocha que resistia ao comércio das pessoas. As outras camadas, de terra solta e areia, foram levadas pela vida, que é como uma chuva contínua. Se você se lembra do capítulo XXIII, notará que é a segunda vez que comparo a vida a uma chuva; mas agora adicionei a palavra "contínua". E Deus sabe a força de uma palavra, especialmente em países novos e quentes.

O que é novo neste livro é a geologia moral de Lobo Neves, e provavelmente a sua também, leitor. Sim, essas camadas de caráter, que a vida muda, mantém ou acrescenta, assim como as nuvens que cobrem os céus ou formam a paisagem. O resultado é sempre o mesmo: as ideias se agrupam em famílias, em casa, como um ser humano que se desenvolve e vai formar um novo caráter, o que é um novo ser. Assim, Lobo Neves foi um novo homem, transformado pela vida e pelas experiências que o marcaram.

CAPÍTULO LXXXVIII / O ENFERMO

Não preciso dizer que rebati essa ideia tão ruim com os argumentos mais simples. Mas ele ficou tão incomodado com o que eu disse que se opôs até o final, talvez tentando confundir sua própria consciência.

O caso de Virgília era mais sério. Ela não era tão cuidadosa quanto o marido: mostrava claramente suas esperanças com a herança, cercava o parente com cortesias e carinhos, como se quisesse ganhar algo em troca. Ela o elogiava, mas percebi que a maneira como as mulheres fazem isso é diferente da dos homens. A adulação feminina tem um tom mais afetuoso, enquanto a masculina pode parecer servil. O jeito gentil, as palavras doces, e até um pouco de fragilidade física, fazem a forma de elogiar das mulheres parecer mais natural. Não importa a idade da pessoa elogiada; a mulher sempre traz um ar de mãe, irmã ou enfermeira para essa relação.

Era isso que eu pensava enquanto Virgília cercava o velho parente de carinhos. Ela o recebia na porta, conversando e rindo, tirava seu chapéu e bengala, oferecia seu braço e o levava até uma cadeira especial para pessoas doentes ou idosas, que havia em casa. Ela se preocupava em fechar ou abrir a janela, dependendo do clima, para não deixá-lo resfriar.

— Então? Hoje você está um pouco melhor...

— Não! Passei mal a noite. A asma não me deixa em paz.

Ele respirava fundo, tentando descansar do cansaço da entrada e da subida, não da caminhada, pois sempre ia de carroça. Virgília se sentava perto dele, com as mãos nos joelhos dele. Enquanto isso, o nhonhô (uma criança) entrava na sala, mas sem o entusiasmo habitual, só discreto e carinhoso. Viegas gostava muito dele.

— Vem cá, nhonhô, — dizia Viegas, enquanto com dificuldade pegava uma caixinha de pastilhas, colocava uma na boca e dava outra ao menino. Eram pastilhas para a asma. O menino dizia que eram muito boas.

Isso se repetia com algumas variações. Como Viegas gostava de jogar damas, Virgília o acompanhava, pacientemente movendo as peças. Outras vezes, eles saíam para passear no jardim, ela oferecendo seu braço, que ele nem sempre aceitava, dizendo que estava forte o suficiente para andar sozinho. Eles iam e voltavam, conversando sobre vários assuntos: sobre questões da família, fofocas ou sobre uma casa que ele pensava em construir, uma casa moderna, já que a dele era antiga, da época do rei D. João VI, como algumas que ainda existem no bairro de São Cristóvão, com suas colunas grossas na frente. Ele achava que o casarão onde morava

poderia ser trocado, já tinha até pedido o projeto a um pedreiro famoso. Ah! Então sim, ele achava que Virgília veria o que era um velho de bom gosto.

Ele falava devagar e com dificuldade, parando de vez em quando para respirar. Às vezes, tinha uma crise de tosse; curvado, gemia e levava um lenço à boca para se limpar. Depois, voltava a falar da casa, que teria tantos quartos, um terraço, uma cascata, algo incrível.

CAPÍTULO LXXXIX / IN EXTREMIS

— Amanhã vou passar o dia na casa do Viegas, — me disse uma vez. Coitado! Não tem ninguém por lá...

Viegas estava na cama, doente; sua filha, que se casou, ficou doente também e não podia fazer-lhe companhia. Virgília ia vê-lo de vez em quando. Aproveitei para passar o dia com ela. Cheguei lá por volta das duas da tarde. Viegas tossia tão forte que parecia que ia quebrar o peito; entre as tosses, discutia o preço de uma casa com um homem magro. O homem oferecia trinta contos. Viegas queria quarenta. O comprador estava insistindo, como se tivesse medo de perder a oportunidade, mas Viegas não cedia; recusou os trinta, depois mais dois, mais três, até que teve uma forte crise que o deixou sem falar por quinze minutos. O comprador o tratava bem, ajeitava os travesseiros e oferecia trinta e seis contos.

— Nunca! — gemia o doente.

Ele pediu que eu buscasse alguns papéis na escrivaninha. Sem forças para tirar a fita que os segurava, pediu que eu ajudasse, e eu fiz. Eram contas da construção da casa: contas do pedreiro, do carpinteiro, do pintor, do papel de parede das salas e dos quartos. Ele abria uma a uma, com a mão tremendo, e pedia que eu lesse. Eu lia.

— Olha; mil e duzentos, papel de mil e duzentos a peça. Dobradiças francesas... Veja, não custa nada, — concluiu ele depois de ler a última conta.

— Pois bem... mas...

— Quarenta contos; não aceito menos que isso. Só os juro... calcule os juro...

Essas palavras vinham entre tosses, com dificuldade, como se fossem fragmentos de um pulmão doente. Seus olhos pareciam lâmpadas acesas, e sob o lençol, eu via seus ossos, com a pele amarelada e enrugada. Uma touca de algodão branco cobria sua cabeça careca.

— Então? — disse o homem magro.

Fiz sinal para que ele não insistisse, e ele parou por um momento. O doente ficou olhando para o teto, quieto, respirando com dificuldade; Virgília estava pálida, levantou-se e foi até a janela. Ela suspeitou que a morte estava próxima e ficou com medo. Tentei mudar de assunto. O homem

magro contou uma piada e voltou a falar sobre a casa, aumentando a oferta.

— Trinta e oito contos, — disse ele.

— Hã?... — gemeu o doente.

O homem magro se aproximou da cama, pegou a mão dele e sentiu que estava fria. Eu me aproximei e perguntei ao doente se sentia algo, se queria um pouco de vinho.

— Não... não... quar... quaren... quar... quar...

Ele teve uma crise de tosse, e foi a última; logo depois, ele morreu, para a grande tristeza do homem magro, que me confessou mais tarde que estava disposto a oferecer os quarenta contos, mas era tarde demais.

CAPÍTULO XC / O VELHO COLÓQUIO DE ADÃO E CAIM

Nada. Nenhum lembrete de testamento, nem mesmo uma pastilha, que não me fizesse parecer ingrato ou esquecido. Nada. Virgília ficou furiosa com isso e me contou com cuidado, não apenas pela situação, mas porque ela conversava com o filho, que ela sabia que eu não gostava muito. Sugerí que ela não pensasse mais nisso. O melhor era esquecer o falecido, um sujeito sem importância, e tratar de coisas alegres; como nosso filho, por exemplo...

Acabei revelando o mistério que eu guardava, esse doce mistério de semanas atrás, quando Virgília parecia um pouco diferente. Um filho! Um ser que vinha de mim! Essa era a única coisa que me preocupava naquele momento. Olhar os outros, o medo do marido, a morte de Viegas, nada disso importava; nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos. Eu só pensava no embrião, um ser anônimo, e uma voz interior me dizia: é seu filho. Meu filho! E repetia isso com uma alegria indefinível, e um orgulho que eu não sabia explicar. Sentia-me homem.

O melhor é que conversávamos os dois, o embrião e eu, falávamos do presente e do futuro. O pequeno gostava de mim, brincava comigo, e imaginava que um dia seria um bacharel, fazendo um discurso na Câmara dos Deputados, enquanto eu o ouvia emocionado. Às vezes, eu me esquecia de Virgília e de tudo. Ela me chamava a atenção, reclamava que eu estava em silêncio; dizia que eu não me importava mais com ela. A verdade é que estava conversando com o embrião; era um diálogo silencioso entre a vida e a vida, entre mistérios.

CAPÍTULO XCI / UMA CARTA EXTRAORDINÁRIA

Nessa época, recebi uma carta estranha, acompanhada de um objeto curioso. A carta dizia:

“Meu caro Brás Cubas,

Há algum tempo, no Passeio Público, peguei emprestado um relógio seu. Tenho o prazer de devolvê-lo com esta carta. A diferença é que não é o

mesmo, mas um igual. O que posso dizer? Muitas coisas aconteceram desde nosso encontro; vou contar tudo se a porta não se fechar. Saiba que não estou mais com aquelas botas velhas, nem com uma famosa sobrecasaca que estava em péssimo estado. Cedi meu lugar na escada de São Francisco; enfim, almoço.

Dito isso, peço licença para, em breve, lhe mostrar um trabalho que fiz, um novo sistema de filosofia que explica a origem e o fim das coisas e que avança muito além de Zenon e Sêneca, cujas ideias eram simples, e só entravam na cabeça dos curiosos. Um grande abraço.

Se não quiser, não me responda. Mas, se me entender, também não posso deixar de lhe dizer que sou um homem de letras.

Aguardo suas notícias e me despeço,

Antonio Abade"

Após ler a carta, refleti sobre a vida. Quantos anos eu não pensava no que eu era! E, sem querer, percebi que tinha um destino diferente do de Abade. Meu destino era ser lido, mas não era algo que eu desejava. E por que não desejava? Por que não tinha vontade de ser um homem de letras?

Acordei e percebi que tudo passava, como um sonho.

CAPÍTULO XCII / UM HOMEM EXTRAORDINÁRIO

Estou terminando as histórias incríveis. Estava guardando uma carta e um relógio quando um homem magro, chamado Damasceno, me trouxe um convite para jantar do Cotrim. Ele era casado com uma irmã do Cotrim, tinha chegado do Norte há poucos dias e havia participado da revolução de 1831. Ele me contou isso em cinco minutos. Ele saiu do Rio de Janeiro por não concordar com o Regente, que era burro, quase tão burro quanto os ministros dele. A revolução estava de novo perto. Embora ele tivesse algumas ideias confusas sobre política, consegui entender o que ele queria: um governo forte, não por músicas, mas por apoio da guarda nacional. Não consegui saber se ele queria esse governo forte com uma, três, trinta ou trezentas pessoas. Ele tinha várias opiniões, como aumentar o tráfico de africanos e expulsar os ingleses. Ele gostava muito de teatro e, assim que chegou, foi ao Teatro de São Pedro, onde viu uma peça chamada "Maria Joana" e uma comédia chamada "Kettly, ou a volta à Suíça". Ele também gostava muito de uma atriz chamada Candiani. Agora, queria ouvir a música "Ernani", que sua filha cantava em casa. Ele se levantou e começou a cantarolar. No Norte, essas músicas eram populares. A filha dele amava ouvir todas as óperas e tinha uma voz linda. Ele estava animado para voltar ao Rio de Janeiro. Já tinha conhecido toda a cidade e sentia falta de alguns lugares; em alguns, quase chorou. Mas não queria viajar de novo porque enjoou muito no barco, assim como os outros passageiros, exceto um inglês. Ele falava mal dos ingleses, pensando que se encontrasse pessoas boas, poderia expulsá-los facilmente. Ele tinha orgulho do seu país e bateu no peito, pois vinha de uma família patriota. Não era um qualquer. Se tivesse chance, mostraria sua coragem. Mas estava ficando tarde, então eu disse que não faltaria ao jantar e que o esperava para conversarmos mais. Levei-o até a porta, ele parou e disse que

gostava muito de mim. Quando se casou, eu estava na Europa. Ele conheceu meu pai, um homem bom, e dançou com ele em um baile famoso na Praia Grande. Quanta história! Eu falaria depois, estava tarde e tinha que levar a resposta ao Cotrim. Ele saiu e eu fechei a porta.

CAPÍTULO XCIII / O JANTAR

O jantar foi um verdadeiro sufoco! Felizmente, Sabina me colocou ao lado da filha do Damasceno, uma moça chamada D. Eulália, ou Nhã-loló, que era bonita, mas tímida no começo. Ela não era muito elegante, mas tinha olhos incríveis que não se desgrudavam de mim, a não ser quando olhava para o prato. Nhã-loló comia tão pouco que quase não olhava para a comida. À noite, ela cantou e sua voz era mesmo muito bonita, como disse o pai. Eu, no entanto, tentei escapar. Sabina veio até a porta e me perguntou o que achei da filha do Damasceno.

— Assim, assim.

— Muito simpática, não é? — disse ela. — Faltava um pouco de elegância, mas que coração! É uma ótima noiva para você.

— Não gosto de noivas.

— Cismado! Você vai se casar quando estiver velho, já sei. Mas, querido, você vai acabar casando com Nhã-loló.

Ela dizia isso me tocando suavemente no rosto, parecendo uma pomba, mas também um pouco autoritária. Meu Deus! Será que era isso que a reconciliava comigo? Fiquei um pouco triste com a ideia, mas uma voz misteriosa me chamava para ir à casa do Lobo Neves. Despedi-me de Sabina e de suas ameaças.

CAPÍTULO XCIV / A CAUSA SECRETA

— Como está minha querida mãe? Ao ouvir isso, Virgília ficou chateada, como sempre. Estava sentada sozinha olhando para a lua e me recebeu feliz, mas ficou triste quando falei do nosso filho. Ela não gostava que eu mencionasse isso, pois não gostava de carinhos de pai. Para mim, ela era uma pessoa especial, quase divina, então deixei ela quieta. Achei que o bebê a deixava preocupada. Mas eu estava errado. Virgília parecia mais aberta, sem se preocupar com os outros ou com o marido. Não era culpa. Também pensei que ela poderia estar inventando essa gravidez para me prender a ela, mas isso era uma possibilidade, pois minha doce Virgília às vezes mentia com graça!

Naquela noite, descobri o verdadeiro motivo: ela estava com medo do parto e envergonhada da gravidez. Sofreu muito quando teve o primeiro filho, e isso a deixava nervosa. O envergonhamento vinha da necessidade de abrir mão de certos hábitos de vida elegante. Com certeza, era isso. Dei a entender isso a ela, reclamando, um pouco em nome dos meus direitos de pai. Virgília me olhou, depois desviou o olhar e sorriu como se não acreditasse.

CAPÍTULO XCV / FLORES DE ANTANHO

Onde estão as flores do passado? Uma tarde, após algumas semanas da gravidez, todas as minhas esperanças de ser pai desmoronaram. O bebê foi embora, e eu soube pela boca do Lobo Neves, que me deixou na sala e foi ao quarto da mãe frustrada. Eu fiquei olhando pela janela para o quintal, onde as laranjeiras estavam verdes, mas sem flores. Onde foram aquelas flores do passado?

CAPÍTULO XCVI / A CARTA ANÔNIMA

Senti alguém tocar meu ombro; era Lobo Neves. Ficamos nos olhando em silêncio e tristes. Perguntei por Virgília e conversamos por meia hora. Depois, trouxeram uma carta para ele. Ele leu, ficou muito pálido e a fechou com a mão tremendo. Acho que ele quase se atirou sobre mim, mas não me lembro bem. O que lembro é que nos dias seguintes, ele me tratou de forma fria e distante. Depois, Virgília me contou tudo na Gamboa.

O marido mostrou a carta para ela assim que ela melhorou. Era anônima e falava sobre nós. Não dizia tudo; não mencionava nossos encontros fora, mas avisava que ele deveria desconfiar da minha amizade e que a suspeita era conhecida. Virgília leu e disse, indignada, que era uma calúnia horrível.

— Calúnia? — perguntou Lobo Neves.

— Horrível.

Ele respirou fundo, mas ao voltar a olhar para a carta, parecia que cada palavra dela o desanimava. Esse homem, que era corajoso, parecia agora o mais fraco dos homens. Talvez imaginasse o olhar de julgamento das pessoas sobre ele. Ele insistiu para que Virgília confessasse tudo, prometendo que perdoaria. Virgília percebeu que estava a salvo e ficou irritada com a insistência, jurando que comigo só havia tido conversas educadas. A carta devia ser de algum namorado frustrado. Ela mencionou alguns, um que a cortejou por três semanas, outro que lhe escrevera, e ainda outros. Citou os nomes e olhou para o marido, terminando com a promessa de que, para evitar a calúnia, me trataria de forma que eu não voltaria mais.

Eu ouvi tudo um pouco confuso, não pela necessidade de ser dissimulado a partir de agora até sair completamente da casa de Lobo Neves, mas pela tranquilidade de Virgília, pela falta de emoção, medo ou saudade, e até de arrependimento. Virgília percebeu que eu estava preocupado, levantou meu queixo, pois eu estava olhando para o chão, e disse com um pouco de amargura:

— Você não merece os sacrifícios que estou fazendo.

Não disse nada; era inútil dizer que um pouco de desespero e medo tornaria nossa situação mais intensa como nos primeiros dias; mas se eu dissesse, talvez ela fizesse isso acontecer. Não disse nada. Ela batia nervosamente com o pé no chão; me aproximei e a beijei na testa. Virgília se afastou, como se fosse um beijo de alguém morto.

CAPÍTULO XCVII / ENTRE A BOCA E A TESTA

Sinto que o leitor deve ter ficado chocado. A última frase deve ter feito você pensar. Veja a cena: em uma casinha da Gamboa, duas pessoas que se amam há muito tempo, uma inclinada para a outra, dando um beijo na testa, e a outra se afastando, como se sentisse o toque de um corpo sem vida. Há um grande espaço entre a boca e a testa, antes e depois do beijo, que pode significar muitas coisas — ressentimento, desconfiança, ou a sensação de estar satisfeito...

CAPÍTULO XCVIII / SUPRIMIDO

Nos separamos de forma alegre. Jantei em paz com a situação. A carta anônima trouxe de volta o mistério e o perigo à nossa aventura; e foi bom que Virgília não perdesse a calma naquela crise. À noite fui ao Teatro de São Pedro, onde havia uma peça emocionante que fazia as pessoas chorarem. Entrei e olhei para os camarotes; vi Damasceno e sua filha D. Eulália. Assim que terminei a peça, eles vieram até mim, e eu os cumprimentei rapidamente. Fui embora e voltei para casa com um bom sentimento. Então, pedi para minha mãe me deixar ver como era minha casa antes de ir embora. Minha mãe concordou, e ao chegar em casa, vi que tudo estava diferente; o calor estava insuportável e minha cama estava vazia, embora eu soubesse que era uma ilusão.

CAPÍTULO XCIX / NA PLATÉIA

Na plateia, encontrei Lobo Neves conversando com alguns amigos. Falei com ele rapidamente, meio sem jeito. Mas no intervalo, nos encontramos em um corredor vazio. Ele veio até mim, muito amigável e rindo, me puxou para ver um dos óculos do teatro e conversamos bastante, principalmente ele, que parecia tranquilo. Perguntei sobre a esposa dele, e ele disse que estava bem, mas logo mudou de assunto, muito alegre. Ninguém sabe a razão dessa mudança; eu evitei olhar para Damasceno, que estava espiando pela porta do camarote.

Não ouvi nada do ato seguinte, nem as falas dos atores, nem as palmas do público. Sentei na cadeira, pensando na conversa com Lobo Neves, como ele se comportava, e cheguei à conclusão de que a nova situação era melhor. Era suficiente a Gamboa. Frequentar a outra casa aumentaria as invejas. Podíamos muito bem não nos falar todos os dias; isso até era melhor, deixava saudade nos nossos amores. Além disso, eu já tinha passado dos quarenta anos e não era nada, nem mesmo um simples eleitor. Precisava fazer algo, ainda mais por causa de Virgília, que ficaria orgulhosa ao ver meu nome brilhando... Acho que teve muitos aplausos nessa hora, mas não posso afirmar; estava pensando em outra coisa.

A multidão, cujo amor eu desejei até morrer, às vezes era minha forma de me vingar de você; deixava as pessoas ao meu redor falando, mas não as ouvia, como o Prometeu de Ésquilo fazia com seus torturadores. Ah! você pensava que ia me prender com suas trivialidades, indiferença ou agitação? Eram correntes frágeis, amiga; eu as quebrava com um gesto. É comum observar algo no deserto. O curioso é isolar-se no meio de tanta gente, de tantos gestos e palavras, e decidir estar alheio, inacessível, ausente. Quando ele volta a si, ou seja, quando volta aos outros, o que

podem dizer é que desceu do mundo da lua; mas esse mundo da lua, essa parte brilhante e escondida da mente, não é nada mais que a afirmação do nosso espírito livre. Deus do céu! Esse é um bom final de capítulo.

CAPÍTULO C / O CASO PROVÁVEL

Se este mundo não fosse cheio de pessoas distraídas, eu não precisaria lembrar ao leitor que só afirmo certas coisas quando realmente sei; sobre outras, só falo da possibilidade. O que vou contar agora é um exemplo disso, e recomendo a leitura a todos que gostam de estudar os fenômenos sociais. Parece que há uma relação entre os eventos da vida pública e os da vida pessoal, algo que acontece de maneira regular, como as marés da Praia do Flamengo e de outras praias agitadas. Quando a onda atinge a praia, invade bastante; mas a água volta para o mar, com força variável, e vai aumentar a próxima onda, que será como a primeira. Essa é a imagem; vamos ver a aplicação.

Dizem que Lobo Neves, ao ser nomeado presidente da província, recusou a posição porque a data do decreto era 13. Essa foi uma decisão importante que resultou na saída do marido de Virgília do ministério. Assim, a aversão de algumas pessoas causou uma mudança política. Agora, vamos ver como, tempos depois, uma ação política causou uma pausa na vida pessoal. Não vou descrever imediatamente esse fenômeno, mas posso dizer que Lobo Neves, quatro meses depois de nos encontrarmos no teatro, se reconciliou com o ministério. O leitor deve lembrar disso se quiser entender o que estou pensando.

CAPÍTULO CI / A REVOLUÇÃO DÁLMATA

Virgília me contou sobre a mudança política do marido em uma manhã de outubro, entre 11h e meio-dia; falou sobre reuniões, conversas, um discurso...

— Então, dessa vez você vai ser baronesa, interrompi.

Ela fez uma expressão de desdém, balançando a cabeça; mas esse gesto não escondia uma emoção de gosto e esperança. Não sei por que, pensei que a nomeação poderia trazê-la para o caminho do bem, não por virtude, mas por gratidão ao marido. Ela realmente gostava da nobreza. Um dos maiores desgostos da nossa vida foi a aparição de um homem insignificante da delegação, o Conde B. V., que a cortejou por três meses. Ele era um verdadeiro nobre, e deixou Virgília um pouco confusa, que tinha o jeito para a diplomacia. Não sei o que seria de mim se não houvesse uma revolução na Dalmácia, que derrubou o governo e melhorou as embaixadas. Foi uma revolução sangrenta, dolorosa, horrível; os jornais contavam os horrores, o sangue, as mortes; todos estavam indignados e com pena... Eu não; eu agradeci internamente essa tragédia, que me livrou de um problema. E além disso, a Dalmácia era tão longe!

CAPÍTULO CII / DE REPOUSO

Mas esse mesmo homem que ficou feliz com a partida do outro fez algo depois... Não, não vou contar isso agora; esse capítulo fica para eu

descansar do meu vexame. Foi uma ação baixa, sem explicação... Não contarei isso aqui.

CAPÍTULO CIII / DISTRAÇÃO

— Não, senhor doutor, isso não se faz. Desculpe-me, isso não se faz.

D. Plácida tinha razão. Nenhum cavalheiro chega uma hora atrasado ao encontro da sua dama. Entrei ofegante; Virgília já tinha ido embora. D. Plácida me contou que ela esperou muito, ficou irritada, chorou e jurou que ia me desprezar, além de outras coisas que nossa empregada dizia com lágrimas na voz, pedindo que eu não abandonasse Iaiá, que era muito injusto com uma moça que havia me dado tudo. Expliquei que foi um mal-entendido... E não foi; acho que foi só distração. Um comentário, uma conversa, uma piada, qualquer coisa; foi só distração.

Coitada de D. Plácida! Ela estava muito aflita. Andava de um lado para o outro, balançando a cabeça, suspirando alto, espiando pela porta. Coitada de D. Plácida! Como ela arrumava as coisas, cuidava de nós, trazia alegria para nosso amor! Tinha uma imaginação incrível para tornar as horas mais agradáveis e rápidas! Flores, doces — aqueles bons doces de antes — e muita risada, carinho, risadas e carinhos que cresciam com o tempo, como se quisesse tornar nossa história mais especial. Nada esquecia, nem as mentiras, porque uma vez ela disse que eu tinha uma nova paixão. — Você sabe que não posso gostar de outra mulher, foi o que eu disse quando Virgília mencionou isso. E só essa palavra, sem protesto ou reclamação, fez D. Plácida ficar triste.

— Está bem, disse a ela, depois de um quarto de hora; Virgília vai perceber que eu não tive culpa nenhuma... Você quer levar uma carta para ela agora?

— Ela deve estar bem triste, coitadinha! Olhe, eu não desejo a morte de ninguém; mas, se você algum dia casar com Iaiá, então sim, você verá o anjo que ela é!

Lembro que desviei o rosto e olhei para o chão. Recomendo esse gesto para quem não sabe o que responder ou tem medo de encarar os olhos dos outros. Em situações assim, alguns preferem recitar uma parte dos "Lusiadas", outros assobiam; eu faço o gesto que mencionei; é mais simples, não exige muito esforço.

Três dias depois, tudo estava explicado. Acho que Virgília ficou um pouco surpresa quando pedi desculpas pelas lágrimas que ela derramou naquela triste ocasião. Nem me lembro se as atribuí a D. Plácida. Na verdade, pode ser que D. Plácida tenha chorado ao ver Virgília desapontada, e, por um fenômeno de visão, as lágrimas que ela tinha nos olhos pareceram cair dos olhos de Virgília. Seja como for, tudo estava explicado, mas não perdoado, e ainda menos esquecido. Virgília me dizia várias coisas duras, ameaçava se separar de mim, elogiava o marido. Ele, sim, era um homem digno, muito melhor que eu, delicado, um exemplo de cortesia e carinho; isso era o que ela dizia, enquanto eu, sentado, com os braços nos joelhos, olhava para o chão, onde uma mosca arrastava uma formiga que a mordida. Pobre mosca! Pobre formiga!

— Mas você não diz nada, nada? perguntou Virgília, parando na minha frente.

— O que eu posso dizer? Já expliquei tudo; você insiste em ficar brava; o que posso dizer? Sabe o que me parece? Parece que você está cansada, que se aborrece, que quer acabar...

— Justamente!

Ela foi pegar o chapéu, com a mão tremendo, irritada... — Adeus, D. Plácida, gritou para dentro. Depois, foi até a porta, fechou a porta, ia sair; eu a segurei pela cintura, puxando-a.

— Diga-me uma coisa, você quer casar?

— Não!

— Está bem, nunca mais falo nisso, disse. E então?

— Eu vou embora.

— Você já foi embora várias vezes, não vai me deixar! Diga que não vai me deixar!

— Não vou mais!

Dessa vez não era uma mentira. Ela se despediu, fazendo uma expressão feia, como se fosse a última vez que ia me ver. Isso, no entanto, não fez sentido, porque D. Plácida não estava bem, sentia-se mal, e isso era muito sério, mas Virgília já estava na porta, mandando chamar a carruagem. Uma carruagem bonita, assim que chegou... Pobre D. Plácida! Ela tinha razão, como sempre.

CAPÍTULO CIV / ERA ELE!

Devolvi o grampo para Virgília, que prendeu novamente no cabelo e se preparou para sair. Era tarde; já eram três horas. Tudo estava esquecido e perdoado. D. Plácida, que estava esperando o momento certo para sair, fechou a janela de repente e disse:

— Nossa Senhora! Aí vem o marido de Iaiá!

O momento de medo foi breve, mas intenso. Virgília ficou tão pálida quanto seu vestido, correu para a porta da alcova; D. Plácida queria fechar a porta de dentro. Eu esperei Lobo Neves. Esse instante passou. Virgília se recompôs, me empurrou para a alcova e pediu a D. Plácida para voltar à janela; a confidente obedeceu.

Era ele. D. Plácida abriu a porta com muita surpresa: — O senhor por aqui! Que honra! Entre, por favor. Adivinhe quem está aqui... Não precisa adivinhar, você não veio por outra razão... Apareça, Iaiá.

Virgília, que estava em um canto, correu para o marido. Eu os observava pela fechadura. Lobo Neves entrou lentamente, pálido, frio, calmo, e olhou ao redor da sala.

— O que é isso? exclamou Virgília. Você aqui?

— Eu estava passando, vi D. Plácida na janela e vim cumprimentá-la.

— Muito obrigada, respondeu D. Plácida. E dizem que as velhas não servem para nada... Olhem! Iaiá parece estar com ciúmes. E acariciando-a muito:

— Esse anjinho nunca esqueceu da velha Plácida. Coitadinha! É igual à mãe... Sente-se, senhor doutor...

— Não vou demorar.

— Você vai para casa? disse Virgília. Vamos juntos.

— Vou.

— Dê-me meu chapéu, D. Plácida.

— Aqui está.

D. Plácida trouxe um espelho e o mostrou a Virgília. Ela colocava o chapéu, amarrava as fitas, arrumava o cabelo, falando com o marido, que não dizia nada. Nossa boa velha falava demais para esconder seu nervosismo. Virgília, após o susto, se sentiu mais calma.

— Pronto! disse ela. Adeus, D. Plácida; não esqueça de aparecer, ouviu? D. Plácida prometeu e abriu a porta para elas.

CAPÍTULO CV / EQUIVALÊNCIA DAS JANELAS

D. Plácida fechou a porta e sentou-se. Eu saí da alcova e dei dois passos para ir para a rua, para tirar Virgília do marido; isso foi o que eu disse, e pensei que estava certo, porque D. Plácida me segurou pelo braço. Cheguei a pensar que disse aquilo só para ela me parar; mas pensei melhor e percebi que, depois de dez minutos na alcova, o gesto mais verdadeiro e sincero era aquele. E isso se deve à famosa lei da equivalência das janelas, que eu descobri e escrevi no capítulo LI. Eu precisava arejar a mente. A alcova foi como uma janela fechada; eu abri outra ao me preparar para sair e respirei fundo.

CAPÍTULO CVI / JOGO PERIGOSO

Respirei e sentei-me. D. Plácida enchia a sala com gritos e lamentos. Eu ouvia sem dizer nada; pensava se não seria melhor ter deixado Virgília na alcova e ficar na sala. Mas logo percebi que isso seria pior; poderia confirmar a suspeita, aumentar o problema, e ter uma cena violenta... Foi muito melhor assim. Mas depois? O que iria acontecer na casa de Virgília? O marido a mataria? A espancaria? A trancaria? A expulsaria? Essas perguntas passavam lentamente pela minha cabeça, como manchas que aparecem nos olhos cansados. Elas iam e vinham, e eu não conseguia agarrar uma delas e dizer: é você, e não outra.

De repente, vi uma figura vestida de preto; era D. Plácida, que tinha ido para dentro, se coberto com um xale e vinha me oferecer ir à casa de Lobo Neves. Pensei que era arriscado, porque ele poderia desconfiar da visita tão perto.

— Fique calma, ela disse; eu sei como resolver isso. Se ele estiver em casa, não entro.

Ela saiu; eu fiquei pensando nas consequências. No fundo, parecia que eu estava jogando um jogo perigoso e me perguntei se não era hora de levantar e me distrair. Sentia saudades do casamento, desejava ter uma vida tranquila. Por que não? Meu coração ainda queria amar; não me sentia incapaz de um amor puro e verdadeiro. Na verdade, as aventuras são a parte mais agitada da vida, a exceção; eu estava cansado delas e não sei se me sentia culpado. Assim que pensei nisso, deixei minha imaginação me levar; me vi casado, ao lado de uma mulher linda, com um bebê dormindo no colo da babá, todos nós em uma chácara verde, olhando para um pedaço do céu azul.

CAPÍTULO CVII / BILHETE

Não aconteceu nada, mas ele desconfia de algo; está muito sério e não fala; agora saiu. Sorriu uma vez, apenas, para Nhonhô, depois de olhá-lo por muito tempo, com uma cara feia. Ele não me tratou mal, mas também não bem. Não sei o que vai acontecer; espero que isso passe. Muita cautela, por enquanto, muita cautela.

CAPÍTULO CVIII / QUE SE NÃO ENTENDE

Aqui está o drama, aqui está o lado trágico de Shakespeare. Esse pedaço de papel, rabiscado e amassado, era um documento para análise, mas não farei isso neste ou nos próximos capítulos, talvez nem no resto do livro. Não quero tirar do leitor a oportunidade de perceber por si mesmo a frieza, a inteligência e o ânimo dessas poucas linhas escritas às pressas; e por trás delas, a tempestade de outro cérebro, a raiva escondida, a tristeza que se segura e pensa, porque precisa se resolver em lama ou sangue, ou lágrimas.

Quanto a mim, se disser que li o bilhete três ou quatro vezes naquele dia, acredite, é verdade; e se disser que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, você pode acreditar, é a pura realidade. Mas se disser como me senti, duvide um pouco e não aceite isso sem provas. Nem então, nem agora, consegui entender o que senti. Era medo, mas não era medo; era pena, mas não era pena; era vaidade, mas não era vaidade; era amor sem amor, ou seja, sem delírio; e tudo isso era uma combinação complexa e confusa, algo que você não poderá entender, assim como eu não entendi. Vamos supor que não disse nada.

CAPÍTULO CIX / O FILÓSOFO

Eu li a carta antes e depois do almoço. Almocei e foi uma refeição muito simples: um ovo, uma fatia de pão e uma xícara de chá. Eu me lembrei disso, mesmo com tantas coisas importantes acontecendo. O motivo

principal foi o que Quincas Borba me disse durante sua visita. Ele me falou que não precisamos ser frugais para entender ou praticar o Humanitismo. Essa filosofia pode combinar bem com os prazeres da vida, como comer bem, ir ao teatro e ter amores. E, na verdade, ser muito frugal pode mostrar uma tendência ao ascetismo, que é uma forma de tolice humana.

— Olhe para São João, ele disse; ele vivia de gafanhotos no deserto, em vez de aproveitar a vida na cidade e fazer o farisaísmo na sinagoga.

Não quero contar a história de Quincas Borba, que é longa e complicada, mas interessante. Também não vou descrever como ele era, porque era bem diferente do que eu vi no Passeio Público. Vou só dizer que, se a principal característica de uma pessoa não são as feições, mas as roupas, ele não era o Quincas Borba que conhecia; parecia um juiz sem toga, um general sem uniforme e um comerciante sem dívidas. Notei que seu casaco era perfeito, a camisa estava limpa e as botas estavam bem cuidadas. Sua voz, que antes era rouca, parecia ter voltado ao normal. Ele ainda tinha a mesma energia, mas agora seus gestos eram mais controlados. Não quero entrar em detalhes, mas suas botas eram de verniz e ele havia herdado uma boa quantia de dinheiro de um tio de Barbacena.

Naquele momento, minha mente estava como uma peteca. Quando Quincas Borba falava, eu sentia que minha cabeça subia; quando caía, o bilhete de Virgília me levantava de novo, e assim por diante. Eu não nasci para lidar com situações complicadas. Essa troca de emoções me deixava confuso. Queria juntar Quincas Borba, Lobo Neves e o bilhete de Virgília em uma só filosofia e mandar para Aristóteles. Mas a história de Quincas Borba era interessante; eu admirava como ele falava sobre o vício, as lutas internas e como as pessoas se entregam a ele.

— Veja, ele disse; na primeira noite que passei na escada de São Francisco, dormi como se estivesse em uma cama macia. Por quê? Porque fui da cama de esteira ao catre de pau, depois à rua...

Queria ouvir mais sobre a filosofia, mas pedi que ele não falasse sobre isso. — Estou muito ocupado hoje e não posso falar; venha depois; estou sempre em casa. Quincas Borba sorriu de forma maliciosa; talvez soubesse da minha aventura, mas não comentou nada. Ele só me disse ao sair:

— Venha para o Humanitismo; ele é um grande abrigo para os espíritos, o mar eterno onde encontrei a verdade. Os gregos tentavam buscá-la em um poço. Que ideia pequena! Um poço! É por isso que nunca conseguiram encontrá-la. Gregos e outros homens sempre olharam para o poço em busca da verdade, que não está lá. Gastaram cordas e alguns desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui direto ao mar. Venha para o Humanitismo.

CAPÍTULO CX / 31

Uma semana depois, Lobo Neves foi nomeado presidente da província. Eu esperei que ele recusasse, se a nomeação fosse datada de 13 novamente, mas veio com a data de 31. Essa simples mudança de números tirou a maldição. Como a vida é cheia de surpresas!

CAPÍTULO CXI / O MURO

Não gosto de esconder nada, então vou contar sobre o muro. Eles estavam prontos para sair. Quando entrei na casa de D. Plácida, vi um bilhete em cima da mesa. Era de Virgília, dizendo que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E terminava: "O muro é baixo do lado do beco".

Fiquei incomodado. A carta me pareceu muito ousada, mal pensada e até engraçada. Não era só um convite para um escândalo, mas um convite para risadas também. Imaginei pular o muro, mesmo sendo baixo e do lado do beco; e, quando ia pular, me vi sendo parado por um policial, que me levava preso. O muro é baixo! E daí? Virgília provavelmente não sabia o que estava fazendo; talvez já estivesse arrependida. Olhei para o papel, um pedaço amassado, mas firme. Tive vontade de rasgá-lo em mil pedaços e jogá-los ao vento, como um sinal de que minha aventura tinha acabado; mas desisti. O amor-próprio, o medo da fuga, a ideia do receio... Não havia outra escolha a não ser ir.

— Diga a ela que vou.

— Aonde? — perguntou D. Plácida.

— Onde ela disse que me espera.

— Ela não me disse nada.

— Está escrito aqui.

D. Plácida ficou surpresa: — Mas eu encontrei esse papel hoje de manhã na sua gaveta e pensei que...

Senti algo estranho. Li o papel novamente; era realmente um antigo bilhete de Virgília, que recebi no início do nosso amor, sobre um encontro na chácara que me fez pular o muro, um muro baixo e discreto. Guardei o papel e... tive uma sensação estranha.

CAPÍTULO CXII / A OPINIÃO

Mas estava claro que aquele dia seria cheio de incertezas. Algumas horas depois, encontrei Lobo Neves na Rua do Ouvidor, e falamos sobre a presidência e a política. Ele aproveitou a passagem de uma pessoa conhecida para se despedir de mim, depois de muitos cumprimentos. Notei que ele estava nervoso, mas tentava esconder. Então, me pareceu (e peço desculpas se isso é um julgamento precipitado!) que ele tinha medo — não de mim, nem de si mesmo, nem da lei, nem da consciência; mas tinha medo da opinião dos outros. Pensei que essa opinião anônima e invisível, em que cada um critica e julga, era o que limitava Lobo Neves. Talvez ele já não amasse a mulher; assim, o coração dele poderia não ter mais espaço para perdoar os últimos atos dela. Acredito (e peço desculpas novamente) que ele estaria pronto para se separar da mulher, como muitos leitores se separam de relações pessoais; mas a opinião, essa que o seguia por todas as ruas, que investigaria o caso, que juntaria todos os detalhes, que contaria tudo nas conversas, essa opinião tão curiosa, impediu que ele se

separasse. Ao mesmo tempo, tornou impossível que ele mostrasse ressentimento comigo, sem buscar também a separação. Então, ele teve que fingir não saber de nada, e por consequência, ter os mesmos sentimentos de antes.

Imagino que isso o incomodava muito; especialmente naqueles dias, parecia que lhe custava bastante. Mas o tempo (e aqui peço compreensão de quem pensa) torna as pessoas menos sensíveis e apaga as lembranças; era de se esperar que os anos amenizassem a dor, que a distância dos fatos apagasse as lembranças, que uma sombra de dúvida cobrisse a realidade; enfim, que a opinião se ocupasse com outras histórias. O filho, crescendo, buscaria realizar os sonhos do pai; seria o herdeiro de seus afetos. Isso, somado à vida ativa, ao prestígio público, à velhice, à doença, ao declínio, à morte, e a uma biografia, fechariam o livro da vida, sem páginas de dor.

CAPÍTULO CXIII / A SOLDA

A conclusão, se houver uma no capítulo anterior, é que a opinião é uma boa cola para as famílias. Não é impossível que eu fale mais sobre isso antes de terminar o livro; mas também posso deixar assim. De qualquer forma, a opinião é uma boa cola, tanto para a vida pessoal quanto para a política. Alguns pensadores pessimistas dizem que ela vem de pessoas sem graça ou medíocres; mas é claro que, mesmo que essa ideia extrema não seja verdade, basta olhar os efeitos positivos da opinião para ver que ela é uma criação valiosa das pessoas, a saber, da maioria.

CAPÍTULO CXIV / FIM DE UM DIÁLOGO

— Sim, é amanhã. Você vai embarcar?

— Está maluca? É impossível.

— Então, adeus!

— Adeus!

— Não se esqueça de D. Plácida. Vá visitá-la algumas vezes. Coitada! Ela se despediu de nós ontem; chorou muito, disse que eu não a veria mais... Ela é uma boa pessoa, não é?

— Claro.

— Se precisarmos escrever, ela receberá as cartas. Agora, até daqui a...

— Talvez dois anos?

— Que nada! Ele diz que é só até as eleições.

— Sim? Então até breve. Cuidado, estão nos olhando.

— Quem?

— Ali no sofá. Vamos nos separar.

— Me custa muito.

— Mas é preciso; adeus, Virgília!

— Até breve. Adeus!

CAPÍTULO CXV / O ALMOÇO

Não a vi partir; mas na hora marcada senti algo que não era dor nem alegria, uma mistura de alívio e saudade, tudo junto. Não fique bravo com essa confissão. Sei que, para impressionar, eu deveria estar muito triste, derramar lágrimas e não almoçar. Seria dramático, mas não seria verdadeiro. A verdade é que almocei como em outros dias, lembrando da minha aventura e saboreando os pratos de M. Prudhon...

... Velhos do meu tempo, vocês lembram do mestre cozinheiro do Hotel Pharoux, um homem que, segundo o dono do hotel, havia trabalhado nos famosos Véry e Véfour em Paris, além dos palácios do Conde Molé e do Duque de la Rochefoucauld? Ele era incrível. Chegou ao Rio de Janeiro com a polca... A polca, M. Prudhon, o Tivoli, o baile dos estrangeiros, o Cassino, são algumas das melhores lembranças daquele tempo; mas principalmente os pratos do mestre eram deliciosos.

Eram, e naquela manhã parecia que o cozinheiro sabia da nossa tragédia. Nunca a comida foi tão boa.

Que mistura de sabores! Que maciez das carnes! Que apresentação! Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz. Não lembro o quanto gastei naquele dia; sei que foi caro. Ai, dor! Eu precisava encerrar magnificamente meus amores. Eles estavam indo, como o mar, pelo tempo e espaço, e eu estava ali, em uma ponta da mesa, com mais de quarenta anos, tão perdido e vazio; eu ficava ali, sem vê-los nunca mais, porque ela poderia voltar, mas a essência da manhã, quem poderia pedir ao crepúsculo da tarde?

CAPÍTULO CXVI / FILOSOFIA DAS FOLHAS VELHAS

Fiquei tão triste com o fim do último capítulo que pensei em não escrever este, descansar um pouco, limpar a mente da tristeza que me impedia de escrever, e continuar depois. Mas não, não quero perder tempo.

A partida de Virgília me deu uma ideia do que é estar sozinho. Nos primeiros dias, fiquei em casa, tentando espantar as moscas, como Domiciano, se Suetônio não estiver errado, mas espantando-as de um jeito diferente: com os olhos. Espantava uma a uma, no fundo de uma sala grande, deitado na rede, com um livro aberto nas mãos. Era isso: saudades, ambições, um pouco de tédio e muito devaneio. Meu tio, o cônego, morreu nesse tempo; e também dois primos. Não me abalei: levei-os ao cemitério como quem leva dinheiro a um banco. O que digo? Como quem entrega cartas ao correio: fechei as cartas, coloquei na caixinha e deixei que o carteiro cuidasse de entregá-las. Foi também nesse período que nasceu minha sobrinha Venância, filha do Cotrim. Uns morriam, outros nasciam; eu continuava pensando nas moscas.

Às vezes, eu me agitado. Abria as gavetas, espalhava as cartas antigas, dos amigos, dos parentes, das namoradas (até as de Marcela), e lia uma a uma, tentando juntar o passado... Leitor, se você não guarda as cartas da juventude, não vai conhecer um dia a filosofia das folhas velhas, não vai sentir o prazer de se ver, ao longe, na penumbra, com um chapéu de três bicos, botas de sete léguas e longas barbas, dançando ao som de uma gaita antiga. Guarde suas cartas da juventude!

Ou, se não gosta do chapéu de três bicos, direi que, se você guardar as cartas da juventude, encontrará uma oportunidade de "cantar uma saudade." Parece que os nossos marinheiros chamam assim as músicas da terra cantadas no alto mar. Como expressão poética, é o que há de mais triste.

CAPÍTULO CXVII / O HUMANITISMO

Havia três forças que me faziam voltar à minha vida agitada: Sabina e Quincas Borba. Minha irmã estava muito empolgada com a ideia de casar Nhã-loló. Quando percebi, estava quase abraçando a moça.

Quincas Borba me explicou o Humanitismo, uma filosofia que tinha como objetivo derrubar todos os outros sistemas. Ele dizia que Humanitas, que é o princípio de tudo, nada mais é do que o homem dividido entre todos os homens. Segundo ele, Humanitas tem três fases: a estática, que é antes da criação; a expansiva, que é o começo das coisas; e a dispersiva, que é quando o homem aparece. Depois, haverá uma quarta fase, a contrativa, que é quando o homem e as coisas se absorvem. A expansão criou o universo e trouxe o desejo de aproveitá-lo, levando à dispersão, que é a multiplicação do que era original.

Como eu não entendia bem essa explicação, Quincas Borba a aprofundou, destacando os pontos principais. Ele disse que o Humanitismo tinha relação com o Bramanismo, mas enquanto no Bramanismo as partes do corpo de Humanitas tinham um significado religioso e político, no Humanitismo elas representavam o valor pessoal. Assim, nascer do peito ou dos rins de Humanitas, que significa ser forte, não é o mesmo que nascer dos cabelos ou da ponta do nariz. Por isso, é importante cuidar e fortalecer o corpo. Hércules foi um símbolo do Humanitismo. Quincas Borba também disse que se o paganismo tivesse chegado à verdade, isso não teria acontecido se não tivesse se perdido em mitos superficiais. No Humanitismo, não há aventuras fáceis, nem tristezas ou alegrias infantis. O amor é um sacerdócio e ter filhos é um ritual. A vida é o maior presente do universo, e mesmo o mendigo prefere viver a morrer, então dar vida não é um momento de romance, mas um momento importante. A única desgraça real é não nascer.

— Imagine, por exemplo, se eu não tivesse nascido — continuou Quincas Borba. — Certamente não estaria aqui conversando com você, comendo essa batata, indo ao teatro e, em uma palavra: vivendo. Veja, eu não vejo o homem apenas como um meio de Humanitas; ele é ao mesmo tempo o meio, o motorista e o passageiro; ele é Humanitas em forma reduzida. Daí a necessidade de se amar a si mesmo. Quer um exemplo da superioridade do meu sistema? Olhe para a inveja. Não há moralista, seja grego, turco, cristão ou muçulmano, que não critique a inveja. É um sentimento universal, presente em todo lugar. Esqueça os preconceitos e estude a

inveja, que é um sentimento tão sutil e nobre. Como cada homem é uma parte de Humanitas, nenhum homem é realmente oposto ao outro, apesar das aparências. Por exemplo, o algoz que executa um condenado pode despertar a indignação dos poetas, mas, na verdade, é Humanitas corrigindo uma violação de sua própria lei. O mesmo vale para quem faz mal a outro, isso é uma expressão da força de Humanitas. Não é impossível que ele também sofra. Se você entender isso, verá que a inveja é apenas uma forma de admiração que luta, e a luta é fundamental para a felicidade humana. Assim, a inveja é uma virtude.

Para ser sincero, eu estava impressionado. A clareza da explicação, a lógica dos princípios e a firmeza das consequências tudo parecia grandioso, e eu precisei de alguns minutos para processar essa nova filosofia. Quincas Borba mal escondia sua satisfação. Ele estava com uma asa de frango no prato e a comia com calma filosófica. Eu ainda fiz algumas objeções, mas eram tão fracas que ele não demorou a refutá-las.

— Para entender bem o meu sistema — concluiu —, você deve lembrar sempre que há um princípio universal que está em cada homem. Veja: a guerra, que parece um desastre, é apenas uma ação necessária, como o estalar dos dedos de Humanitas; a fome — e ele mordida filosoficamente a asa do frango — é um teste que Humanitas impõe a si mesma. Mas eu não preciso de outro exemplo da grandeza do meu sistema além desse frango. Ele se alimentou de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, trazido de Angola. Esse africano nasceu, cresceu e foi vendido; um navio o trouxe, um navio feito de madeira cortada por dez ou doze homens, movido por velas que foram feitas por outros homens. Assim, esse frango que acabei de almoçar é o resultado de muitos esforços e lutas feitas para satisfazer meu apetite.

Entre o queijo e o café, Quincas Borba me mostrou que seu sistema era a eliminação da dor. Segundo o Humanitismo, a dor é uma ilusão. Quando uma criança é ameaçada com um pau, antes mesmo de ser batida, ela fecha os olhos e treme; essa reação é a base da ilusão humana, passada de geração em geração. Não é suficiente adotar o sistema para acabar com a dor imediatamente, mas é necessário; o resto é uma evolução natural. Uma vez que o homem entenda que ele é Humanitas, não precisa fazer mais nada além de lembrar da substância original para evitar qualquer sensação dolorosa. A evolução é tão profunda que leva milhares de anos para acontecer.

Depois de alguns dias, Quincas Borba me leu sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos de cem páginas cada, com letras pequenas e citações em latim. O último volume era um tratado político baseado no Humanitismo; era talvez a parte mais chata, embora escrita com uma lógica rigorosa. Mesmo reorganizando a sociedade da maneira que ele propunha, não se eliminavam a guerra, a revolta, os socos, as facadas, a miséria, a fome e as doenças; mas, segundo ele, esses males eram mal-entendidos, pois eram apenas movimentos externos da substância interna, que não afetavam o homem senão como uma quebra da monotonia universal, então sua existência não impediria a felicidade humana. Mesmo que esses males corressem o risco de voltar, ainda assim o sistema não seria destruído por duas razões: 1. Porque Humanitas é a substância criadora e absoluta, cada pessoa deveria encontrar alegria em se sacrificar por seu princípio; 2. Mesmo assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a Terra,

que foi feita apenas para seu prazer, assim como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibarbo. Pangloss, ele me disse ao fechar o livro, não era tão tolo quanto Voltaire pintou.

CAPÍTULO CXVIII / A TERCEIRA FORÇA

A terceira força que me atraía era o desejo de brilhar e, principalmente, a dificuldade de viver sozinho. Eu me sentia atraído pela multidão, e o aplauso me seduzia. Se a ideia de fazer um emplastro tivesse surgido naquela época, talvez eu não tivesse morrido logo e estaria famoso. Mas a ideia do emplastro não apareceu. Em vez disso, surgiu o desejo de me envolver em algo, com alguém e por algo.

CAPÍTULO CXIX / PARÊNTESSES

Quero deixar aqui, entre parênteses, algumas máximas que escrevi naquele tempo. São reflexões que podem servir de introdução para discursos sem sentido:

Suporta a dor do outro com paciência.

Matamos o tempo; o tempo nos enterra.

Um cocheiro filósofo dizia que o prazer de andar de carruagem seria menor se todos andassem de carruagem.

Acredite em si mesmo, mas não duvide dos outros.

Não se entende porque um botocudo perfura o lábio para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Essa reflexão é de um joalheiro.

Não fique irritado se te pagarem mal um favor: é melhor cair de nuvens do que de um terceiro andar.

CAPÍTULO CXX / "FORCAR A ENTRADA"

— Não, você vai casar, quer você queira ou não — disse Sabina. Que futuro maravilhoso! Um solteirão sem filhos!

Sem filhos! A ideia de ter filhos me assustou; senti novamente aquele fluido misterioso. Sim, eu precisava ser pai. A vida de solteiro pode ter algumas vantagens, mas seriam fracas e pagas com solidão. Sem filhos! Não, isso era impossível. Decidi aceitar tudo, até a aliança com o Damasceno. Sem filhos! Como já confiava muito em Quincas Borba, fui até ele e contei sobre minha vontade de ser pai. O filósofo ficou animado; disse que Humanitas estava agitando em mim; me incentivou a me casar e que mais convidados estavam chegando, etc. Compelle intrare, como dizia Jesus. Ele também me provou que o apólogo evangélico era apenas um sinal do Humanitismo, mal interpretado pelos padres.

CAPÍTULO CXXI / MORRO ABAIXO

Após três meses, tudo ia muito bem. O fluido, Sabina, o olhar da moça e os desejos do pai eram outros tantos motivos que me levavam ao casamento.

Às vezes, a lembrança de Virgília surgia, trazendo consigo um diabo negro que me mostrava um espelho refletindo um homem agoniado. Não me lembrava do passado e o presente já não tinha sentido. O que havia de bom na vida de um viúvo que se apegava ao que não é seu? Sabina se tornava mais doce, com a luz do desejo nos olhos. O que restava de um homem que se apegava a fantasias? O meu bem, Sabina, aos poucos se desfazia. Lembro-me do dia em que as paredes da casa se fecharam sobre mim, tornando-se uma prisão.

Eu tinha a impressão de estar subindo a rua de Botafogo, e vi a cidade se movendo, se mudando. Ao fim, ao redor da casa, tudo se tornava negro, como o terno que estava usando. Mas a visão do terno não me incomodava; ao contrário, era uma ideia de ouro, como o doce sabor da fortuna, de um noivo alegre, próximo à alegria da vida. Sabina me aguardava, e um presságio de amor surgia ao me fazer subir a escada.

Nessa altura, eu não sabia o que era felicidade; meu sorriso era um mero reflexo do egoísmo. Com o tempo, aprendi que o casamento é a soma das duas solidões que não têm um significado. Afinal, não podemos ser o que não somos, nem viver o que não sabemos. Um prazer somente é um fardo para a solidão.

Por fim, eu amava Sabina com todas as forças que a vida me permitia.

CAPÍTULO CXXII / UMA INTENÇÃO MUITO FINA

O que deixava Nhã-loló chateada era o pai dela. Ele se envolveu com apostadores, o que mostrava velhos costumes da família. Nhã-loló tinha medo de que isso fizesse o pai parecer ruim. Ela se estudava e também me estudava. O estilo de vida elegante a atraía, pois achava que era a melhor forma de unir nossas famílias. Nhã-loló observava, imitava e tentava esconder a inferioridade da família dela. Mas naquele dia, o comportamento do pai a deixou muito triste. Eu tentei animá-la, contando piadas e ditados, mas não adiantou. Ela estava tão desanimada que pensei que ela queria separar a imagem dela da do pai. Isso me pareceu um sentimento nobre e nos uniu mais.

— Não há jeito, pensei, vou tirar essa flor desse pântano.

CAPÍTULO CXXIII / O VERDADEIRO COTRIM

Apesar de ter mais de quarenta anos, eu valorizava a harmonia da família e decidi conversar primeiro com Cotrim sobre o casamento. Ele me ouviu e disse que não tinha opinião sobre assuntos de parentes. Se ele elogiasse Nhã-loló, poderiam achar que ele tinha algum interesse, então ele preferiu ficar quieto. Cotrim acreditava que a sobrinha gostava de mim, mas se ela o consultasse, ele diria que não. Ele não me odiava; reconhecia minhas qualidades e elogiava-me, mas não podia recomendar o casamento.

— Eu me isento totalmente, ele disse.

— Mas você achava que eu devia casar logo...

— Isso é diferente. Acredito que é importante casar, especialmente se você tem ambições políticas. Na política, ser solteiro é um problema. Mas sobre a noiva, não quero opinar, não é da minha conta. Sabina pode ter falado com ela, mas não é tia de Nhã-loló como eu sou. Olhe... mas não... não vou falar...

— Diga.

— Não; não digo nada.

Talvez o cuidado de Cotrim pareça exagerado, mas eu sabia que ele era muito honrado. Fui injusto com ele depois da morte do meu pai. Ele era um bom exemplo. As pessoas o acusavam de ser avarento, mas a avareza é só um exagero de uma virtude. Ele tinha um jeito seco e por isso tinha inimigos, que até o chamavam de bárbaro. O único fato que usavam contra ele era que mandava escravos para o calabouço, onde saíam machucados. Mas ele só mandava os que eram ruins ou fugitivos. Ele se acostumou a lidar com escravos e não podemos culpar sua natureza pelo que era resultado das relações sociais. A prova de que Cotrim tinha bons sentimentos era o amor que tinha pelos filhos e a dor que sentiu quando sua filha Sara morreu. Ele era tesoureiro de uma irmandade e ajudava outras. Era um bom homem, embora às vezes quisesse que as pessoas soubessem de suas boas ações. Ele dizia que as boas ações publicamente ajudam a inspirar os outros. No fundo, ele não devia nada a ninguém.

CAPÍTULO CXXIV / VÁ DE INTERMÉDIO

Qual é a diferença entre a vida e a morte? Uma ponte curta. Porém, se eu não escrevesse este capítulo, o leitor ficaria muito triste e isso prejudicaria o livro. Pular de um retrato para um epitáfio pode ser comum, mas o leitor não lê para lembrar da vida. Não digo que essa ideia é minha, mas há verdade nela, e é interessante.

CAPÍTULO CXXV / EPITÁFIO

AQUI JAZ
D. EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO
MORTA
AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE
ORAI POR ELA!

CAPÍTULO CXXVI / DESCONSOLAÇÃO

O epitáfio diz tudo. Vale mais do que contar sobre a doença de Nhã-loló, a morte, a dor da família e o enterro. Todos sabem que ela morreu; vou adicionar que foi por causa da febre amarela. Não vou dizer mais nada, exceto que a acompanhei até o enterro e me despedi triste, mas sem lágrimas. Pensei que talvez eu não a amasse de verdade.

Vejam até onde pode chegar a falta de atenção; me incomodou que a epidemia levou também uma jovem que deveria ser minha esposa. Não entendia por que a epidemia acontecia, e ainda menos a morte dela. Isso parecia ainda mais absurdo que as outras mortes. Quincas Borba me explicou que epidemias podem ser úteis para a humanidade, mesmo que sejam

ruins para algumas pessoas. Ele me disse que, apesar de tudo, há uma vantagem: mais pessoas sobrevivem. Ele até me perguntou se, no meio do luto, eu não sentia um certo alívio por ter escapado da peste, mas essa pergunta era tão sem sentido que não respondi.

Se não contei sobre a morte, não vou contar sobre a missa do sétimo dia. O pai de Nhã-loló, Damasceno, estava muito triste. Quinze dias depois, eu o encontrei; ele ainda estava inconsolável e disse que a dor que Deus lhe deu era maior por causa da dor que os homens lhe causaram. Não disse mais nada. Três semanas depois, ele voltou a falar e confessou que, no meio de sua dor, gostaria de ter a presença dos amigos. Apenas doze pessoas, a maioria amigos de Cotrim, foram ao enterro da sua filha. Ele tinha mandado oitenta convites. Eu lhe disse que as perdas eram tão grandes que podíamos entender essa falta de atenção. Damasceno balançou a cabeça, triste e incrédulo.

— Não! ele gemia, desampararam-me.

Cotrim, que estava ali, disse:

— Vieram aqueles que realmente se importam com você e conosco. Os oitenta que você convidou viriam só por obrigação, falaria de política, de remédios, do preço das casas, ou uns dos outros...

Damasceno ouviu em silêncio, balançou a cabeça de novo e suspirou:

— Mas eles deveriam ter vindo!

CAPÍTULO CXXVII / FORMALIDADE

É uma grande coisa receber uma parte da sabedoria, a habilidade de ver as relações entre as coisas e compará-las! Eu tive essa capacidade e sou grato por isso até hoje.

Na verdade, um homem comum que ouvisse a última palavra de Damasceno não se lembraria dela depois, quando visse uma gravura de seis damas turcas. Eu me lembrei. Eram seis damas de Constantinopla, modernas, vestidas para a rua, com os rostos cobertos por um véu fino que escondia os olhos, mas deixava o rosto visível. Achei graça nessa maneira muçulmana de esconder o rosto, que cumpre a tradição, mas ainda assim mostra a beleza. À primeira vista, não há relação entre as damas turcas e Damasceno, mas se você é uma pessoa atenta, entenderá que ambos representam algo importante na sociedade.

Amável Formalidade, você é a base da vida, o conforto dos corações, o laço entre os homens e entre a Terra e o Céu; você consola o pai e traz a compreensão. Quando a dor diminui e a consciência se acalma, a quem devemos isso? Um gesto simples não diz nada ao coração, mas a indiferença que parece cortês deixa uma impressão boa. A razão é que, ao contrário do que muitos dizem, não são as regras que machucam; elas trazem vida. O que causa discussão e sofrimento é o espírito. Viva, amável Formalidade, para o conforto de Damasceno e a glória de Muamede.

CAPÍTULO CXXVIII / NA CÂMARA

E perceba que vi a gravura turca dois anos depois das palavras de Damasceno, na Câmara dos Deputados, onde havia muito barulho. Um deputado discutia um parecer da comissão do orçamento, e eu também era deputado. Para quem leu este livro, não preciso dizer como eu estava satisfeito, e para os outros, isso não importa. Era deputado e vi a gravura turca, encostado na cadeira, entre um colega que contava uma piada e outro que desenhava o perfil de um orador. O orador era Lobo Neves. A vida nos trouxe para o mesmo lugar, como duas garrafas de náufragos, ele carregando seu ressentimento e eu contendo meu remorso. Usando essas palavras, quero dizer que, na verdade, não sentia nada, a não ser a ambição de ser ministro.

CAPÍTULO CXXIX / SEM REMORSOS

Não tinha remorsos. Se eu tivesse as ferramentas certas, faria uma análise sobre remorsos, para entender por que Aquiles arrasta o corpo do inimigo e Lady Macbeth anda com a mancha de sangue. Mas não tinha essas ferramentas, assim como não tinha remorsos; só queria ser ministro. No entanto, para concluir este capítulo, vou dizer que não gostaria de ser Aquiles ou Lady Macbeth; se eu pudesse escolher, preferiria ser Aquiles, pois assim ouviria as críticas dos homens e não os sussurros de uma esposa traída.

CAPÍTULO CXXX / PARA INTERCALAR NO CAP. CXXIX

A primeira vez que falei com Virgília depois que ela se tornou presidente foi em um baile em 1855. Ela usava um lindo vestido azul e ainda tinha a mesma beleza de antes, embora não fosse mais jovem. Conversamos muito, sem mencionar nada do passado, mas entendíamos tudo entre nós. Lembro que a vi descer as escadas e, por alguma razão, pensei: "Magnífica!"

CAPÍTULO CXXXI / UMA CALÚNIA

Enquanto pensava nisso, alguém me tocou no ombro. Era um amigo antigo, um oficial da marinha, alegre e um pouco atrevido. Ele sorriu e disse: "Recordações do passado, hein?" Eu respondi: "Viva o passado!" Este diálogo era meio impróprio, mas eu gosto de dizer que as mulheres são vistas como indiscretas, quando na verdade os homens também podem ser. Muitas vezes, homens que têm relacionamentos amorosos são frios, enquanto as mulheres se entregam mais.

A diferença é que quando uma mulher ama outro homem, parece que ela trai um dever, então precisa disfarçar melhor. Já o homem, se sente que é o motivo da traição, se orgulha disso. No final, quero registrar que a ideia de que as mulheres são mais indiscretas é um mito criado pelos homens.

CAPÍTULO CXXXII / QUE NÃO É SÉRIO

Falando sobre o que a rainha de Navarra disse, me lembrei que quando alguém vê outra pessoa triste, costuma perguntar: "Quem matou seus cachorrinhos?", como se dissesse: "Quem tirou seus amores?" Mas este capítulo não é sério.

CAPÍTULO CXXXIII / O PRINCÍPIO DE HELVETIUS

Estávamos na parte em que o oficial da marinha me fez confessar meus sentimentos por Virgília. Aqui, explico o que significa o princípio de Helvetius. Eu queria ficar quieto; confirmar uma suspeita antiga poderia causar briga e me tornar conhecido como indiscreto. Mas, na verdade, havia um interesse mais profundo, que era meu desejo de me mostrar. No meu caso, o interesse real era mais íntimo do que o aparente.

CAPÍTULO CXXXIV / CINQUENTA ANOS

Não contei antes, mas quando Virgília desceu as escadas e o oficial me tocou, eu tinha cinquenta anos. Era como se a melhor parte da minha vida estivesse descendo junto com ela. Essa parte da vida foi cheia de prazeres e emoções, mas também de mentiras. Se falarmos de forma mais profunda, a melhor parte foi a que veio depois, que vou explicar nas próximas páginas.

Cinquenta anos! Eu não precisava dizer isso, mas já era visível que meu jeito de escrever não era mais o mesmo de antes. Depois que o oficial saiu, fiquei triste. Pensei em dançar e me divertir, mas ao sair do baile às quatro da manhã, percebi que meus cinquenta anos estavam comigo, cansados e querendo descanso. Então, imaginei ouvir uma voz: "Sr. Brás Cubas, você está rejuvenescendo no baile."

CAPÍTULO CXXXV / O ESQUECIMENTO

Agora, se alguma mulher está lendo isso, é melhor parar, pois o que vinha depois não interessa mais a ela. Cinquenta anos! Não sou inválido, mas não sou mais jovem. Daqui a dez anos, vou entender o que um inglês disse sobre como é triste não haver ninguém que lembre dos meus pais. O nome desse sentimento é OBLIVION (ESQUECIMENTO). Ele merece todo o respeito, pois é algo que todos enfrentam. A mulher que foi bonita um dia sabe que outras agora brilham mais do que ela, e isso é natural. Se for sábia, não deve tentar lembrar do passado, porque também ela será esquecida.

CAPÍTULO CXXXVI / INUTILIDADE

Acho que acabei de escrever um capítulo sem utilidade.

CAPÍTULO CXXXVII / A BARRETINA

No dia seguinte, pensei sobre o que aconteceu com Quincas Borba. Eu estava me sentindo mal e triste. Ele, com sua sabedoria, me disse que eu não deveria deixar a melancolia me dominar. Ele me encorajou a ser forte, lutar e aproveitar a vida. Cinquenta anos é uma boa idade para aprender e governar. Ele me disse para não ficar lamentando a vida, mas sim aproveitá-la.

O que ele disse me fez sair desse estado de apatia. Então, resolvi participar mais ativamente na política. Eu nunca tinha me envolvido antes. Naquela época, discutimos sobre o orçamento da justiça e aproveitei para sugerir que devíamos diminuir o tamanho das barretinas da

guarda nacional, que eram grandes e desconfortáveis. A Câmara deveria lembrar que os cidadãos precisavam de uniformes que não fossem pesados e que fizessem bem à saúde.

Dizer que as barretinas eram ruins não era algo tão importante, mas quis mostrar que não sou indigno de discutir esses assuntos. Meu discurso teve uma boa aceitação. Todos acharam que eu tinha abordado o tema de maneira inteligente. No entanto, algumas pessoas acharam minha ideia ruim e até consideraram uma moção contra mim, mas eu neguei isso, explicando que a diminuição das barretinas não era algo urgente. O importante é que já tinha levantado o assunto no parlamento.

Quincas Borba não fez críticas. Ele me disse que não sabia se eu tinha me saído bem, mas achou meu discurso excelente e comentou sobre os melhores pontos. Ele também discutiu sobre a barretina de forma tão clara que me fez pensar sobre seu perigo.

CAPÍTULO CXXXVIII / A UM CRÍTICO

Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, quando disse que tinha cinquenta anos, comentei que meu estilo não é mais tão ágil como antes. Você pode achar isso confuso, mas eu quero que você entenda que não estou falando de estar mais velho. A morte não envelhece. Estou dizendo que, em cada parte da minha história, sinto as emoções correspondentes. Preciso explicar tudo.

CAPÍTULO CXXXIX / DE COMO NÃO FUI MINISTRO D'ESTADO

CAPÍTULO CXL / EXPLICAÇÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Às vezes, é melhor ficar em silêncio. Essa é a ideia do capítulo anterior. Somente aqueles que sonham com poder vão entender. Se a vontade de ter poder é a mais forte, como muitos dizem, imaginem a tristeza que eu senti no dia em que perdi meu cargo na Câmara dos Deputados. Todas as minhas esperanças foram embora; minha carreira política estava acabando. E o Quincas Borba, por suas reflexões, achava que minha ambição não era verdadeira, mas apenas um desejo passageiro. Para ele, esse sentimento, embora não fosse profundo, machucava mais, porque lembrava o amor que algumas mulheres têm por roupas e acessórios. Um líder como Cromwell ou Bonaparte, por serem movidos pela paixão do poder, conseguem alcançar seus objetivos, enquanto eu não tinha essa mesma força. Isso me deixava mais triste e frustrado. Meu sentimento, segundo o Humanitismo...

— Vá se danar com esse Humanitismo — interrompi. — Estou cansado de filosofias que não me levam a lugar nenhum.

Minha interrupção, considerando que ele era um filósofo importante, foi bastante rude; mas ele mesmo desculpou minha irritação. Trouxeram café e, como era uma hora da tarde, estávamos na minha sala de estudos, que era bonita e tinha uma vista para o fundo do jardim. Havia bons livros, obras de arte e uma estátua de Voltaire em bronze, que parecia rir de mim. A sala tinha boas cadeiras; do lado de fora, o sol brilhava forte, e o Quincas Borba, talvez por brincadeira ou poesia, chamou o sol de um dos

ministros da natureza. Havia uma brisa fresca e o céu estava azul. De cada uma das três janelas pendia uma gaiola com pássaros cantando. Tudo parecia uma armadilha da natureza contra o homem. Mesmo estando na minha sala, olhando para o jardim, sentado na minha cadeira, ouvindo os pássaros e iluminado pelo sol, não conseguia esquecer da minha antiga cadeira, que não era mais minha.

CAPÍTULO CXLI / OS CÃES

— Mas, afinal, o que você vai fazer agora? — perguntou Quincas Borba, colocando a xícara vazia na janela.

— Não sei; vou me afastar para a Tijuca e fugir das pessoas. Estou envergonhado e chateado. Tantos sonhos, meu amigo Borba, tantos sonhos, e não sou nada.

— Nada! — interrompeu Quincas Borba, indignado.

Para me distrair, ele me convidou a sair. Fomos caminhar em direção ao Engenho Velho, conversando sobre a vida. Nunca esquecerei o bem que esse passeio me fez. A sabedoria dele era reconfortante. Ele me disse que não poderia fugir da luta; se não podia falar na tribuna, deveria abrir um jornal. Ele até usou uma expressão simples, mostrando que a filosofia também pode ser direta. "Crie um jornal e enfrente essa situação", disse ele.

— Ótima ideia! Vou abrir um jornal e...

— Lutar. Você pode derrotá-los ou não; o importante é lutar. A vida é uma luta. Uma vida sem luta é como um mar morto.

Logo encontramos uma briga de cães, que, para um homem comum, não teria importância. Quincas Borba pediu que eu parasse para observar os cães. Eram dois, e havia um osso entre eles, que era a causa da briga. Ele chamou minha atenção para o fato de que o osso estava sem carne. Os cães se mordiam, com raiva nos olhos... Quincas Borba colocou a bengala debaixo do braço e parecia fascinado.

— Que beleza! — ele dizia de vez em quando.

Tentei tirá-lo dali, mas ele estava tão concentrado que só começou a andar novamente quando a briga acabou, e um dos cães, ferido e derrotado, se afastou. Notei que ele estava realmente feliz, embora tentasse esconder essa felicidade, como um filósofo. Ele me fez ver a beleza daquela cena, lembrou o motivo da luta e concluiu que os cães estavam com fome; mas a falta de comida não importava para a filosofia. Ele também lembrou que, em algumas partes do mundo, a cena é ainda mais intensa: seres humanos competem com os cães por ossos e comida. Isso é mais complicado, porque envolve a inteligência humana.

CAPÍTULO CXLII / O PEDIDO SECRETO

Quanta coisa pode acontecer em um momento! Assim como em uma briga de cães! Mas eu não era um aluno medroso, então fiz uma pergunta. Enquanto

caminhávamos, disse a Quincas Borba que não via vantagem em brigar por comida com os cães. Ele respondeu com calma:

— Disputar com outros homens faz mais sentido, porque todos estão na mesma situação, e quem for mais forte fica com o osso. Mas por que não pode ser interessante brigar com os cães?

Comemos gafanhotos, como João Batista, ou até coisas piores. Portanto, o que é ruim pode ser comida; precisamos saber se é mais digno do homem lutar por isso por necessidade ou preferir por razões religiosas, que podem mudar, enquanto a fome é eterna, como a vida e a morte.

Chegamos em casa e me entregaram uma carta que parecia vir de uma mulher. Entramos, e Quincas Borba, com a descrição de um filósofo, ficou lendo as lombadas dos livros na estante, enquanto eu lia a carta, que era de Virgília:

"Meu bom amigo,

D. Plácida está muito mal. Por favor, faça algo por ela; mora no Beco das Escadinhas; veja se consegue colocá-la na Misericórdia.

Atenciosamente,
Sua amiga sincera"

Não era a letra bonita de Virgília, mas sim uma letra grosseira; o "V" da assinatura era apenas um rabisco, tornando difícil identificar quem tinha escrito. Revirei o papel. Pobre D. Plácida! Eu tinha dado a ela cinco contos de réis, e não conseguia entender como...

— Você vai entender — disse Quincas Borba, pegando um livro da estante.

— O que? — perguntei, surpreso.

— Você vai entender que só disse a verdade. Pascal é um dos meus grandes mestres; e, embora minha filosofia seja melhor que a dele, não posso negar que era um homem incrível. Veja o que ele diz nesta página. — Com o chapéu na cabeça e a bengala embaixo do braço, apontou o lugar com o dedo. — O que ele diz? Diz que o homem tem "uma grande vantagem sobre o resto do universo: sabe que vai morrer, enquanto o universo não sabe disso". Entendeu? Então, o homem que briga por um osso contra um cão sabe que está com fome, e isso torna a luta grandiosa, como eu disse. "Sabe que vai morrer" é uma frase profunda, mas acho que minha frase é mais profunda: sabe que está com fome. O fato de saber que vai morrer limita a compreensão humana; essa consciência dura pouco e acaba, enquanto a fome sempre volta e nos faz pensar. Acredito que a ideia de Pascal é inferior à minha, mas isso não tira o valor do pensamento dele, e Pascal foi um grande homem.

CAPÍTULO CXLIIII / NÃO VOU

Enquanto ele colocava o livro de volta na estante, eu relia o bilhete. Durante o jantar, notei que eu estava quieto, mastigando sem engolir, olhando para um canto da sala, a mesa, um prato, uma cadeira e uma mosca

invisível. Quincas Borba me disse: — Você está com alguma coisa na cabeça; aposto que é por causa daquela carta? — Foi. Eu realmente estava incomodado com o pedido de Virgília. Dei cinco contos a D. Plácida; duvido que alguém tenha sido tão generoso quanto eu. Cinco contos! E o que ela fez com o dinheiro? Aposto que gastou em festas e agora pede ajuda para a Misericórdia, e eu que a ajude! Morre-se em qualquer lugar. Além disso, eu não sabia ou não lembrava do Beco das Escadinhas; pelo nome, parecia um lugar estreito e escuro da cidade. Eu teria que ir até lá, chamar os vizinhos, bater na porta, etc. Que chato! Não vou.

CAPÍTULO CXLIV / UTILIDADE RELATIVA

Mas a noite, que sempre traz boas ideias, me fez pensar que era educado atender ao pedido da minha antiga amada.

— Letras vencidas, precisam ser pagas — pensei ao me levantar.

Depois do almoço, fui à casa de D. Plácida; encontrei um monte de ossos, enrolados em trapos, em um catre velho e fedido; deixei um pouco de dinheiro. No dia seguinte, mandei levá-la para a Misericórdia, onde ela morreu uma semana depois. Minto: ela amanheceu morta; saiu da vida de maneira silenciosa, como havia entrado. Perguntei a mim mesmo, como no capítulo LXXV, se foi para isso que o sacristão da Sé e a doceira trouxeram Dona Plácida à vida, num momento de felicidade; e, ao mesmo tempo, vi a grandeza das coisas e a verdade de que todo o saber dos homens está atrelado a um osso; lembrei-me do que havia lido no quarto dos versos do dicionário. Quase me convenci de que vale a pena ser filósofo.

CAPÍTULO CXLV / SIMPLES REPETIÇÃO

Sobre os cinco contos, não é importante contar que um homem da vizinhança se fez passar por apaixonado por D. Plácida, conseguiu despertar seu interesse ou sua vaidade e se casou com ela. Depois de alguns meses, ele inventou um golpe, vendeu documentos e fugiu com o dinheiro. Não vale a pena. É como a história dos cães do Quincas Borba. Uma simples repetição de uma história.

CAPÍTULO CXLVI / O PROGRAMA

Era necessário criar o jornal. Eu escrevi o programa, que era uma aplicação política do Humanitismo. Como o livro do Quincas Borba ainda não tinha sido publicado, decidimos não mencioná-lo. Quincas Borba só pediu que eu escrevesse um documento reservado confirmando que alguns princípios novos que estavam sendo aplicados à política vinham do livro dele, que ainda não tinha saído.

O programa era muito bom; prometia melhorar a sociedade, acabar com os abusos e defender os princípios de liberdade e conservação. Fazia um apelo ao comércio e à agricultura; citava Guizot e Ledru-Rollin, e terminava com uma ameaça que Quincas Borba achou pequena e local: "A nova ideia que estamos defendendo vai derrubar o governo atual." Eu achava que, dadas as circunstâncias políticas da época, o programa era uma obra-prima. A ameaça final, que Quincas Borba considerou pequena, eu mostrei a

ele que era uma verdadeira essência do Humanitismo, e ele acabou concordando. O Humanitismo não excluía nada; guerras de Napoleão e brigas de cabras eram, segundo nossa ideia, igualmente importantes, com a diferença de que os soldados de Napoleão sabiam que estavam morrendo, enquanto isso não parecia acontecer com as cabras. Eu estava apenas aplicando nossa fórmula filosófica: a humanidade queria ajudar a humanidade para o conforto da humanidade.

"Você é meu querido discípulo, meu sucessor," exclamou Quincas Borba, com uma nota de carinho que eu nunca tinha ouvido antes. "Posso dizer como o grande Muamede: mesmo que o sol e a lua venham contra mim, não mudarei minhas ideias. Acredite, meu caro Brás Cubas, que esta é a verdade eterna, anterior ao mundo e posterior aos séculos."

CAPÍTULO CXLVII / O DESATINO

Enviei rapidamente uma notícia à imprensa, dizendo que provavelmente começaria a publicar um jornal de oposição nas próximas semanas, escrito pelo Dr. Brás Cubas. Quincas Borba, ao ler a notícia, pegou a caneta e adicionou ao meu nome, de forma bem fraternal: "um dos mais gloriosos membros da última Câmara."

No dia seguinte, Cotrim entrou em minha casa. Ele parecia um pouco agitado, mas tentava mostrar calma e até alegria. Ele viu a notícia do jornal e achou que, como amigo e parente, deveria me convencer a desistir dessa ideia. Para ele, era um erro, um erro fatal. Ele disse que eu estava prestes a me colocar em uma situação difícil e trancar as portas do parlamento. Ele achava que o governo era excelente e poderia durar muito. O que eu ganharia ao irritá-lo? Sabia que alguns ministros gostavam de mim; não era impossível que eu conseguisse uma vaga, e... Interrompi e disse que já tinha pensado muito sobre essa decisão e não poderia voltar atrás. Cheguei a sugerir que ele lesse o programa, mas ele se recusou, dizendo que não queria se envolver no meu desatino.

"É um verdadeiro desatino," ele repetiu; "pense mais alguns dias e verá que é um desatino."

Sabina disse a mesma coisa à noite, no teatro. Ela deixou a filha no camarote, com Cotrim, e me chamou para o corredor.

"Mano Brás, o que você vai fazer?" perguntou, aflita. "Que ideia é essa de provocar o governo, sem necessidade, quando poderia..."

Expliquei que não queria mendigar uma vaga no parlamento; minha ideia era derrubar o governo, que eu achava inadequado, e usar uma fórmula filosófica. Garanti que sempre usaria uma linguagem educada, embora firme. A violência não era algo que eu quisesse. Sabina bateu o leque na ponta dos dedos, balançou a cabeça e voltou ao assunto com um ar de súplica e ameaça, alternadamente. Eu continuei a dizer que não, que não e que não. Desencorajada, ela me acusou de preferir os conselhos de pessoas estranhas e invejosas aos dela e do marido. "Pois siga o que lhe parecer," concluiu; "nós fizemos nossa parte." Virou as costas e voltou ao camarote.

CAPÍTULO CXLVIII / O PROBLEMA INSOLÚVEL

Eu publiquei o jornal. Vinte e quatro horas depois, apareceu em outros jornais uma declaração de Cotrim, dizendo que, embora não estivesse em nenhum dos partidos do país, achava importante deixar claro que não tinha influência nem participação na publicação do seu cunhado, o Dr. Brás Cubas, cujas ideias e atitudes políticas desaprovava totalmente. O atual governo (como qualquer outro com as mesmas características) parecia destinado a promover a felicidade pública.

Não conseguia acreditar no que lia. Esfreguei os olhos várias vezes e reli a declaração estranha e enigmática. Se ele não estava ligado a nenhum partido, por que se importaria com um incidente tão comum como a publicação de um jornal? Nem todos os cidadãos que acham bom ou ruim um governo fazem declarações à imprensa, nem são obrigados a isso. Realmente, era um mistério a participação de Cotrim nesse assunto, assim como sua agressão pessoal. Nossas relações até então tinham sido boas e amistosas; não me lembrava de nenhum desentendimento, nada, depois da reconciliação. Ao contrário, as lembranças eram de verdadeiros favores; por exemplo, quando eu era deputado, consegui alguns contratos para ele no arsenal de marinha, que ele continuava a fazer com pontualidade. Ele me disse algumas semanas antes que, no fim de mais três anos, poderia ganhar uns duzentos contos. Então, a lembrança de tal favor não impediu que ele viesse a público falar mal do cunhado? Deve haver algum motivo muito forte para essa declaração, que o levou a agir com ingratidão; confesso que era um problema difícil de entender...

CAPÍTULO CXLIX / TEORIA DO BENEFÍCIO

... Era um problema tão complicado que Quincas Borba não conseguiu resolver, mesmo estudando-o com atenção. "Pois bem," ele concluiu, "nem todos os problemas valem cinco minutos de atenção."

Quanto à crítica de ingratidão, Quincas Borba a rejeitou completamente, não porque achasse impossível, mas porque era absurda, segundo uma boa filosofia humanística.

"Você não pode negar um fato," disse ele; "o prazer de quem ajuda é sempre maior que o de quem é ajudado. O que é um benefício? É um ato que faz acabar uma certa necessidade da pessoa ajudada. Uma vez que a necessidade acaba, a pessoa volta ao seu estado anterior. Imagine que você está apertado com o cós das calças; para aliviar, você desabotoa, respira e sente um momento de prazer, e depois esquece quem fez o ato. Como não há nada que dure, é natural que a memória desapareça, porque ela não é uma planta que precisa de chão. A esperança de novos favores pode manter a lembrança do primeiro, mas isso se explica pela memória da necessidade, que faz lembrar a dor passada e sugere a precaução de um remédio adequado. Não digo que, mesmo sem essa situação, às vezes a memória do benefício persista, acompanhada de algum carinho, mas isso são exceções, sem muito valor para um filósofo."

"Mas," repliquei, "se não há razão para que a lembrança do favor dure na pessoa que recebe, menos ainda na pessoa que dá. Queria que você me explicasse isso."

“Não se explica o que é evidente,” respondeu Quincas Borba; “mas posso dizer mais. A lembrança do benefício na pessoa que ajuda se explica pela própria natureza do ato e seus efeitos. Primeiro, há o sentimento de ter feito algo bom, e depois a certeza de que somos capazes de fazer boas ações; em segundo lugar, sentimos uma superioridade em relação ao outro, que é uma das coisas mais agradáveis para o ser humano. Erasmo, em seu Elogio da Loucura, escreveu algumas coisas boas sobre isso e destacou a satisfação que dois burros têm ao se coçarem. Estou longe de rejeitar isso, mas direi o que ele não disse: se um burro coçar melhor o outro, esse vai mostrar satisfação. Por que uma mulher bonita olha várias vezes no espelho, senão porque se sente bonita e isso lhe dá uma certa superioridade em relação a outras mulheres? A consciência funciona da mesma forma; se admira quando se sente bem. O remorso é apenas o reflexo de uma consciência que se sente feia. Não se esqueça de que, sendo tudo uma simples irradiação da humanidade, o benefício e seus efeitos são fenômenos realmente admiráveis.”

CAPÍTULO CL / ROTAÇÃO E TRANSLAÇÃO

Em cada atividade, relacionamento ou fase da vida, há um ciclo inteiro. O primeiro número do meu jornal me deu uma nova energia, como se eu tivesse voltado a ser jovem. Seis meses depois, a velhice começou a chegar, e duas semanas depois, a morte, que foi secreta, como a de D. Plácida. No dia em que o jornal morreu, senti como alguém que volta de uma longa viagem. Então, se eu disser que a vida humana alimenta outras vidas, mais ou menos breves, como o corpo alimenta seus parasitas, não acho que possa incomodar ninguém. Se o homem é uma forma que nunca para de girar, mesmo em sua infinitude, a mulher é um grande mistério, que as leis da razão podem explicar. Essa força nos leva a concluir que a vida do ser humano se move de acordo com as leis do seu ser, que não é o mesmo para todos.

CAPÍTULO CLI / FILOSOFIA DOS EPITÁFIOS

Saí, me afastando dos grupos e fingindo ler os epitáfios. Eu gosto dos epitáfios; eles são, entre as pessoas civilizadas, uma forma de egoísmo que faz o homem tentar tirar da morte pelo menos uma pequena lembrança da vida que passou. Talvez por isso, as pessoas que têm seus mortos em valas comuns fiquem tão tristes; elas acham que a decomposição sem nome também pode atingi-las.

CAPÍTULO CLII / A MOEDA DE VESPASIANO

Todos foram embora; só o meu carro ficou esperando por mim. Acendi um charuto e me afastei do cemitério. Não conseguia tirar da cabeça o enterro e os choros de Virgília. Os choros, especialmente, pareciam um grande problema. Virgília tinha traído o marido e agora chorava de verdade. Isso era uma combinação complicada que não consegui entender durante todo o caminho; mas, ao chegar em casa, percebi que era possível e até simples. A dor é como a moeda de Vespasiano; não importa de onde vem, pode vir tanto do mal quanto do bem. A moral pode reclamar, mas isso não importa, já que ela recebeu as lágrimas dela. Meiga, três vezes Meiga Natura!

CAPÍTULO CLIII / O ALIENISTA

Estou ficando patético e prefiro dormir. Dormi e sonhei que era rico. Eu gostava de pensar nas diferenças entre as regiões e as crenças. Dias atrás, pensei numa revolução que poderia transformar o arcebispo de Cantuária em um simples coletor de impostos em Petrópolis. Fiz muitos cálculos para saber se o coletor tiraria o lugar do arcebispo ou vice-versa. Eram perguntas difíceis, mas na verdade tinham resposta. Um arcebispo pode ter duas partes: a oficial e a outra. Decidi que seria rico.

Era só uma brincadeira; disse isso para Quincas Borba, que me olhou com pena, me fazendo sentir que eu estava louco. Ri de início, mas a convicção do filósofo me deixou preocupado. A única objeção ao que Quincas Borba disse é que eu não me sentia louco, mas como os loucos geralmente não sabem que estão assim, isso não importava. E a ideia de que os filósofos não se importam com coisas pequenas é um mito. No dia seguinte, Quincas Borba mandou um médico para me ver. Eu já conhecia o médico e fiquei assustado. Mas ele foi muito gentil e até me deixou perguntar se eu realmente não estava louco.

- Não, ele sorriu; poucos homens têm tanto bom senso quanto você.
- Então, Quincas Borba estava errado?
- Com certeza. E mais: se você é amigo dele, peço que o distraia...
- Nossa! O senhor acha isso? Um homem tão inteligente, um filósofo!
- Não importa, a loucura pode atingir qualquer um.

Imaginem minha aflição. O médico, vendo como eu estava, tentou aliviar a gravidade do que disse. Comentou que poderia não ser nada e até que um pouco de loucura pode deixar a vida mais interessante. Eu não concordei com isso, então o médico sorriu e me contou algo tão extraordinário que merecia um capítulo só para ele.

CAPÍTULO CLIV / OS NAVIOS DO PIREU

- Lembre-se, disse o médico, daquele famoso louco de Atenas, que achava que todos os navios que chegavam ao Pireu eram dele. Ele era muito pobre e talvez não tivesse nem onde dormir, mas ele acreditava que possuía os navios, o que para ele valia muito. Todos nós temos um pouco desse louco dentro de nós. Quem jurar que nunca imaginou ter um ou dois barcos, com certeza está mentindo.
- O senhor também? perguntei.
- Também.
- Eu também?
- Sim, você também; e seu criado, que está ali batendo os tapetes.

Era verdade; um dos meus empregados estava sacudindo os tapetes enquanto conversávamos no jardim. O médico então notou que ele havia aberto todas as janelas e levantado as cortinas para que as pessoas pudessem ver a sala bonita de fora, e disse: — Seu criado acredita que os navios são dele; isso lhe traz uma grande felicidade.

CAPÍTULO CLV / REFLEXÃO CORDIAL

— Se o médico estiver certo, pensei, não há muito o que preocupar com Quincas Borba; é uma questão de mais ou menos. Mas é importante cuidar dele e evitar que ele tenha influências de outros loucos.

CAPÍTULO CLVI / ORGULHO DA SERVILIDADE

Quincas Borba discordou do médico sobre o meu criado. — Podemos dizer que seu criado tem a mesma mania do ateniense, mas isso não é a verdade. O que ele sente é algo nobre, um orgulho da servidão. Ele quer mostrar que não é um simples criado. Depois, Quincas Borba me apontou os cocheiros das casas grandes, que se acham melhores que os patrões, e os criados de hotel, que mudam conforme os clientes. Ele concluiu que isso tudo mostra um sentimento nobre, uma prova de que, mesmo servindo, o homem pode ser grandioso.

CAPÍTULO CLVII / FASE BRILHANTE

— Você é grandioso, eu disse, abraçando-o.

Era impossível acreditar que um homem tão inteligente pudesse ficar louco; disse isso a ele, mencionando a preocupação do médico. Não consigo descrever o quanto isso o afetou; ele pareceu tremer e ficou pálido.

Nessa época, eu me reaproximei de Cotrim, mas não sabia por que havíamos brigado. Essa reconciliação foi boa, porque a solidão estava me pesando e eu me sentia cansado. Logo fui convidado para me juntar a uma Ordem Terceira, mas só fui após consultar Quincas Borba:

— Vá se quiser, disse ele, mas só temporariamente. Estou pensando em adicionar uma parte religiosa à minha filosofia. O Humanitismo será uma religião no futuro, a única verdadeira. O cristianismo é bom para mulheres e pobres, e as outras religiões não são melhores; todas são iguais. O céu cristão é parecido com o céu muçulmano; e o nirvana de Buda é só uma ideia de fracos. Você verá como será a religião humanística. A absorção final, a fase de retorno, é a recuperação da essência, não o seu fim. Vá onde quiser, mas não esqueça que você é meu califa.

Vejam minha modéstia; entrei na Ordem Terceira de ***, assumi alguns cargos, e essa foi a melhor fase da minha vida. Porém, não vou contar nada disso, nem os serviços que fiz aos pobres e doentes, nem as recompensas que recebi. Não vou dizer nada.

Talvez a sociedade pudesse aprender algo se eu mostrasse que todos os prêmios do mundo são pequenos perto da recompensa que sentimos ao ajudar. Mas isso quebra o silêncio que prometi. Além disso, os sentimentos são difíceis de explicar; e se eu contar um, teria que contar todos, e isso

se tornaria um capítulo de psicologia. Só posso afirmar que foi a fase mais brilhante da minha vida. As situações eram tristes e monótonas, mas a alegria que trazemos para os doentes e pobres é uma recompensa valiosa. Não me digam que é negativa só porque o obsequiado é quem a recebe. Não; eu sentia essa alegria de forma indireta, e isso me fazia sentir bem comigo mesmo.

CAPÍTULO CLVIII / DOIS ENCONTROS

Depois de alguns anos, fiquei cansado do trabalho e saí, mas não antes de receber um bom presente, que me garantiu um retrato na sacristia. Mas não posso terminar este capítulo sem contar que vi morrer no hospital da Ordem... adivinhem quem?... a linda Marcela; e vi-a morrer no mesmo dia em que, ao visitar um cortiço para dar esmolas, encontrei... Aposto que não conseguem adivinhar... encontrei Eugênia, a filha de D. Eusébia e do Vilaça, tão coxa como antes, e ainda mais triste.

Quando ela me viu, ficou pálida e baixou os olhos, mas isso durou só um instante. Depois, levantou a cabeça e me encarou com dignidade. Eu percebi que ela não aceitaria esmolas minhas, então estendi a mão como faria a esposa de um homem rico. Ela me cumprimentou e foi para dentro de casa. Nunca mais a vi; não soube nada sobre sua vida, se a mãe morreu ou o que a trouxe para essa situação. Sei que continuava coxa e triste. Foi com essa impressão que cheguei ao hospital, onde Marcela havia sido internada na véspera e onde a vi morrer meia hora depois, magra e fraca.

CAPÍTULO CLIX / SEMIDEMÊNCIA

Percebi que estava velho e precisava de ajuda; mas Quincas Borba havia partido seis meses antes para Minas Gerais e levou consigo a melhor filosofia. Ele voltou quatro meses depois e entrou em casa uma manhã quase como eu o vi no Passeio Público. A diferença é que seu olhar estava diferente. Ele parecia louco. Me contou que, para melhorar o Humanitismo, queimou todo o manuscrito e ia recomeçá-lo. A parte religiosa estava completa, embora não escrita; era a verdadeira religião do futuro.

— Você jura por Humanitas? perguntou.

— Você sabe que sim.

Minha voz mal conseguia sair. Além disso, não percebi toda a dura verdade. Quincas Borba não estava apenas louco; ele sabia que estava louco, e essa pequena parte de consciência complicava muito a situação. Ele sabia e não se importava; dizia que isso era uma prova de Humanitas, que ele estava mais alto que os outros homens. Não era um filósofo qualquer. Era o mestre da filosofia.

CAPÍTULO CLX / DAS NEGATIVAS

O pior de tudo é que Quincas Borba não se importava com a vida dos pobres, que eram insignificantes; ele não via isso. Ele só pensava que os pobres deviam ser ajudados se trouxessem vantagens à sociedade. Ele não aceitaria esmolas. Isso foi tão interessante que decidi ir a uma festa no

dia seguinte. E assim, ao entrar, lembrei que Quincas Borba havia desaparecido. Ao olhar ao redor, percebi que todos dançavam e riam, mas estava triste, porque tinha certeza de que não conseguiria ser feliz, pois já não pensava da mesma forma que antes. Olhei para uma mulher muito bonita, e isso me deu esperança.